

VICTALINA MARIA PEREIRA DI GIANNI

O IDOSO – HOMEM – E O SEU ENVELHECER

Franca

2001

VICTALINA MARIA PEREIRA DI GIANNI

O IDOSO – HOMEM – E O SEU ENVELHECER

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Câmpus de Franca, para a obtenção do título de Doutora em Serviço Social (Área de Concentração: Serviço Social, Trabalho e Sociedade).

Orientadora:

Prof^ª. Dr^ª. Noemia Pereira Neves

Franca

2001

VICTALINA MARIA PEREIRA DI GIANNI

O IDOSO – HOMEM – E O SEU ENVELHECER

COMISSÃO JULGADORA

Presidente e Orientadora: *Profa. Dra. Noemia Pereira Neves*

2º Examinador: *Profa. Dra. Edna Julia Scombatti Martins*

3º Examinador: *Profa. Dra. Maria Zita Figueiredo Gera*

4º Examinador: *Prof. Dr. Mário José Filho*

5º Examinador: *Profa. Dra. Nagila Jamile Santos Machado de Araujo*

Franca, 31 de janeiro de 2001

DADOS CURRICULARES

VICTALINA MARIA PEREIRA DI GIANNI

Nascimento	03/12/1936
Filiação	Tércio Baptista Pereira Ludovina Florentino Pereira
1960/ 1964	Curso de Graduação em Serviço Social – Escola de Serviço Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
1965/ 1994	Assistente Social – Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social
1983/ 1985	Curso de Pós-Graduação em Serviço Social nível de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
1997/ 2000	Curso de Pós-Graduação – nível Doutorado Faculdade de História, Direito e Serviço Social – Universidade Estadual Paulista – Unesp – Câmpus de Franca
1979/ 2001	Professora Assistente – Departamento de Serviço Social – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – Universidade Estadual Paulista – Câmpus de Franca.

Agradeço de modo especial

a Deus por ter-me possibilitado vencer mais esta etapa.

a Giovanni, Angela Cristina e Jorge Luiz, Tércio, Ana Lúcia e Luiggi pela paciência, apoio, compreensão e ajuda recebida.

Ofereço aos netos Thaís e Giovanni.

AGRADECIMENTOS

Muitas foram as contribuições que tornaram possível a elaboração dessa tese. Nossa imensa gratidão a todos que de uma forma ou outra, nos honraram com sua colaboração:

- aos idosos pelas lições aprendidas e pela partilha neste estudo;
- aos acadêmicos de Serviço Social que estagiaram na UNATI, pela participação para fortalecimento da valorização do idoso;
- aos professores da UNESP, do Departamento de Serviço Social e demais professores que dividiram seus saberes, compartilhando do projeto de extensão universitária UNATI;
- aos profissionais da comunidade francana pela doação, estímulo e partilha;
- aos funcionários Pádua e Mauro, um obrigado é pouco para agradecer a dedicação e apoio;
- de modo especial, a Professora Noemia pela atenção, orientação e competência com que nos estimulou para chegarmos a este final;
- a todos aqueles que solidários em silêncio, em pensamento, em orações, na amizade, nos acompanharam nessa caminhada.

obrigada.

“O que há de essencial no ser humano não envelhece e é por isso que o amor não envelhece, mas amadurece.”

(Melo)

O IDOSO NA ATUALIDADE

QUERO CONTAR-LHE UM SEGREDO:

Nem vi o tempo passar
A idade aumentando,
Sabedoria redobrando
De acordo com o caminhar.

Todos dizem com carinho
Como é sábio o bom velhinho
Aquele ali, trôpego a caminhar.

Jovens! Espelhe-se nos idosos
Pois eles como vocês, já foram
peraltas, valentes, audazes também.
Nada como a escola da vida,
A mostrar que rumo tomar.

Nos conduzindo a existência,
Fortalecendo a paciência,
No dia-a-dia a enfrentar.

Idoso! Reconheço que a felicidade,
Só chega com a idade,
Ensina-me a chegar lá.

Susana Helena de Oliveira Martins
(aluna da UNATI: 27/09/2000)

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	10
RESUMOS	12
INTRODUÇÃO	16
I. A TERCEIRA IDADE DESAFIO NESTA TRANSIÇÃO DE SÉCULO	23
1. A COMPLEXIDADE DO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO	28
2. A VELHICE: ETAPA DE VIDA COM POSSIBILIDADES DE REALIZAÇÕES PESSOAIS E SOCIAIS	40
3. INTER-RELAÇÕES SOCIAIS DO COTIDIANO VIVENCIAL DOS IDOSOS	55
3.1. Relações Sociais: A Família	55
3.2. O Trabalho	60
3.3. O processo educacional	67
II. O CAMPO DA PESQUISA	
1. REPRESENTAÇÃO ESPACIAL E TEMPORAL DO UNIVERSO DA PESQUISA	72
1.1. Emergência Histórica da Universidade Aberta à III Idade – Universidade Estadual Paulista – Franca	72
1.2. O perfil dos alunos da UNATI	74
2. O CONTEXTO METODOLÓGICO DA PESQUISA ...	87
III. O ENVELHECER NA FALA DOS SUJEITOS DA PESQUISA	93
1. AS RELAÇÕES SOCIAIS DOS IDOSOS	98

2.	A QUESTÃO DO TRABALHO NA VIDA DO IDOSO	103
3.	O PROCESSO EDUCACIONAL VIVENCIADO PELOS IDOSOS	110
4.	O ENVELHECER NA ÓTICA DO IDOSO	116
5.	NOVOS PROJETOS DE VIDA: A UNATI COMO ALTERNATIVA	119
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
	BIBLIOGRAFIA	132
	ANEXOS	138

LISTA DAS TABELAS

TABELA 1: Os sujeitos de acordo com idade, sexo e estado civil	76
TABELA 2: Os sujeitos de acordo com idade, sexo e escolaridade	79
TABELA 3: Os sujeitos de acordo com sexo, ocupação e renda mensal	80
TABELA 4: Os sujeitos de acordo com sexo, moradia e partilha de problemas pessoais	82
TABELA 5: Os sujeitos de acordo com ocupação do tempo livre	84
TABELA 6: Alunos e não-alunos da UNATI Segundo idade e estado civil	94
TABELA 7: Alunos e não-alunos da UNATI segundo faixa etária e idade em que começaram a trabalhar	95
TABELA 8: Alunos e não-alunos da UNATI segundo profissão e fonte de renda	96
TABELA 9: Alunos e não-alunos da UNATI segundo idade e escolaridade	98

TABELA 10: Alunos e não-alunos da UNATI segundo atividades ocupacionais	99
---	----

TABELA 11: Alunos e não-alunos da UNATI segundo ocupação de tempo livre	99
---	----

RESUMO

O tema central de nossa investigação é o envelhecer das pessoas, ressaltando a singularidade de situar no processo de envelhecimento, o idoso do sexo masculino, objetivando identificar qual o significado que tem para ele, esse envelhecer e como se prepara ou não, para esta fase da vida.

Construímos a trajetória deste estudo a partir da visão de que o viver é o conjunto de atos que revelam a exteriorização de todas as influências que a pessoa recebeu em seu cotidiano e que traduzem a sua identidade.

Assim, delineamos no contexto desta investigação, reflexão sobre marcos referenciais teóricos que informam e embasam os desafios do complexo processo de envelhecimento, bem como, as alternativas oferecidas pelas teorias gerontológicas acerca dos possíveis espaços para realizações pessoais e sociais que propiciam um envelhecer mais saudável desde que haja uma auto preparação voltada para este fim.

Para chegar até ao homem idoso deste estudo, delineamos um perfil dos idosos em geral que participam do projeto de extensão universitária mantido pela Universidade Estadual Paulista - UNESP - Câmpus de Franca, para numa segunda aproximação qualitativa, identificarmos as peculiaridades com que os nossos sujeitos exteriorizaram sua visão sobre o envelhecer.

A constatação a que chegamos foi a de que o envelhecer foi considerado pelos homens como processo natural da vida, expressado sob diferentes enfoques que contém significativos conteúdos que deixam transparecer toda uma vivência impregnada de valores, normas, alegrias, frustrações. O importante é que o envelhecer não significa parar de aprender, parar de viver.

Os ângulos que este tema suscita para reflexões são muitos, mas este aqui focado, a nosso ver, se constitui relevante para abrir espaços para maior valorização do idoso enquanto homem em busca de sua plena realização humana.

ABSTRACT

The central subject of our inquiry is to age of the people, standing out the singularity to point out in the process of aging, the aged one of the masculine sex, objectifying to identify to which the meaning that has for it, this to age and how they prepares or not, to this place of the life.

We constructed the path of this study from the vision of that the life is the set of acts that disclose the uttering all the influences that the person received in its daily and that they translate its identify.

Thus, we delineated in the context of this inquiry, reflection on theoretical indications landmarks that inform and base the challenges of the complex process of aging, as well as, the alternatives offered for the social theories concerning the possible spaces for personal accomplishments and social that propitiates one to age more healthful since that it has a training come back to this end.

To arrive until the aged man of this study, we delineated a profile of the aged ones in general that they participate of the plan of university extension kept by the Universidade Estadual Paulista - Câmpus de Franca, in order to a second qualitative approach, to identify the peculiarities with that our citizens uttered its vision on aging.

The certification the one that we arrived, was of that aging it was considered by the men as natural process of the life, expressed under different approaches that contain significant contents that leave to be transparent all an impregnated experience of values, norms, joys, frustrations. The important one is that aging is does not mean to stop to learn, to stop of living.

The angles that this subject excites for reflection are many, but this focused constitute ours to see, important to open space for bigger valuation of the aged one while man, in searching of its fuller accomplishment human being.

RESUMEN

El tema central de nuestra investigación es el envejecer de las personas, resaltando la singularidad de situar en el proceso de envejecimiento, el idoso del sexo masculino, objetivando identificar cual el significado que tiene para él, ese envejecer y como se prepara o no, para esta fase de vida.

Construimos la trayectoria de este estudio a partir de la óptica de que el vivir es un conjunto de actos que revelan la exteriorización de todas las influencias que la persona recibió en su cotidiano y que traducen a su identidad. Así, delineamos en el contexto de esta investigación, reflexión sobre marcos referenciales teóricos que informen y embasen los desafíos del complejo proceso de envejecimiento, bien como, las alternativas ofrecidas por las teorías gerontológicas acerca de los posibles espacios para realizaciones personales y sociales que propicien un envejecer más saludable desde que haya una auto preparación revertida para este fin.

Para llegar hasta el hombre idoso de este estudio, delineamos un perfil de los idosos en general que participan del proyecto de la extensión universitaria, mantenido por la Universidade Estadual Paulista - UNESP - Câmpus de Franca. Para una segunda aproximación cualitativa, identificamos las peculiaridades con que nuestros sujetos exteriorizan su mirada sobre el envejecer.

La constatación a la que llegamos fue la de que envejecer, fue considerado por los hombres como proceso natural de la vida, expresado sobre diferentes enfoques que contienen los significativos contenidos que dejan transparecer toda una vivencia impregnada de valores, normas, alegrías, frustraciones. Lo importante es que el envejecer no significa parar de aprender, parar de vivir.

Los ángulos que este tema suscita para reflexión son muchos, pero este enfoque constituye a nuestro ver, un relevante abrir espacio para mayor valorización del idoso, en cuanto hombre en busca de su plena realización humana.

RIASSUNTO

Il tema centrale della nostra investigazione è o invecchiare delle persone, risaltando la singolarità di situare nel processo di invecchiamento, il vecchio dello sesso maschili, oggettivando identificare quale il significato che há per lei, questo invecchiare ed come si prepara o no, per questa fase della vita.

Construimi la traiettoria di questo studio alla partenza della visione di che il vivere è il congiunto di atti che rivelano la esteriorizzazione di tutte le influenze che la persona ha ricevuto in suo quotidiano ed che traducono la sua identità.

Così, delinearli nel contesto di questa investigazione, riflessione sui marchi riferenziali teorici che informano ed chi danno base ai sfide del complesso processo di invecchiamento, bene come, le alternative offerte per le teorie gerontologiche intorno dei possibili spazi per realizzazioni personali ed sociali che propiziano un invecchiare più salubre dato che tiene un'auto preparazione volgerata per questo fine.

Per arrivare fino all'uomo vecchio di questo studio, delinearli un profilo dei vecchi in generale che partecipano del progetto di estensione universitaria mantita per la Universidade Estadual Paulista – UNESP - Câmpus de Franca, per d'una seconda approssimazione qualitativa, indentificarli le peculiarità con che i nostri soggetti esteriorizzarono sua visione sotto il invecchiare.

La constatazione che arriviamo fu di che il invecchiare fu considerato per gl'uomini come processo naturale della vita, esprimendo sotto differenti modi di mettere fuoco che ho contenuto significative contenuti che ho lasciato trasparire tutta una vivencia impregnata di valori, norme, allegrie, frustrazioni. L'importante è che il invecchiare no significa fermare d'imparare fermare da vivere.

Gl'angoli che questo tema suscita per la riflessione sono molte, più questo fuoco costituisce al nostro vedere, rilevante per aprire spazio per maggiore valorizzazione del vecchio mentre uomo in busca da sua piena realizzazione umana.

INTRODUÇÃO

A realização deste estudo tem por objetivo analisar o significado do envelhecer para o idoso do sexo masculino, assim como sua preocupação ou não, em se preparar para esta fase da vida.

Na amplitude do tema envelhecer consideramos relevante centrar o enfoque na figura masculina porque em nossos procedimentos investigativos sobre referenciais teóricos acerca das questões ligadas a idosos, há importantes recomendações relativas à perspectiva de vida mais saudável e com satisfação mais plena de interesses, aspirações, na medida em que a pessoa se prepara para esse envelhecer. O fato dos dados demográficos demonstrarem menor longevidade do homem em relação à mulher, nos levou a problematizar também, neste estudo, a possível correlação que pudesse existir entre a sua não preparação para melhor qualidade vivencial na velhice e a redução de seu tempo na vida.

A escolha deste tema foi influenciada também, por fatos objetivos e reais vivenciados em nossa trajetória enquanto profissional assistente social e na academia, como docente, associada à constante preocupação em estudar, conhecer e agir em busca de propiciar direta ou indiretamente, melhores condições de vida a pessoas deste segmento etário.

Um outro fator a ponderar na nossa identificação com pessoas idosas, e que vem acompanhando o desenrolar de nossa vida familiar e profissional é a lembrança da expressão italiana que escutávamos quando criança e ainda hoje calcada em nossa memória: **“La vecchiaia é bruta”**, isto é, a velhice é sofrida.

Assim é que nossa pesquisa na dissertação de mestrado com o título: **“A convivência social do idoso francano”**, teve por objetivo conhecer a pessoa idosa, suas necessidades e aspirações e o potencial da rede de recursos formais e informais existentes em Franca, para compatibilização de seu atendimento.

Com o passar dos anos o aprofundar nossos estudos teóricos e o desenvolver ações profissionais voltadas para atendimento às pessoas idosas, permitiu ampliar nossos conhecimentos acerca destas questões. Entendemos que tão importante quanto trabalhar profissionalmente na intervenção das situações problemáticas vivenciadas pelos idosos, seria realizar estudos mais científicos sobre as causas destas questões e subsidiar outras alternativas para o bem-estar das mesmas.

Há ainda a mencionar neste contexto, estarmos sempre constatando que em programas sociais e ou assistenciais, eventos, congressos, promoções de lazer e outras atividades abertas a todo cidadão, a presença masculina é sempre reduzida, traduzindo para nós em questionamentos a buscar respostas, fundamentações que expliquem à luz de reflexão mais criteriosa, científica, as razões dessa ausência. Este ângulo do tema ora proposto para nosso estudo, parece estar a descoberto, incitando-nos a dar relevância a este enfoque específico.

Nesta perspectiva, inserimos nesta introdução, alguns posicionamentos expressos em conceitos, os quais achamos fundamentais para facilitar a maior compreensão sobre nossa visão pessoal, acerca do envelhecer e que nortearam a forma como conduzimos nosso estudo.

O envelhecer constitui uma etapa de vida humana em que as pessoas, tanto o homem como a mulher, enfrentam múltiplas seqüelas do processo de envelhecimento. Etapa que o nosso ver, é um desafio na medida em que a busca de alternativas efetivamente, viabilizam minimizar os seus efeitos, atuando sobre os fatores de ordem física, econômica, social, cultural, política, religiosa que dificultam um envelhecer mais satisfatório.

Terceira idade, maioridade, idoso, Senior, velho, são expressões contestadas, criticadas, não aceitas por grande maioria das pessoas que sentem a aproximação dessa fase de vida que todo ser humano acaba passando, quando algo não a interrompe antes de sua chegada.

Preferimos usar o termo idoso que nos parece ser menos estigmatizante, e que para nós é considerado a pessoa como um todo, em sua

dimensão histórica, com necessidades físicas, sociais, psicológicas, mentais, econômicas, políticas, religiosas, buscando sempre a sua auto satisfação, o seu desenvolvimento mais pleno.

No processo de elaboração do presente estudo, a proposta central de pesquisa se prendeu a conhecer como o idoso do sexo masculino, vê o seu envelhecer e como se auto prepara para o mesmo. A construção do objeto se prendeu à perspectiva de analisar a conduta do idoso homem, em relação a essa auto preparação.

Nessa perspectiva tivemos o cuidado de delinear o contexto sócio-cultural, espacial e temporal com seus fatores intrínsecos e extrínsecos e suas influências na formação, manutenção ou reprodução exteriorizada pelos nossos sujeitos, no tocante à forma de explicitar a sua realidade de vida.

Dessa forma, constituindo componentes da fase exploratória desta investigação, apresentamos num primeiro momento, considerações e marcos referenciais básicos como:

- o processo de envelhecimento como desafio nesta transição de século, não só para os idosos, como para suas famílias e para a sociedade, quando elencamos algumas considerações sobre o acelerado crescimento da população idosa no Brasil; entre outras referências, citamos as recomendações que são feitas pela Organização Mundial da Saúde, quanto as correlações entre a preservação da vida e as condições vivenciadas pelas pessoas em termos de cuidados com a saúde, condições de vida sociais, econômicas, políticas e culturais;
- enfoque da velhice como etapa de vida com possibilidades de realizações pessoais e sociais que permitem uma perspectiva de melhores condições de vida para o amanhã. Embasamos esse enfoque em conteúdos das teorias sociais sobre o envelhecimento que passam a compor um aspecto do quadro teórico deste estudo;
- referências às interrelações sociais no cotidiano dos idosos, as quais são marcos do tempo, no tempo e no espaço de formação da

identidade de cada ser humano e que influenciam a adoção de condutas face à realidade da vida.

Na segunda parte deste estudo, enfocamos no contexto da pesquisa, procedimentos metodológicos tendo por critério a opção pela pesquisa qualitativa para levantar, analisar e compreender os processos dinâmicos vividos pelos sujeitos.

Numa seqüência situamos o universo da pesquisa, caracterizando procedimentos no tocante a sua localização espacial e temporal. Preocupamo-nos em apresentar uma síntese histórica para fundamentar a iniciativa de implantação e funcionamento da UNIVERSIDADE ABERTA À III IDADE – UNATI; na Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Câmpus de Franca – que surgiu com o objetivo de ser um espaço cultural que pudesse vir a atender às necessidades de preparação para a velhice.

Em seguida, apresentamos o procedimento metodológico por nós utilizado para este estudo cujos pressupostos estão implícitos na pesquisa qualitativa, que segundo Martinelli, se inicia pelo **“reconhecimento da importância de se conhecer a experiência social do sujeito e não apenas as suas circunstâncias de vida”** (Martinelli, 1994, p.13).

Assim, visando uma primeira aproximação dos sujeitos de nosso estudo, realizamos um levantamento de dados que nos possibilitou traçar o perfil dos idosos/ alunos que participavam da UNATI, em 1999, que apresentamos no contexto desta pesquisa. Para chegarmos a uma reflexão qualitativa com os sujeitos de nosso estudo, realizamos uma segunda aproximação, delimitando o enfoque especificamente, para o idoso do sexo masculino.

Apresentamos como suporte metodológico para coleta de dados, a utilização de instrumental que permitisse não descaracterizar a modalidade do documento usado na primeira fase, objetivando colher maiores informações sobre o cotidiano dos sujeitos pesquisados.

Para efetuarmos uma leitura analítica da realidade vivenciada pelos sujeitos, tornava-se indispensável construir um roteiro técnico científico que

possibilitasse confiabilidade e fidedignidade aos resultados a obter, devidamente associado ao viver cotidiano dos mesmos. Desta forma, em comum acordo com Martinelli, “**a realidade do sujeito é conhecida a partir dos significados que por ele são atribuídos**” (Martinelli, 1994, p.14).

Nas diferentes etapas da vida do ser humano, ele convive com diversos grupos sociais que direta ou indiretamente, contribuem para formação de sua identidade, seus valores, interagem em sua conduta, definimos pela adoção de grupos temáticos que nucleariam informações pertinentes ao objetivo proposto, os quais ficaram assim constituídos:

- as relações sociais no cotidiano dos idosos;
- o processo educacional vivenciado pelos idosos;
- a questão do trabalho na vida do idoso;
- o envelhecer na ótica do idoso;
- os novos projetos de vida: a UNATI como alternativa.

Pudemos sentir pela caracterização dos idosos em geral que participam da UNATI, que seu cotidiano vivencial contribuiu para a adoção de novo projeto de vida que viesse complementar as necessidades nesta fase de suas vidas. Estes aspectos, contudo, pediam maiores esclarecimentos que pudessem nos oferecer maior fundamentação para afirmarmos que “**La vecchiaia é bella ancora che brutta**”, isto é, a velhice é bela ainda que sofrida.

Assim, numa seqüência de procedimentos metodológicos, adotamos o critério de entrevistar também um grupo de idosos homens não participantes da UNATI, seguindo os mesmos cuidados usados na definição da amostragem em relação aos idosos/ alunos, ou seja, faixa etária acima de 50 anos, escolha aleatória, questões iguais, diferenciando apenas em relação a dados sobre novos projetos de vida. Nesta busca qualitativa a representatividade numérica se elevou a 42 sujeitos.

Compõe portanto, a segunda parte do presente trabalho, a seqüência de informações acrescida da análise dos achados para a qual adotamos em sua organização e apresentação, o critério de interrelacionar os dados quantitativos que incluíram respostas agrupáveis, em tabelas que permitissem tecnicamente, a

entrada de informações simultâneas, acompanhadas de comentários analíticos para facilitar sua leitura.

Necessário se torna esclarecer que os idosos se comprometeram a serem sujeitos desta pesquisa condicionando sua presença a não identificação de suas falas por nenhuma forma. Assim, neste trabalho, a apresentação das mesmas não contém identificações.

Em seguida à coleta e sistematização dos dados das entrevistas, procedemos à análise dos mesmos, através do método da análise de conteúdo.

Apresentamos ao final, algumas considerações finais que a realização desta pesquisa possibilitou, ficando claro que esta fase da vida na velhice, é uma etapa de investimentos, uma vez que sempre há tempo e o que aprender para viver, comprovando assim, a relevância peculiar deste estudo, com a pretensão que ele venha a se constituir em uma séria contribuição à pessoa humana e a profissionais da área.

I. A TERCEIRA IDADE:

DESAFIO NESTA TRANSIÇÃO DE SÉCULO

1. A COMPLEXIDADE DO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO
2. A VELHICE: ETAPA DE VIDA COM POSSIBILIDADE DE REALIZAÇÕES PESSOAIS E SOCIAIS
3. AS INTERRELAÇÕES SOCIAIS NO COTIDIANO VIVENCIAL DOS IDOSOS

“Em cada etapa de vida

Sonhos se alimentaram

Surpresas, planos e lutas

Certamente perpassaram

Vibrações, desilusões

Em vida se transformaram”

(Melo)

A TERCEIRA IDADE: desafio nesta transição de século

**“O presente só existe quando se transcende
para o futuro a partir do passado”**

(Beauvoir)

Esta afirmação tem um significado muito especial uma vez que acreditamos que se desfrutamos na realidade de hoje, de um bem-estar, dos avanços que vêm acontecendo nas áreas das ciências, do saber, do crescimento tecnológico, proporcionando maiores comodidades e conforto às populações, indubitavelmente é mérito dos que nos precederam.

Em nossa intenção por aprofundar estudos sobre as questões de envelhecimento, observamos que existe uma crescente preocupação e vários estudos comprovando que medidas protetoras objetivando preservar a vida humana, estão sendo colocadas em prática, contribuindo para sua maior longevidade.

Ao chegarmos no limiar deste novo século e lançando um olhar para o passado, constatamos que desde os primórdios das civilizações, há registros históricos sobre esta preocupação. Alguns países considerados mais desenvolvidos ou que se preocupam com as medidas de preservação da vida, do meio ambiente, apresentam características que explicam porque vêm conseguindo atingir níveis mais significativos de expectativa de longevidade.

A Organização Mundial da Saúde reconhece que o processo de envelhecimento tem relações nítidas com a cultura, condições sócio-econômicas, sanitárias individuais ou coletivas, as quais influenciam sobremaneira nas condições vitais das pessoas. Acrescenta-se que tem a ver também, com as políticas públicas que formuladas e colocadas em prática, vão intervir de maneira favorável pela vida ou, então, dificultá-la, relegando a

segundo plano a adoção de medidas que contribuem para acelerar os riscos de vida e até a própria morte.

Em 1996, foi realizado em Brasília, o Seminário Internacional sobre Envelhecimento Populacional: uma agenda para o final do século, versando sobre as questões ligadas ao envelhecer. Foram 38 países que se fizeram representar por especialistas da área. Entre os princípios de ação recomendados para inclusão em uma agenda de atenção especial a idosos, destacamos:

“As necessidades de uma população em envelhecimento devem ser abordadas no contexto de uma política social ampla e deve ter uma perspectiva de curso de vida. Intervenções devem ocorrer ao nível da comunidade ao invés de focar somente o indivíduo e devem ser culturalmente relevantes”.

(Brasília, 1996, p.77)

A questão da velhice quer enfocada sob o prisma de exclusão, desprovida de bens materiais, anônima, relegada a um segundo plano, ou sob o ponto de vista de bem situada economicamente, constitui faceta de desafio nesta transição de século.

Essa afirmação veiculada a todo momento nos meios de comunicação e ressaltada nos textos de conceituados escritores estudiosos do assunto, está presente na realidade brasileira e sobre ela nos propomos nesta tese, a apresentar uma reflexão numa perspectiva de maior compreensão e delineamento dos seus vários ângulos ou causas centrais.

Ao nos reportarmos aos estudos que realizamos sobre esta temática, observamos que do ponto de vista dos dados demográficos, há registro de que em torno do século XVI, surgem censos populacionais que começam a estabelecer critérios que permitem visualizar o aspecto social do envelhecimento e o seu significado quanto ao atendimento digno que cada cidadão tem direito. Anteriormente a este marco, há informes sobre valores levados em conta em cada sociedade, no tocante à consideração para com a

pessoa idosa. Alguns povos levavam em conta, por exemplo, a capacidade física como medida para indicar juventude ou velhice. Outros grupos já atribuíam valores ligados aos conhecimentos e experiência de vida das pessoas. Os valores religiosos e filosóficos também desempenharam papel importante na consideração a ser atribuída aos mais velhos, assim como da solidariedade humana e ao respeito aos mais velhos, fatores estes, ligados extremamente à tradição das religiões cristãs.

A história da economia no Brasil informa sobre as expressivas transformações ocorridas no século XIX, nos modos de vida, resultantes das inovações introduzidas nas formas de organização da produção de bens e da própria sociedade. A grande maioria das pessoas se envolveu no mercado produtivo, ocupando grande parte do seu tempo fora de casa. Desde então, os relacionamentos começaram a sofrer alterações. Todos na família trabalhavam e a comparação do ritmo de produção entre os mais jovens e os mais velhos, passou a ser levado em consideração na definição de velhice.

Uma das conseqüências deste fato foi o envelhecimento passar a ser visto com destaque, principalmente na área do trabalho, estendendo-se esta forma de conceito sobre velhice para toda a população. Os mais velhos começaram então, a ser relegados a um nível secundário, porque os mais jovens eram vistos como trabalhadores que possuíam maior capacidade, habilidade, agilidade para o trabalho. A pessoa passando a ser considerada velha, levou automaticamente, à ampliação dos dados censitários relativos à velhice.

No estudo do envelhecimento de uma população, é necessário levar em consideração de um lado, a expectativa da vida média do ser humano e, de outro, a proporção de idosos que existe nessa população. Sabemos que a esperança de vida média ao nascer está interligada a cuidados e condições de manutenção da saúde no decorrer da existência humana. Havendo fatores favoráveis, naturalmente ocorrerá o prolongamento da vida, portanto, um número maior de pessoas chegará até idades mais avançadas. Na medida em que ocorrer maior tempo médio de sobrevivência, haverá conseqüentemente, necessidade de

um planejamento mais amplo e adequado para atender a todos os idosos que apresentam longevidade.

A outra faceta deste desafio se prende à questão do número de pessoas idosas presentes em uma população. Na realidade brasileira, a legislação estipula idosa a pessoa que atingiu 60 anos ou mais. Os dados estatísticos da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, apontam no quadro ilustrativo abaixo, a distribuição das pessoas por grupos etários, oferecendo um visual de crescimento da população com mais de 60 anos.

TABELA: População total e de 65 anos e mais por sexo no Brasil – 1940 – 1991 e Projeção ano 2000 – 2020

	População Total			População 65 anos e mais			Prop. de Pessoas de 65 e mais		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
1940	20.568.449	20.564.465	41.132.884	445.289	534.550	979.839	2,16	2,60	2,38
1950	25.831.124	25.996.641	51.827.765	624.036	723.999	1.348.035	2,42	2,78	2,60
1960	35.000.610	34.957.255	69.957.865	926.474	988.531	1.915.005	2,65	2,83	2,74
1970	45.670.874	46.506.258	92.177.110	1.385.869	1.543.607	2.929.476	3,03	3,32	3,18
1980	59.058.186	59.816.479	118.874.665	2.225.606	2.544.826	4.770.432	3,77	4,25	4,01
1991	72.485.122	74.340.353	146.825.475	3.215.824	3.870.023	7.085.847	4,44	5,21	4,83
2000	83.399.700	85.689.100	169.088.800	3.634.800	5.023.200	8.658.000	4,36	5,86	5,12
2010	94.651.100	97.376.100	192.027.200	4.612.700	6.579.300	11.192.000	4,87	6,76	5,83
2020	104.682.400	107.800.000	212.402.400	6.672.800	9.551.200	16.224.000	6,37	8,86	7,64
	0	0							

Fonte: Fundação IBGE. Censos Demográficos de 1940 a 1991 e MACHADO. C.C., 1993

Observamos que estes dados informam não só o crescimento da população idosa mas ressaltam a diferenciação constante em relação ao sexo, mostrando a predominância numérica das mulheres em relação aos homens, acentuando-se na proporção em que ambos avançam em idade.

Berquó, profissional especialista em estudos demográficos, explica que esta diferença está ligada à própria desigualdade de crescimento dos dois grupos etários. Uma outra explicação está associada à situação da mortalidade diferencial por sexo e que no Brasil, sexo feminino tem apresentado índice de

maior longevidade. Há indicadores oficiais, 1993, de que a esperança média de vida para os homens, gira em torno de 65 anos e para as mulheres, 67 anos.

A probabilidade da pessoa ter uma vida mais prolongada é, portanto, um fenómeno que vem aumentando nos censos estatísticos, demonstrando a sua influência no crescimento da população idosa. As conquistas tecnológicas, avanços nas áreas da saúde e do social, têm contribuído para esta realidade. Os programas e atividades de proteção à saúde envolvendo prevenção de doenças e problemas que debilitam o organismo, bem como, cuidados alimentares, higiênicos, exercícios físicos têm minimizado perdas funcionais na caminhada pela vida.

Decorre deste aumento de vitalidade, a preocupação de como atender às pessoas que ativas dentro de nossa sociedade, vão requerer bens e serviços à disposição para satisfazer as suas múltiplas necessidades. Não deixa de ser portanto, um desafio a mais.

A constatação da gerontóloga social Orfelina Vieira Melo, em estudo que realizou no Rio Grande do Sul acerca dos hábitos de vida e aposentadoria dos gaúchos, vem consolidar a validade e necessidade de implantação de políticas e canalização de recursos para fazer frente a esta nova situação. Orfelina concluiu em seus estudos, que a longevidade dos gaúchos é a que atinge maior nível no Brasil, uma vez que a expectativa média de vida é de 72 anos e meio. Como causa desse índice, está a associação a hábitos alimentares, tipo de clima e poder aquisitivo das pessoas.

Esta situação é preocupante na medida em que no país predomina uma política de desenvolvimento capitalista e que o interesse maior tem sido investir na criança, tendo em vista o retorno potencial em termos de produtividade no amanhã. É visível que não há priorização por investir na população idosa que já não participa mais do sistema econômico produtivo.

1. A COMPLEXIDADE DO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

A partir do pensamento inicial de Simone de Beauvoir acerca da valorização do passado no presente, tendo em vista o futuro, consideramos de capital importância tecer algumas ponderações a respeito da complexidade do processo de envelhecimento as quais têm muito a ver com uma das problematizações deste nosso estudo: porque a velhice é sofrida.

O processo de envelhecimento não pode ser estudado apenas do ponto de vista demográfico. Esta é uma realidade que percorre toda a história da humanidade com variáveis associadas à cultura, tempo, espaço, condições subjetivas de vida das pessoas, sua situação social, econômica, sanitária individual e coletiva, o que influem diretamente na qualidade de vida e, conseqüentemente, na expectativa de vida destas pessoas.

Há um saber que vem sendo construído por estudiosos e pesquisadores em relação à velhice e que fundamenta a constatação acima. Não se trata apenas de comprovação de padrões culturais, de interesses, de motivações, da forma de ver o mundo e o homem, que influenciam no trato das questões ligadas à velhice, mas de acontecimentos reais.

Assim sendo, a abordagem sobre a complexidade do processo de envelhecimento inicia-se até mesmo, na forma de conceituar a pessoa que o vivência: VELHO, IDOSO, PESSOA NA III IDADE, VELHICE, MAIORIDADE, MELHOR IDADE, são termos que fazem referências à pessoa que caminha para uma fase de vida que não deixa de caracterizar uma idade cronológica mais avançada. Genericamente, podemos afirmar que o processo de envelhecer vai desde o nascimento até a morte, variando em intensidade, qualidade, de pessoa para pessoa. Na verdade, há um contexto muito mais profundo no âmago do tratamento desta questão.

Os saberes construídos milenarmente, são trazidos aos dias atuais acompanhados de recomendações via cultura popular e reforçados por profissionais nesta era da modernidade. Exemplo disto está na teoria

dominante na Grécia Antiga, relativamente a interrelação entre o elemento que era chamado de calor intrínseco e a vida do ser humano. Esta teoria postulava que:

“a princípio cada pessoa possuía uma quantidade limitada de matéria, inclusive calor, para ser usada durante toda a vida. A taxa de utilização e o tempo necessário à mesma, variava de um indivíduo para outro. O calor intrínseco poderia ser reforçado ou restaurado, mas nunca ao nível inicial; assim, a reserva total diminuiria até a morte.” (Leme, 1996, 17)

Hipócrates acrescentou várias observações a esta teoria, levantando a hipótese da presença de doenças crônicas que raramente se curavam e que marcavam o estado de envelhecimento das pessoas. Suas prescrições para os idosos eram as de que deviam moderar suas atividades porém não suspendê-las de sua vida diária. Neste saber está associado não só dados sobre a preservação da vida, como ligação com as condições econômicas das pessoas. Os mais pobres não tinham acesso a essa prática, pois precisavam trabalhar para ter o seu pão.

À medida que os estudos foram prosseguindo, encontramos a conotação de velho ligada a anos vividos do ponto de vista cronológico. É comum ouvirmos a expressão: “Fulano está com 70 anos, está velho”. O tempo no sentido de anos vividos marca um envelhecimento, contudo, não podemos esquecer que o ser humano é um todo em suas múltiplas dimensões, portanto, uma conceituação implicará em incluir todas elas. As referências aqui contidas não têm a pretensão de fragmentar a pessoa humana, pelo contrário, considerá-la em seu todo.

Do ponto de vista biofisiológico, o corpo humano passa pelo desenvolvimento infantil para a puberdade, fase adulta, maturidade e envelhecimento, caracterizando-se este último período, pelo declínio das funções dos diversos órgãos. Não há um ponto nítido marcando o término de uma fase e o

início de outra. As próprias diferenças individuais contribuem para que isto ocorra.

Estudos geriátricos na área da saúde, detectam que as alterações funcionais geralmente aparecem no final da terceira década de vida. Daí a ligação do envelhecimento estar se iniciando com idade cronológica variando entre 30 a 40 anos, havendo sempre o cuidado de levar em conta as diferenças individuais.

Matheus Papaleó Netto, professor livre docente da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, especialista em geriatria, alerta os pesquisadores sobre a distinção a fazer nos estudos sobre o processo de envelhecimento, no tocante a envelhecimento comum ou normal e envelhecimento bem sucedido ou saudável. Segundo Papaleó, o envelhecimento bem sucedido ou saudável é processo intrínseco, ou seja, acontece por si só e de forma natural. A pessoa passa a sentir-se idosa ou ser considerada idosa através dos caracteres físicos que indicam a sua aparência envelhecida, tais como: cabelos embranquecidos; pele enrugada; ombros e corpo encurvado; alteração do corpo que se avoluma mais, etc. Neste caso via de regra, as pessoas têm o mesmo estilo de vida, hábitos de higiene, de alimentação, de trabalho, lazer, cuidados fisiocorpóreos constantes, prática de atividades físicas com moderação e regularidade, sem intercorrências ou alterações.

A predominância do envelhecimento comum se verifica quando há influência de fatores externos ou extrínsecos que alteram esse ritmo de envelhecer bem sucedido. O hábito de fumar, a ingestão de bebidas alcoólicas sem moderação, vida sedentária, ausência de dietas alimentares e outros fatores que contribuem para descontrolar ou diminuir a capacidade de equilíbrio orgânico, são consideradas responsáveis pelo aceleração do envelhecer porque provocam o declínio da reserva fisiológica necessária a uma vida normal nesta etapa vivencial.

Cumprе acrescentar a este quadro de fatores intrínsecos e extrínsecos que interagem na caminhada para o envelhecer, outros elementos que alheios à vontade da pessoa, podem acontecer, ocasionando efeitos de descontrolo

orgânico os quais em decorrência dos avanços tecnológicos das ciências médicas, podem ser tratados e superados. Para as pessoas em envelhecimento bem sucedido ou saudável, o reequilíbrio é mais rápido, e para os que integram o outro grupo, poderão surgir maiores dificuldades quanto ao reestabelecimento do equilíbrio homeostático responsável pelo regular funcionamento do corpo humano e balança vital fisiológica.

Estas considerações integram o complexo processo de envelhecimento, levando-nos a deduzir que o conhecimento destas alterações é ponto de extrema importância para a pessoa a fim de que possa se prevenir e melhor se preparar para um envelhecer mais saudável.

Ao afirmarmos que o envelhecer é um processo natural, porém complexo, fazemos alusão às múltiplas modificações que ocorrem no corpo e que são inerentes ao referido processo e responsáveis por inúmeras enfermidades que causam seqüelas graves se não tratadas a tempo. A referência que se faz à velhice como fase de vida com perdas e algumas irreversíveis, explica em parte as denominações jocosas atribuídas aos idosos. As imagens lançadas pelos meios de comunicação, pela mídia, relativas a representar o idoso com uma bengala, pessoa curvada, debilitada, caquética, retratam uma visão constrangedora da velhice. Lembramos aqui das caricaturas que vemos nos transportes coletivos, filas de bancos, etc.

Essa caricaturização tem muito a ver inclusive com os aspectos sócio-econômicos do envelhecimento. Ser velho do ponto de vista social, está intimamente ligado ao próprio desempenho de papéis não só familiares mas principalmente, na organização social. Há toda uma ideologia por trás desta forma de mostrar a pessoa idosa, mascarando uma realidade para formar a opinião pública sobre o encargo que significa para todos, esta complexidade do envelhecer.

Apenas para complementar a seqüência de raciocínio, levantamos aqui, a questão da identidade do idoso. Constitui fator integrante da vida do ser humano, sua experiência de trabalho que ocupa a maior parte de seu cotidiano, de sua vida, marcando profundamente a sua existência. Esta

realidade pode ser retratada por um fato corriqueiro: ao se indagar pela pessoa, a resposta vem associada à identidade criada pelo seu exercício profissional: “é a Maria professora”; “é o João Pedreiro”; “é a Victalina da UNATI” ou “da UNESP”.

A indicação do trabalho que a pessoa executa retrata a marca de sua imagem. Na realidade, o papel por ela desempenhado, é o registro da sua identidade: é o seu R.G. Do ponto de vista psicológico, este fato tem significado especial que vai apresentar-se como sentimento de desvalorização ao aposentar-se: velhice. Há também a considerar que ligado ao trabalho que a pessoa faz, está o sentimento de estar fazendo algo útil, algo para ganhar o sustento para si e para a família. Às vezes, trabalha porque gosta do que faz; às vezes, trabalha naquele serviço porque precisa; neste caso sentimentos de utilidade, de prazer, podem se misturar a sentimentos de sofrimento, sacrifício, angústia, frustração. Sonhos desfeitos podem acompanhar o desempenho deste papel, refletindo-se neles os vários aspectos do seu envelhecer.

Em nossa vida profissional seja como assistente social ou como docente, durante quarenta anos, trabalhamos ora diretamente com idosos, ora com equipes multiprofissionais, com dirigentes de organizações sociais públicas e privadas, através de programas sociais de atendimento a idosos, e constatamos a existência de sentimentos e atitudes hostis ao idoso. Esta imagem nos foi passada através de frases como:

“A prioridade das verbas públicas será para crianças, pois o idoso já teve a sua vez.” (chefia)

“Trabalhar com idosos é muito ruim e difícil, porque eles sabem de tudo e não obedecem a gente.” (assistente social)

Por estarem dependendo de atendimentos de outrem, os idosos além de perderem o exercício de seus papéis na sociedade, passam pela situação de depender de recursos beneficentes para sobreviverem. Ponto a analisar ainda nesta questão de perda de papéis, refere-se ao seguinte: durante a trajetória de

vida ativa, produtiva, o idoso estabeleceu uma rede de comunicação com familiares, parentes, colegas de trabalho com os quais geralmente passou a maior parte de seu tempo, assim como, outros grupos sociais com os quais teve oportunidade de conviver. Nos momentos de interação social, desempenhou papéis específicos, vivenciando diferentes situações. Com a velhice a pessoa sofre a perda destes relacionamentos o que pode lhe acarretar seqüelas se não estiver auto preparada para enfrentá-las.

Há que se ressaltar a questão referente aos papéis desempenhados no ambiente de trabalho e grupos sociais, os quais propiciaram sua projeção social, seu “*status*”. Ao deixar estes relacionamentos, a tendência é a redução do seu círculo de amizades. Ocorre também, diminuição de contato com notícias, acontecimentos locais e regionais, nacionais e internacionais, contribuindo para limitar a pessoa idosa no âmbito, não só do relacionamento, como também, pode levá-la ao empobrecimento de seus recursos intelectuais, mentais. Isto dificulta, inclusive, manter um nível diferenciado na qualidade de idéias, opiniões, conversação, sem falarmos nos sentimentos advindos desse empobrecimento de interações. Daí nossa preocupação em achar que é importante a pessoa estar preparada para evitar que estas situações venham a ocorrer e a prejudicar o seu envelhecer.

Uma outra questão a levantar para reflexão na análise desta pesquisa, se prende à questão da discriminação de qualquer natureza e, principalmente, no mercado de trabalho. A lei brasileira é clara quanto a proibir que haja discriminação, porém, a realidade é contraditória. A exclusão deste mercado está presente especialmente no caso de pessoas com mais de cinquenta anos e que estão à procura de emprego ou serviço, há uma exclusão velada porque não vem expressa nos anúncios de concursos e oferecimento de vagas para empregos, como é usual. No entanto, quando das inscrições para os interessados são colocados obstáculos que dificultam e levam as pessoas a desistirem do trabalho.

Para o pesquisador, é de extrema validade apreender o conteúdo da complexidade destas relações para maior aproximação e compreensão do contexto vivencial que os sujeitos da pesquisa possam retratar em suas falas. O

conteúdo analítico destas realidades de vida e respectivos sentimentos nele envolvidos, podem constituir fatores a interporem-se entre pesquisado e pesquisador.

Através de nossos relacionamentos com idosos ao longo destes anos de prática profissional, pudemos constatar que o fator econômico exerce um significativo papel em suas vidas, influenciando inclusive, seu humor e na forma agressiva ou não de reagir às diferentes situações que se lhes apresentam no cotidiano.

Ponto passivo de discussão é o referente ao fato de que as desigualdades verificadas no processo de envelhecimento se devem também às próprias condições desiguais de vida e de trabalho vivenciados pelos idosos. Naturalmente, visto pelo ângulo econômico, o envelhecer apresenta conotação com o próprio reordenamento da economia que hoje não é só questão brasileira, mas internacional, mundial. As pessoas sujeitos deste estudo, estiveram em sua infância, juventude e vida adulta, entre as décadas de 30 a 90, na condição de trabalhadores vinculados a um mercado de trabalho, a um sistema previdenciário, sob políticas governamentais que marcaram as condições econômicas, sociais e, por que não dizer, culturais de suas existências.

A análise deste contexto é de suma importância para a compreensão do processo de vida destas pessoas, bem como de seus comportamentos hoje. É sabido que a política econômica conduzida pelo governo brasileiro, caracteriza-se em síntese, por uma recessão que ao mesmo tempo que estimula avanços tecnológicos, científicos, cerceia, limita e não abre espaço para resolver problemas básicos de sobrevivência dos excluídos e entre eles, um grande percentual de idosos que está na dependência de um irrisório salário mínimo, quando o recebe, para sua manutenção pessoal e, às vezes, familiar.

As inovações econômicas, os avanços tecnológicos, não se evidenciaram ainda, como instrumentos capazes de desconcentrar e distribuir melhor a renda, prosseguindo as desigualdades com conseqüências igualmente

diferenciadas, nefastas, agravando o quadro de fatores extrínsecos que afetam em última análise o próprio caminhar das pessoas para o seu amanhã.

Francisco Oliveira, em análise que realiza em seu livro sobre a “economia da dependência imperfeita”, aponta para o afastamento prematuro de pessoas mais velhas do mercado de trabalho, evidenciando a lógica do capital que tende a reduzi-las à condição de mercadorias descartáveis:

“O sistema econômico vale-se da enorme força de trabalho que dispõe para substituir pessoas ainda em **idade de trabalhar** (grifo nosso) por outras mais jovens as quais paga menos...”
(Oliveira, 1977, p.41)

Existe a descrição de um quadro na realidade do trabalhador que envelhece, o qual em sua grande maioria, vivenciou longas jornadas de trabalho, acrescidas de contínuas horas extras, venda de suas folgas e férias para conseguir ganhar um pouco mais e atender suas necessidades de subsistência, de manutenção familiar. O almejar, o descanso remunerado é visto como uma forma de recompensa, de prêmio, de viver uma vida diferente. A opção pela aposentadoria vai interromper a atividade produtiva do cidadão brasileiro, enquanto trabalhador que passa a ser visto com outros olhos pela mentalidade capitalista: o inativo.

No Brasil, do ponto de vista da política econômica e previdenciária, a aposentadoria é concedida como um benefício e extensão de reconhecido direito legal, universal, enquanto trabalhador ao qual é oferecido um valor monetário correspondente a uma poupança que tenha feito durante sua vida de atividade produtiva. O seu valor variará na proporção do recolhimento que tenha feito enquanto trabalhava, havendo cálculo conforme normas estabelecidas, o que resulta nas quantias irrisórias acima mencionadas.

Do ponto de vista social, a aposentadoria registra um marco inicial para a terceira idade, introduzindo um novo estágio na vida do idoso. Num primeiro momento, esta aposentadoria é vista como um prêmio, visto receber

sem “trabalhar”. O tempo livre é para usar como quiser. Há geralmente, intenções de realizar investimentos em si mesmo, como passeios, excursões e realização de atividades diferentes para as quais não lhes sobrou tempo. Entretanto, os aposentados em grande maioria, não muito esclarecidos, ou preparados, bem cedo vão tomando consciência desta perversa política a eles proporcionada. Constatam os valores reduzidos das suas aposentadorias, vão dificultar a satisfação de suas aspirações. Via de regra não conseguiram fazer uma reserva. Sobrevem deste quadro, as seqüelas que prejudicam sua nova vivência, acarretando-lhes dissabores, problemas que podem acelerar seu envelhecer.

A aposentadoria abre também um outro espaço em termos relacionais e afetivos, tais como: rompimento de amizades e da convivência com o ambiente de trabalho. Como aposentado, ao visitá-lo, o idoso é um “visitante” e como tal, é tratado mais friamente pelos próprios colegas da empresa. Há também que se considerar a perda de prestígio e da posição social associada ao trabalho, como já mencionamos.

É sabido que psicologicamente podem ocorrer também comprometimentos, pois o estado emocional, afetivo fica abalado. O pensar, o sentir e o agir constituem um todo no ser humano. As relações humanas envolvem múltiplos processos psíquicos que se localizam originariamente no sistema cognitivo e afetivo do ser humano, representando conteúdo interior das interações e condutas comportamentais. Os diversos relacionamentos vivenciados pelo idoso estarão relacionados com os mecanismos por ele usados para externar o que está sentindo, mesmo quando não fala e permanece em silêncio. O pesquisador precisa portanto, estar atento e sendo criterioso, evitar interpretar apressadamente estas atitudes, oferecendo um cuidado maior aos dados contidos no contexto das falas.

Não podemos deixar de mencionar que o silêncio constitui o mais grave de todos os mecanismos de defesa do ser humano. Os sentimentos de tristeza, alegria, confiança, desconfiança, de sentir-se rejeitado ou aceito, de ser invadido no seu mais íntimo ser, bem como ele próprio rejeitar ou aceitar o que

está acontecendo neste processo de envelhecimento, são elaborações mentais de ordem intelectual, as quais provocam impactos sobre o psiquismo do idoso, alterando a sua auto imagem.

A pessoa pode apresentar duas formas de imagem, isto é, de auto imagem ou identificação: uma relacionada com a imagem que ela quer que os outros tenham dela, a outra, a própria identidade psicológica que reúne caracteres do seu modo de ser, falar, sorrir, dirigir-se aos outros com quem se relaciona.

Na medida em que a pessoa idosa se sente valorizada, amada, respeitada, a pessoa, especialmente o idoso, tem maiores chances de preservação de sua real identidade. Atendidas as necessidades emocionais e afetivas, a pessoa terá maiores probabilidades de caminhar para um envelhecer de forma mais sadia, tranqüila e equilibrada.

Convém acrescentar a este quadro que é na medida em que ocorrem mudanças físicas, emocionais, ambientais, o idoso pode vir a apresentar modificações em sua estrutura de personalidade. O fato de vir a depender economicamente de alguém, quando sempre foi auto suficiente para se manter, podem agravar os distúrbios.

Por outro lado, há idosos que não chegaram a trabalhar fora de seus lares ou sob condição de contrato formal de trabalho que pudesse levá-los a desfrutarem de uma aposentadoria remunerada. Este contingente pode também apresentar algumas características acima mencionadas, embora com peculiaridades causais diferentes.

Em ambos os casos, podem surgir sentimentos de fragilidade, baixa estima, incapacidade, inutilidade, desamparo, solidão, desesperança. Na medida em que procedimentos preventivos, preparatórios são introduzidos nesta fase de vida, ou mesmo antecedendo a esta fase, a velhice, pode provocar reações diferentes e saudáveis.

Há também situações que os idosos vivenciaram em todo o decorrer de suas vidas e que no envelhecer afloraram de forma mais aguda. Geralmente, manifestam-se sentimentos de vazio, inutilidade, inveja da beleza dos jovens. As

reações comportamentais exteriorizam-se através de diferentes posturas manifestadas durante o processo das pesquisas: mal humor, agressão, revolta, exigências estranhas e comportamentos sexuais não aprovados pelos padrões estabelecidos pela sociedade e pelos valores morais em vigor.

Maria Helena Teixeira, psicóloga especialista em psicanálise, explica que o idoso pode usar estas condutas como mecanismos para chamar a atenção sobre sua pessoa. Até mesmo a aludida redução auditiva pode ser mecanismo, na medida em que se constata que estas pessoas selecionam o que querem ouvir.

Simone de Beauvoir explica em seus estudos, os ângulos da manifestação dos pesquisados, sob dois enfoques: como exterioridade e interioridade, identificando-os através do modo como os sujeitos de seus estudos assumiam o seu viver, assim como, explicitavam suas colocações, permitindo-lhes compreender o que estava ocorrendo em seu processo de envelhecimento.

“Exigir que os homens permaneçam homens em sua idade mais avançada, implicaria uma transformação radical. Impossível obter esse resultado através de algumas reformas limitadas que deixariam o sistema intacto é a exploração dos trabalhadores, é a atomização da sociedade, é a miséria de uma cultura reservada a um mandarinato que conduzem essas desumanidades. Elas mostram que é preciso retomar tudo desde o início. É por isso que essa questão passa tão cuidadosamente em silêncio; é por isso que urge quebrar esse silêncio; peço aos meus leitores que me ajudem a fazê-lo”. (Beauvoir, 1977, p.41)

Uma outra afirmação feita por Dirceu Magalhães pede igualmente uma reflexão, quando expressa:

“Estamos em um período de redefinição do papel social da velhice. Para o idoso tradicional fica o que para ele significa. O

importante é o ato de refazer, lembrando o que foi feito e selecionado o que ainda tem sentido em sua vida atual. Não é o passado que o idoso exprime. Mas o que ainda está carregado de emoções e de paixão no presente.” (Magalhães, 1989, p.39)

O apelo manifestado por Beauvoir está encontrando eco no Brasil, uma vez que na evolução dos estudos e construção de novos saberes relativos à pessoa idosa e às chamadas questões sociais da velhice, há avanços; é meta nacional o estabelecimento de programas com o objetivo de introduzir estímulos para a preparação das pessoas para esta etapa da vida, além do empenho em conquistar espaços para a priorização de políticas que destaquem um melhor atendimento aos idosos como direito e não simplesmente como favor.

2. A VELHICE: ETAPA DE LUTA COM POSSIBILIDADES DE REALIZAÇÕES PESSOAIS E SOCIAIS

O enfoque sobre a Velhice como etapa de vida com possibilidades positivas de realizações pessoais e sociais, nos leva a tecer considerações acerca das teorias gerontológicas e geriátricas relativas ao envelhecer, como perspectivas que podem embasar esta visão favorável. Acreditamos que sob este prisma, estaremos conduzindo nosso estudo para um conhecimento mais real dos idosos nele envolvidos.

Participamos do grupo de estudiosos desta temática que acredita nas potencialidades do ser humano com capacidade para conhecer o universo, suas leis, vendo a imagem filosófica do homem como ser inacabado, com perspectivas e impelido a realizar-se o mais plenamente possível. É o ser perfectivo em busca de condições para essa auto realização através de meios racionais, supraracionais e empíricos.

Um dos entrevistados em nosso trabalho de campo, passou-nos esta imagem quando questionado sobre seu interesse em aderir ao Projeto Universidade Aberta à Terceira Idade, falando-nos que:

“a iniciativa é muito boa, pois o homem anda a procura de saber que é, hoje, um complemento da cidadania e da modernidade.”

Referendamos aqui, a afirmação de que o conhecimento adquirido por vivência pessoal ou transmitido culturalmente, de geração para geração, de um lado está associado à época histórica do contexto vivencial da pessoa que é capaz de apreender uma verdade absoluta. Por outro lado, esse aprendizado é gradual uma vez que o conhecimento de uma verdade em si, pode gradualmente avançar, modificar-se e transformar-se em conhecimento real. O pensamento avança no conhecimento do objeto; o conhecimento científico desse objeto, dessa verdade em si, pode sofrer mudanças, porque o

raciocínio, a vivência empírica contribuem para que elas ocorram e se formem novas percepções que vão fundamentar essa transformação na posterior verdade considerada absoluta, até que novos mecanismos, novos avanços provém o contrário.

Um exemplo deste contexto, nos vem através da própria história da humanidade. Voltamos a mencionar a afirmação de Beauvoir, ressaltando que a constituição do conhecimento presente passa a existir ou ser reconhecido, quando veio do passado e vai juntar-se ao novo para transcender para o futuro, numa perspectiva de superação e ou enriquecimento desse saber.

Exemplo disto está em que conhecimentos transmitidos pelos anciãos para seus descendentes, eram considerados normas gerais de vida. Entretanto, a evolução e o processo de pensamento humano vem construindo novos modos de pensar, de encarar, de refutar ou admitir e colocar verdades hoje para o amanhã. Há um reconhecimento de que a vivência social é instrumento valioso a considerar nesta gradual e sucessiva construção de saberes.

Há verdades cujo conteúdo apresenta um caráter objetivo que permite generalizar sua validade para um contexto mais amplo. Consideramos que o conhecimento, o saber são meios para ajudar as pessoas a resolverem seus problemas de vida diária. Gradualmente, esse procedimento contribui para a formulação de teorias as quais não podem ser consideradas estáticas, irreversíveis, imutáveis. Não devemos nos ater apenas nos conhecimentos individuais e o saber coletivo; precisamos fazer emergir novos posicionamentos para confirmar ou refutar as representações humanas que objetivam ou fundamentam os estudos. É de grande importância lembrar que o novo não elimina o velho saber.

À partir destas considerações, passamos a relacionar as características contidas nas teorias existentes sobre o envelhecimento, as quais a nosso ver, abrem espaços para explicar e deixar entrever na complexidade do processo de envelhecimento, possibilidades para realizações pessoais e sociais.

O envelhecimento apresentado nos dados demográficos, parece-nos frio e de certa forma estático. A interpretação que profissionais gabaritados no assunto, a eles atribui, é que leva o leitor leigo ou não, a enxergar as entrelinhas, os conteúdos que aos números e aos gráficos são atribuídos conforme a interpretação a eles vinculada. Decorre desse ponto de vista, a necessidade de tecer comentários sobre alguns dados das teorias sobre o envelhecimento.

A manutenção do equilíbrio de vida do ser humano recebe condicionamentos que envolvem os aspectos biológicos, psíquicos ou intelectuais, sociais, culturais, religiosos que contribuem para o processo de formação da personalidade e do caráter da pessoa. Na convivência com o mundo externo à família, ou seja, vizinhança, escola, trabalho e os diversos grupos dos quais a pessoa passa a fazer parte, auxiliam nesse processo de formação. O ditado popular explica de maneira empírica e simples, esta afirmação acima:

“Diga-me com quem andas, que eu te direi quem és.”

O saber popular encontrado nas múltiplas relações que a pessoa mantém ao longo de sua vida, tem um significado construtivo na sua formação; por outro lado, pode ser causa também, de desacertos, de deformações de personalidade e de caráter. Por isso, é importante alertar para o seguinte: a preocupação dos pesquisadores em conduzir a construção de seus saberes para explicar aspectos científicos, acabou fragmentando a imagem do ser humano. Contudo, os conhecimentos acumulados em torno das ciências humanas não são neutros e não deixam de ser influenciados pelo contexto social da época em que foram elaborados, resgatando partes para constituir um todo.

Um esclarecimento a mais se faz necessário: a análise das teorias sobre o envelhecimento, estarão sendo associadas à perspectiva de intervenção nas realidades apontadas, visando identificar em que aspectos estas teorias poderiam subsidiar fundamentos para superação do que está defasado e a

emergência de novas alternativas para a construção de um envelhecer mais saudável. Seu objetivo maior se volta para ajudar o ser humano a viver sua vida de maneira o mais satisfatória possível.

A delimitação das idades de interesse geriátrico, apresentam significativo interesse e importância para o presente estudo, tendo em vista propiciar maior compreensão até mesmo das condutas comportamentais dos idosos. Assim citamos:

1. Idade do Meio também chamada pré-senil:

- vai dos 45 aos 60 anos, aproximadamente, quando começam a surgir várias doenças para as quais uma intervenção do tipo preventivo, pode oferecer chances de reversões e uma melhor disposição para uma vivência com melhor qualidade e, sem maiores problemas. Os termos meia idade ou idade média, são questionáveis uma vez que há divergências entre os estudiosos quanto às definições sobre tempo médio de vida do ser humano e as diferenças individuais que existem no processo do envelhecer. O que importa é que nesta etapa de vida, a pessoa encontra-se exercendo atividades produtivas no trabalho; tem relativo vigor e sendo estimulada, pode pensar em preparar-se para uma idade mais avançada com maior disposição e mesmo, saúde.

A nossa convivência com pessoas que estão envelhecendo, nos mostrou que a maioria delas, a partir dos 35 anos, começaram a se questionar a respeito da finalidade e significado da última etapa de vida do ser humano. Do ponto de vista biológico e das funções de reprodução humana, esta idade é analisada pela medicina, como um período em que o corpo começa a passar por alterações morfológicas, como por exemplo, as células nervosas que o cérebro possui ao nascer, a partir dos 30 anos, não se reproduzem mais na mesma intensidade. Outros fatores aceleram também o envelhecimento:

alimentação inadequada, stress, sedentarismo, fumo, álcool, drogas. Neste período etário, as pessoas, via de regra, não organizam seu tempo, não deixam compromissos assumidos, para cuidar mais de sua saúde, o que pode acarretar males maiores. Um entrevistado de nosso estudo comprovou este fato:

“eu nunca pensei na velhice; via os outros ficarem velhos, se queixarem mas pensava, comigo, isso não tem; a gente quando é moço, nem lembra que vai ficar velho. Eu ficava até as tantas com meus amigos e levantava cedinho e ia trabalhar. Hoje, acho que podia ter feito diferente, mas...”

Uma atenção maior prestada a suas necessidades físicas, poderia evitar problemas na velhice, principalmente os de ordem psicológica e psicosomática, como por exemplo, os de natureza sexual que são os mais perturbados na chamada pela medicina, de fase do climatério para as mulheres e andropausa para os homens. Na medida em que estes aspectos não constituem enfoque a destacar neste estudo, deixamos de aprofundar seu conteúdo.

2. **Senescência gradual:**

- localizada no período de 60 a 70, período de vida que quer dos profissionais da área, a adoção de medidas terapêuticas específicas que proporcionem tratamento aos males que aparecem. Um diagnóstico indicará o que está acontecendo com a diminuição de algumas das capacidades físicas, psíquicas e de relacionamento e os cuidados a tomar em cada situação. A fala de um entrevistado, mostrou-nos a realidade vivenciada por ele neste aspecto:

“... olha dona, eu nunca pensei que ser velho fosse tão ruim. Na minha cabeça, tenho uma porção de planos; acho que posso trabalhar, subir no telhado para consertar as goteira; ir jogar

futebol com os amigos. Mas aqui o quê; o corpo não quer me ajudar; as pernas estão bambas...”

Há casos em que este processo ocorre de maneira sutil, gradativa, possibilitando à pessoa entrar em tratamento e reajustar a seqüência dos acontecimentos:

“... o médico já me explicou o que está acontecendo, mas pra mim, isto é o começo do fim; vou tentar ver se consigo que seja diferente...”

3. **Senilidade conclamada ou velhice:**

- vai dos 70 aos 90 anos; tempo em que as manifestações doentias requerem assistência médica, social e sobretudo, de reabilitação, uma vez que algumas doenças apresentam-se em estado de cronicidade, surgindo às vezes, invalidez e, sobretudo, a ausência de lucidez.

4. **Grande velho ou longevo:**

- idade acima de 90 anos. Na realidade brasileira são poucas as pessoas que atingem esta idade, apresentando lucidez e homeostase sem comprometimentos.

Ainda do ponto de vista geriátrico, há uma série de teorias que explicam o envelhecimento, entretanto, na medida em que nosso enfoque central de estudos está mais ligado a aspectos sociais, deixaremos de apontá-las.

Um fator de relevância a incluir neste estudo, refere-se à bibliografia consultada a respeito de estudos e formulações de teorias gerontológicas sobre o envelhecimento as quais evidenciam tratar-se de fenômeno universal comum a todos os seres humanos, embora aconteça esse envelhecer, de forma diferenciada, variando de indivíduo para indivíduo.

Procuramos agrupar as referidas teorias sociais por características comuns e interrelacionadas, certas de que a fragmentação na forma de abordagem que aqui fazemos, obedece apenas a um critério didático descritivo.

Um outro ponto a mencionar é que as fontes destes estudos e formulações das teorias, são em sua maioria, procedentes do continente europeu e dos Estados Unidos. São posições teóricas ligadas a padrões culturais, ambientais, ao contexto social, político, econômico das regiões onde a população estudada se encontra. Diante desta situação neste trabalho, tivemos a preocupação de analisar as questões teóricas postas à luz da realidade brasileira, bem como, da nossa vivência com pessoas idosas. Vivência esta, associada a um saber empírico, consciente e enriquecido com os estudos que realizamos ao longo de nossa trajetória profissional, através de cursos, presença em eventos os mais variados que nos permitiram a construção de um saber, que no momento, fundamenta esta tese.

As teorias sociais do envelhecimento, por nós estudadas para fundamentar esta pesquisa são:

1. Teoria social do ciclo de vida;
2. Teoria da adaptação;
3. Teoria da atividade;
4. Teoria do desengajamento.
5. Teoria das Coortes

1. Teoria social do ciclo de vida

Os estudos sobre esta teoria defendida pelo psicólogo ERICKSON, considera a pessoa na perspectiva global de vida, compreendendo o período que vai da vida uterina, nascimento até a morte. É sabido que este ciclo de vida em sua fase inicial, requer cuidados especiais que assegurarão melhor qualidade de vida para todo o viver do ser humano.

Ora, o termo vida tem origem latina, que significa caminho, percurso a realizar, ou seja, **via**. Inclui um conjunto de atos do ser humano que se iniciam no nascimento indo até a morte. Essa ampla dimensão envolve o pensar a vida humana nos aspectos físico, mental, emocional, social, espiritual, cultural e outros. Esta teoria acrescenta a dimensão histórica do indivíduo.

A fundamentação desta teoria, portanto, está ligada à visão da vida humana como um todo, levando-se em consideração as suas diferentes formas de manifestação. Isto permite deduzir que no seu estudo, deveremos levar em conta as influências que o ser humano recebe durante o seu processo educacional e as relações sociais vivenciadas nas sucessivas fases de vida, ou seja, infância, juventude, vida adulta, maturidade e velhice.

Há pontos de destaque na teoria social referente a fatos marcantes que ocorreram na vida do ser humano, os quais reaparecem sob diferentes formas na velhice. Há circunstâncias contidas nos acontecimentos biológicos e sociais que são específicos. Exemplo disto: a questão do início da reprodução da vida ligada à fase da adolescência e a mudança de papéis trazendo consigo prestígio, responsabilidades, valorizações ou perdas. O significado destas experiências de vida, as lembranças dos idosos, pedem um tratamento científico por parte dos pesquisadores, para não desgastar ou perder o calor humano que enriquecerá a análise a ser feita sobre os dados colhidos.

O conteúdo analítico desta teoria está consubstanciado nos conceitos de mudança espacial e temporal e de individualidade. Reflete uma característica funcionalista ao oferecer a imagem do homem adaptando-se ao meio e ou à sociedade, contudo, a sua dimensão histórica está na consideração do homem enquanto sujeito da história.

2. Teoria da adaptação

A teoria da adaptação, ligada a do ciclo da vida, se assenta no embasamento de que o envelhecimento é processo biológico que acontece

apesar das modificações orgânicas que vão ocorrendo, das diferentes funções sociais que vão sendo assumidas, da própria posição social ou “*status*” social adquirido.

Nesse contexto está explícito o desempenho de variados papéis como familiar, religioso, social, nas organizações de lazer, e, outros. A própria posição social é fator a considerar uma vez que é fruto da significativa presença da pessoa num espaço social, levando-a a desfrutar desse *status*.

Na proporção em que ocorrem mudanças no ritmo de vida das pessoas, causando alterações no desempenho de alguns papéis, surge a necessidade de adaptação à novas situações. Ao envelhecer, estas ocorrências se fazem presentes com maior frequência e se constituem formas da pessoa se reorganizar e estabelecer novos planos de vida, passando a assumir papéis diferenciados. As aposentadorias, as perdas familiares e parentais, as limitações físicas por seqüelas de processos ou problemas orgânicos, são exemplos destas mudanças.

Ao analisarmos esta teoria, reconhecemos que de fato, a pessoa idosa vivencia estas alterações em seu cotidiano, causando diferenças no seu modo de ser, sentir, pensar e agir. Contudo, os acontecimentos inevitáveis têm dupla faceta: de um lado o sentimento da perda, de outro, contribui para um alerta quanto à necessidade de elaboração de novos projetos de vida e não se entregar ao desalento, ao fato consumado. Novos aprendizados podem ser desenvolvidos em ritmo de adequação, de adaptação às novas exigências que a vida lhes trás e, ao mesmo tempo, é necessário ativar o potencial individual do idoso na caminhada para o sentir-se mais realizado.

Sabemos que a aprendizagem implica em mudança de comportamento. O nutrir, sentimento que substitua ou leve a aceitar a perda de um ente querido, requer aprendizagem carregada de uma série de outras estimulações, argumentos, atenções e compreensão para abrir espaço a uma predisposição para mudar. É na realidade um processo mais demorado, porém, possível de chegar a adoção de nova conduta.

O conteúdo explícito nesta teoria da adaptação, deixa claro que é possível trabalhar novos aprendizados, contudo, exige da pessoa um querer fazer isto.

3. Teoria da atividade

A teoria da atividade apresenta uma forma diversificada de interpretar a questão do desempenho de papéis, mas confirma a teoria de Platão, que na Grécia Antiga, fazia referência ao fato de que para um envelhecer mais saudável o homem deveria manter-se ocupado até o final dos seus dias.

A teoria em pauta se fundamenta no fato de que desde os primórdios das civilizações, as pessoas foram acostumadas a assumir e desempenhar papéis e funções e à qualificação de prestígio era atribuída às características de boa participação, bom nível de responsabilidade da pessoa na sociedade. Assim, esta teoria, reforça a imagem de que para uma velhice ajustada, equilibrada, feliz, a atividade é o principal meio a ser utilizado. No replanejar a vida para readaptação a novas situações e funções, o procedimento deve ser gradual, contribuindo para evitar o rompimento brusco com o mundo modificado.

De acordo com Erickson, no contexto da teoria da atividade há a considerar a teoria do desenvolvimento do EGO, ou seja, da identidade: EU.

Do ponto de vista psicológico, o ser humano possui uma identidade que é pessoal, única e incorporada a sua vida. A manutenção dessa identidade é fator que permite superar crises e problemas que vão surgindo. Fundamenta esta teoria, a interpretação de que a formação da personalidade se dá no âmbito individual, pessoal, sob influência vivencial.

Ao elaborarmos referenciais sobre a complexidade do processo de envelhecimento, mencionamos esta realidade, analisando a complementação de aspectos que devem ser considerados, ou seja, a pessoa é conhecida pela forma como exterioriza o seu EU. A uniformidade com que apresenta os diversos

caracteres que identificam no seu conjunto o seu modo de ser, constituem a sua personalidade, sua identidade.

A função profissional exemplifica esta questão. Contudo, há uma recomendação de que a pessoa não deve permanecer apenas com sua identificação profissional. A diversificação de seus interesses e dedicação a outros afazeres, vão permitir mais fácil adequação à velhice quando não for mais o profissional.

É importante ressaltar a associação do envelhecimento como perda ou aumento de peso, com os cabelos grisalhos, a perda de potencialidades físicas como a beleza, a força e a disposição para diversas atividades. Estas questões podem acarretar o enfrentamento de crises de consciência, no sentido do idoso não poder ser o que era ou realizava antes e, podem ser trabalhadas mais adequadamente, para que a pessoa consiga superar sua preocupação de modo a exceder o seu EU CORPORAL. Trata-se da adaptação do indivíduo ao seu próprio corpo. Deve-se considerar neste aspecto, que o homem de meia idade também enfrenta crises de identidade. Isto pode ocorrer quando ao final de sua vida produtiva se dá conta que seu trabalho não é mais valorizado, que nunca foi “seu”, mas do mundo da produção. O seu EGO vai precisar de uma redefinição. Existe possibilidade de mudanças na medida em que ações preparatórias sejam postas em prática para a busca de diferentes formas que permitam alterar estas crises de identidade e despertar potencialidades. A transferência de enfoque sobre o EGO deverá se voltar para realizações que fortaleçam a valorização da pessoa e enriqueçam ou contribuam para atenuar os sentimentos de inutilidade que se associam a este quadro.

Para maior compreensão dos sujeitos de nossa pesquisa e somando-se à teoria da atividade quando focaliza as questões do Ego – EU, pontuamos alguns aspectos sobre o narcisismo.

Na linguagem psicológica, narcisismo é o investimento afetivo que a pessoa desenvolve sobre sua própria pessoa. Pode ser aqui interpretado também, como uma manifestação de defesa para a manutenção da homeostase que possibilita vivência mais equilibrada e tranqüila.

Estudos nesta área têm demonstrado que nem todas as pessoas conseguem sobreviver sem pontos de apoio para superar frustrações, perdas, lutos, entre outras situações. O gostar de si mesmo, cultivar esse sentimento em doses equilibradas, permitirá no envelhecer, um melhor enfrentamento de circunstâncias negativas de vida. O excesso, entretanto, passa a ser nocivo, patológico e improdutivo.

Na fala de um entrevistado, temos a dose equilibrada do sentimento narcisista:

“O que mais me desagrada neste envelhecer, é chegar diante do espelho e ver esse rosto meu. Estou tentando ajuntar um dinheirinho para fazer uma plástica. Quem sabe um dia eu ganho na loteria e aí a primeira coisa que eu vou fazer é uma cirurgia; eu até já andei perguntando no INPS, mas eles não fazem. Minha família acha que é bobagem, mas para mim é importante e se não der certo não vou me desesperar, mas vou tentar...”

Na medida em que a pessoa não consiga sobrepor-se às intempéries da vida, pode cair no pessimismo, até mesmo em depressão, se auto desvalorizar e passar a atribuir a outro a responsabilidade pelo seu fracasso e por todos os seus sentimentos.

A perspectiva para intervir neste quadro está ligada ao trabalho no sentido de provocar inovações neste EGO. Por natureza o homem é um ser social, sociável. O receber e dar carinho, amar e ser amado, são meios que possibilitarão introduzir mecanismos para obter sucesso. A aproximação, o achegar-se às pessoas serão formas práticas de iniciar mudanças. Não deixa de ser um desafio para ações concretas de profissionais.

Um outro aspecto, a fundamentar esta conduta interventiva, está ligado a sofrimentos, conflitos e constantes repressões vivenciadas na infância que acarretarão comportamentos agressivos e pessimistas. A dose homeopática de auto confiança, amor em si mesmo, são indicadores, portanto, que ajudarão a introduzir nova definição ao EGO.

4. Teoria do desengajamento

A teoria do desengajamento se refere ao afastamento gradativo do idoso, do processo social do trabalho, de suas funções, papéis, buscando um novo modo de compensação, para substituir as alterações que vem ocorrendo. Há aspectos contraditórios a ressaltar nesta teoria quais sejam:

- a universalidade da própria teoria que contradiz a existência das diferentes situações individuais e características pessoais;
- o desengajamento supõe que todas as pessoas estão compromissadas com um trabalho formal; contudo, há aquelas que não se encontram nesta situação e que passam por acontecimentos que não permitem a preparação gradual para esse desengajamento, o que compromete a eficácia do mesmo;
- há que se considerar também, as pessoas das camadas sociais de baixa renda às quais invalidam a aplicabilidade desta teoria. É o caso dos idosos excluídos, os acolhidos em abrigos ou albergues, em hospitais psiquiátricos, em condições de miserabilidade e os que estão jogados a sua própria sorte.

O descarte da experiência e do saber acumulados, a perda valorativa sob outros aspectos, são situações que a nosso ver, poderão ser alvo de intervenções profissionais diretas ou indiretas, visando provocar modificações com resultados favoráveis.

Sabemos que quanto mais cedo forem iniciadas ações interventivas, de caráter preventivo e estimulador para preparação visando um amadurecimento etário mais saudável, maior sucesso será possível obter em termos de um envelhecer menos sofrido.

5. Teoria das Coortes

Não podemos deixar aqui de mencionar, a chamada teoria das coortes que indica grupos sociais, que tiveram ao longo do tempo, vivência no

mesmo espaço temporal sob o ponto de vista social, histórico, cultural, político, econômico, educacional, etc. São pessoas que nasceram em uma mesma época e espaço geográfico; cresceram e viveram sob as mesmas influências de um tempo histórico, receberam a invasão de valores culturais, ideológicos diferentes dos seus e a eles foram submetidos. Nestas condições, a partilha de um tempo social histórico, leva todos os participantes a moldar seus interesses, conceitos, reações em relação à sociedade e seus semelhantes. Como as idéias do grupo são variáveis, é importante alertar que a pessoa se vê numa dupla estrutura:

- a da coorte: a pessoa permanece durante toda a sua vida como membro desta coorte. As expressões usadas são “nos anos 60”, ou então, “... no meu tempo”, têm uma relação muito grande com esta teoria;
- a da função ligada ao avanço na idade cronológica. A pessoa apresenta abertura de espaço para uma mudança no seu modo de pensar e agir.

Acreditamos que assim como os estudos relacionados com a velhice e as questões sociais do envelhecer ocupam cada vez mais um espaço na sociedade atual, buscando avançar nos conhecimentos e nas conquistas para melhor qualidade no atendimento a este segmento, é possível atingir níveis de preparação para a própria melhoria de qualidade de vida dos idosos.

Os estudos que realizamos e as questões postas neste item sobre a possibilidade de desenvolvimento de trabalho no sentido de provocar mudanças na realidade brasileira, fundamentam a viabilidade de implantar melhores condições no processo envelhecer.

Temos consciência que iniciativas precisarão ser colocadas em prática para maior sensibilização das autoridades do país e da sociedade em geral, para que se efetivem mudanças.

Acreditamos que isto pode ser feito através das políticas sociais que estão sendo implantadas via participação direta da população idosa e seu controle social. Trata-se de um processo de trabalho que iniciado, não poderá parar. É a realidade dos Conselhos Municipais de Idosos apoiados numa Política Nacional para Idosos, cujo enfoque não será incluído neste trabalho.

3. AS INTERRELAÇÕES SOCIAIS DO COTIDIANO VIVENCIAL DOS IDOSOS

Numa intenção de maior aproximação dos marcos referenciais teóricos abordados e a realidade vivencial dos idosos, sujeitos deste nosso estudo, ressaltamos neste item, a abordagem das interrelações que são estabelecidas no dia-a-dia, para melhor compreensão de seu universo vivencial.

A vida humana é marcada pela passagem do tempo e, na maioria dos casos, assinalada por datas que trazem significados especiais: o nascimento, o aniversário, as férias, o casamento, o trabalho, entre outros. São os marcos do tempo, no tempo e no espaço que fazem da rotina diária, um ambiente. São acontecimentos que oferecem uma sensação de segurança no mundo conturbado e violento de hoje, uma vez que estão ligados a situações conhecidas, familiares com significações subjetivas, que se associam ao conhecido que é possível dominar; que é diferente do enfrentar o desconhecido.

Neste contexto ocorrem ações e relações que interagem na vida das pessoas, provocando mudanças, ajustes, atritos, os quais vão aflorar nas manifestações que nossos entrevistados apresentam ou deixam de apresentar, mas que são de vital importância para a compreensão de estudos que pesquisadores estejam realizando. Assim, enfocamos a seguir as relações sociais no contexto vivencial dos idosos.

3.1. As Relações Sociais:

O homem é um ser social que está em constante interrelação com outros seres humanos. Destacamos aqui, pelo grau de influência no cotidiano da pessoa idosa, a família, grupos de amigos e grupos de lazer.

- A Família

A família sempre constituiu o primeiro grupo natural de convivência da pessoa humana. Não nos referimos às exceções, mas a regra geral.

Na família, somos um grupo de pessoas que se conhecem pela convivência, com nossos defeitos e qualidades; com nossas tolerâncias ou impaciências. No dizer de Luiz Eugênio Garcez Leme, geriatra da Universidade de São Paulo:

“Somos a mamãe, a vovó, a Mariazinha, o papai, etc., conhecidos não pela eficiência com que leciona ou administra a fábrica ou faz a limpeza, mas talvez porque ronca ou porque gosta de jogar futebol. É realmente o ambiente “ecológico” do ser humano, o mais normal para a vida mesmo.” (Leme, 1996, p.92)

Ao focar a família não podemos deixar de ressaltar o papel significativo que ela desempenha em qualquer fase de nossa vida. Apontamos aqui para a população, sujeito de nossa pesquisa que vivenciou em sua trajetória histórica vários momentos, marcada por valores diferentes dos predominantes na atualidade. Foram valores culturais, morais, sociais, políticos, econômicos, religiosos que nortearam ou mesmo condicionaram suas relações intra-familiares. Os aspectos de valorização afetiva, de cuidados, de respeito pelos “mais velhos” característicos dessa cultura, hoje são mencionados pelos idosos como traços que marcaram seu processo educacional.

A fala abaixo de um de nossos entrevistados, traduz a lembrança, da presença dos pais em sua vida, do sistema de educação que recebeu:

“...quando os adultos estavam conversando, não precisava nem meu pai falar; só pelo seu olhar, nós já sabíamos que devíamos sair da sala, sem fazer barulho e ir brincar em outro canto da casa. E aí de nós, somos onze irmãos, se falássemos qualquer coisa. Quando a visita saía, podíamos esperar o sermão, o castigo e a meiguice com que minha mãe depois explicava como devíamos nos comportar e por que...”

Vemos que os valores estavam presentes nos gestos, nas atitudes, no clima das relações familiares que retrata a imposição de uma conduta austera, contrabalanceada com ternura e compreensão, garantindo uma harmonia de sentimentos e condutas.

Em se tratando do enfoque da pessoa idosa na família ou da família, observamos que prevalece hoje, nas relações familiares, um misto de afeto, bem querer, cuidados mais específicos que se tornam necessários na medida em que algumas limitações físico-mentais no idosos, podem surgir. Atitudes de impaciência, de rejeição, até mesmo atritos acontecem em decorrência das diferenças de opiniões, de pontos de vista, de desgastes face ao cansaço com os cuidados ligados às chamadas **manias** do idoso.

A própria realidade de vida associada à luta pela sobrevivência, impondo um ritmo de agitação, pressa, insuficiência de recursos financeiros, acaba acarretando problemas de relacionamento, os mais variados no ambiente familiar. Ninguém tem tempo. O hábito tradicional da refeição em comum, não tem sido mais possível, acarretando a falta de contato, de interação. As relações intrafamiliares estão se esvaziando, levando a família ao isolamento, a solidão. O próprio tamanho e a precariedade das moradias também têm sido fator desfavorável à manutenção de relações mais harmoniosas. O espaço restrito tem sido fator agravante do natural conflito entre gerações, aumentando as dificuldades relacionais familiares.

Os pais via de regra, para atender os problemas econômicos dos filhos casados, dividem com eles suas moradias, não só limitando-se a ocupar um espaço mais reduzido dentro delas, mas também dividindo despesas, sua privacidade, perdendo a liberdade de continuarem no papel de “donos da casa”. Passam a ser comandados.

A fala de um dos entrevistados, registra esta situação de forma lamentável:

“A filha não tinha dinheiro para pagar o aluguel, então eu chamei ela para morar comigo. Ela escolheu ficar na casa da

frente e eu não me incomodei de morar na casinha do quintal, pois fiquei viúvo já faz um ano. Só o que me dói, é que eu tenho que fazer tudo o que ela quer. Parece que não tenho mais capacidade para tomar conta da minha casa.”

A relação afetiva na família, é explicada por Ruth da Costa Lopes, professora na Pontifícia Universidade Católica – SP, como um exemplo de extrema importância para o ser humano. Atribui à expressão afeto, os significados de afeição, simpatia, amizade, amor. Acrescenta ela que no vocabulário da psicanálise, afeto exprime também estado contraditório com a idéia de sofrimento.

No estudo relacionado à velhice, este dado é muito importante pois pode possibilitar a busca de modificação para superar as inúmeras perdas. A relação afetiva familiar apresenta perspectivas marcantes para possíveis modificações de um momento para outro. Por exemplo, a ausência dos filhos, do companheiro, são situações de perdas afetivas que pedirão alternativas sadias para compensações ou de construção de outros mecanismos que preencham o vazio ocorrido.

- Grupo de amigos

Como já expusemos anteriormente, os grupos de amigos com os quais o idoso convivia, de trabalho, de lazer, tendem a uma redução cada vez maior devido a aposentadoria; as dificuldades para locomoção, entre outras são causas para essa redução. Locomoção aqui colocada, não só em termos de movimentação corpórea, como também financeira para pagar transporte, apesar de a cidade contar com a gratuidade desse transporte para os idosos acima de 60 anos. O problema se prende a questão de acompanhante para sair de casa. A perspectiva de usar taxi é mais remota ainda. A restrição do convívio com amigos é motivada também pelo falecimento destes.

As diferenças individuais influenciam nas formas de agir e reagir aos acontecimentos do cotidiano; há idosos mais otimistas e que possuem uma percepção mais trabalhada em relação a ir ao encontro de alternativas que

estimulem a manutenção das relações de amizade, o mesmo não acontecendo com outros.

Empiricamente, temos observado que há estimulações naturais ao estabelecimento de novas amizades, confirmando a natural sociabilidade do ser humano. Este fato constitui meio para compensar as amizades perdidas. No entanto, nem todas as pessoas têm essa facilidade, de construir novos relacionamentos como pudemos constatar na seguinte fala:

“nesta pergunta sobre grupo de amigos, eu tenho prá dizer prá senhora, que eu nunca fui acostumado a ter amigos; conhecidos tenho bastante, mas amigo é difícil porque saio pouco de casa e acho difícil puxar conversa com estranhos.”

- **Grupos de Lazer**

Historicamente o lazer é considerado hoje como uma necessidade na vida do ser humano, tendo em vista os múltiplos benefícios que canaliza para o bem estar físico e mental da pessoa.

Segundo o sociólogo Dumazidier, especialista no assunto, lazer é visto como:

“um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de bom grado, seja para repousar, seja para se divertir, seja para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social, voluntária ou sua livre capacidade criadora, depois de ter-se liberado de suas obrigações profissionais, familiares ou sociais.” (Dumazidier, 1980, p.34)

A importância de se considerar o lazer como uma ocupação do tempo livre de forma não obrigatória, é fator a ser pesado de modo especial nas relações sociais que o idoso estabelece em sua vida. Significado maior tem quando associado à questão da idade, ou seja, analisando-se, com o avançar dos anos, a

pessoa persiste na frequência a grupos de lazer. Esta atitude pode ser vista como dado marcante que contribui para uma longevidade mais sadia e entusiasta, bem como, propiciadora de condições psicossomáticas favoráveis ao desenvolvimento pessoal e social do idoso.

É através do lazer que a pessoa tem a oportunidade entre outras, para recuperar energias gastas, desgaste emocional e alívio de tensões. As atividades de lazer cultural como leitura, teatro, pintura, esculturas e outras, proporcionam estímulos para novos interesses intelectuais que ajudam o auto conhecimento, o controle, o maior contato e convivência social, conseqüentemente, maior estímulo para o funcionamento do próprio organismo.

O reconhecimento da influência destes fatores como auxiliares no enriquecimento pessoal é vital uma vez que a prática de diversas atividades de lazer, permite o desenvolvimento de experiências subjetivas que suscitam novos interesses intelectuais, portanto, de auto desenvolvimento e satisfação. Tanto assim que na educação, o lazer tem sido utilizado como instrumento sócio-educativo.

É importante acrescentar a este contexto a afirmação de Requixa:

“O desenvolvimento pessoal e o desenvolvimento social são mais proximamente identificáveis pela educação social, em seu sentido mais amplo, de “educação para a vida”. O indivíduo enriquece sua personalidade, na medida em que vai adquirindo elementos para pensar e agir de forma mais liberada, isto é, libertando-se de condicionamentos que, eventualmente, automatizam seu pensamento e suas ações.”
(Requixa, 1980, p.53)

3.2. O Trabalho

Para uma compreensão sobre o significado do trabalho na vida do idoso de hoje, é preciso nos reportarmos ao contexto histórico do Brasil, ao início

da industrialização que acarretou mudanças marcantes na forma de produção de bens e serviços.

Foi nas décadas de 1930 a 1960, que os idosos de hoje vivenciaram sua infância, juventude e, conseqüentemente, ingresso no mercado de trabalho, encontrando ao longo deste trajeto, o predomínio da cultura européia que contribuiu para a gênese e a organização da classe operária na época, bem como para a construção dos métodos de trabalho e produção.

A partir dos anos 30, segundo a visão de Cignolli, a história brasileira evidencia fatos como:

“a revolução de 30 marca o fim de um ciclo e o começo de outro: fim de hegemonia agroexportadora (em que predominava o café) e o início do predomínio da estrutura produtiva com base urbano industrial... marca a destruição parcial do esquema de dominação fundamentada numa aliança de interesses oligárquicos. A política de Getúlio Vargas responde às necessidades dessa base econômica que fortalece a burguesia urbana e integra os setores “intermediários” e “população” ” (Cignolli, 1985, p.83)

Neste contexto, a ação do Estado se apoiava em dois pontos básicos: a manutenção do controle das relações entre capital e trabalho e, por outro lado, o controle do mercado externo uma vez que a política procurava atender as necessidades internas do país.

Trata-se nesta época e anos subseqüentes, de nova fase da industrialização, com o capital estrangeiro entrando em choque com o Estado, uma vez que o investimento em tecnologia, máquinas e equipamentos garantia a força de trabalho e, conseqüentemente, a acumulação de riquezas. O Estado interveio mas reconheceu que esse capital constituía mola propulsora da expansão econômica brasileira.

Nessa caminhada verificou-se o crescimento gradativo da migração rural para as áreas urbanas, registrando-se uma situação peculiar em relação à

população feminina. Neste processo de urbanização evidenciou-se um fator cultural que pode explicar a forma como era vista a figura feminina em termos de papel social esperado que desempenhasse: o mercado de trabalho embora contasse com a presença da mulher, sua mão-de-obra não era absorvida em grande escala.

Por outro lado, a sociedade imprimia a ela – mulher – os papéis de **dona de casa, mãe** responsável pelos cuidados com os filhos e afazeres domésticos, os quais bastavam para preencher o sentido de sua vida. Implícito neste quadro estava a submissão da mulher, seqüencialmente, aos pais, ao marido e aos filhos.

Na realidade, observa-se que nesta mentalidade, encerrava uma verdade mais profunda, qual seja, ao desempenhar estes papéis, a mulher estaria contribuindo para dar ao homem condições mais tranquilas, menos problematizantes para que ele pudesse produzir cada vez mais e, assim, ser cada vez mais útil e contribuir para o desenvolvimento econômico do país.

“comecei a trabalhar com 12 anos na roça, ajudando meu pai; ia na escola e depois levava o almoço pro meu pai e ali ficava trabalhando. Depois meu pai morreu e aí apertou; eu era filho mais velho de cinco irmãos e eu precisava ajudar minha mãe a manter a família. Estava com 17 para 18 anos quando ouvi dizer que em São Paulo, era lugar bom para trabalhar. Com a ajuda de cartucho político, arrumei emprego registrado. Nessa época, o Getúlio era presidente pela segunda vez e criou uma porção de leis que ajudavam os trabalhadores. Eta homem bom. Minha mãe veio para a cidade e eu fiquei em São Paulo até aposentar...”

A conjuntura político-econômica desenvolvimentista, adotada no Brasil nos anos 30 a 80, deixa transparecer uma articulação político educacional a influenciar essa forma de pensar e agir. Por exemplo, ao governo Vargas são atribuídas efetivamente a implementação de várias

políticas sociais as quais evidenciam aspectos desta articulação e a criação de uma imagem de maior valorização do homem na condução de sua vivência em sociedade e na família:

- a educação passa a ser considerada instrumento de desenvolvimento econômico. Os programas oficiais priorizam o ensino atrelado ao mercado de trabalho sem abertura para a dimensão crítica do saber.

“o que eu me lembro da escola, é que além dos ensinamentos específicos de ler, contar e conhecimentos gerais, havia uma orientação de que os homens deviam respeitar a pátria, trabalhar pelo seu engrandecimento, ser cumpridor de seus deveres no trabalho para ajudar o Brasil a crescer. Quanto às mulheres deviam ser respeitosas aos seus maridos e cuidar da casa. Hoje não se ensina mais nada para as crianças...”

- Em 1938, o Decreto Lei n.399 de 30 de Abril de 1938, criava pela primeira vez no Brasil, o salário mínimo como direito universal sem distinção de sexo. Incluía o valor desse salário mínimo, percentuais para atender as necessidades individuais de alimentação, vestuário, moradia, transporte.
- Concomitante a este ato era criada também a carteira profissional de trabalho como documento de identificação para o cidadão brasileiro. Com ela, a desigualdade entre os trabalhadores aumentou visto que aos portadores de carteira profissional era atribuída uma categoria de 1ª classe. A qualificação profissional definia essa classificação. Os trabalhadores rurais, domésticas e as profissões não regulamentadas, eram enquadradas em categoria de 2ª classe e não atendidos pelo sistema previdenciário existente nesta ocasião, os Institutos de Aposentadorias e Pensões – IAPs.

Nas entrevistas com nossos sujeitos, soubemos que a maioria deles começou a trabalhar com uma idade e só mais tarde registrados em carteira

profissional. A menção de agradecimento ao Governo Getúlio Vargas, mostrou claramente o recebimento das leis trabalhistas como benesse e não como direito, inclusive a assistência médica pela Previdência Social.

Paul Singer descreve este período de 30 a 1950, do ponto de vista econômico e político, como uma preparação para nova ordem internacional influenciada pelo período pós segunda guerra mundial:

“até a década de 50 pode-se dizer que a industrialização do Brasil, Argentina e México se fez à margem e à revelia do grande capital internacional. Ela se deu nos hiatos em que o sistema capitalista mundial estava em crise conjuntural ou bélica. De 1955 em diante, iniciou-se um processo de integração de importantes setores da indústria desses países no circuito internacional do capital. Conseqüentemente, a industrialização no Brasil, Argentina e México (e de outros países em condições análogas), tornou-se cada vez mais solidária com o movimento do capital internacional, passando a participar de sua expansão e sofrendo as conseqüências de suas contratações em medida cada vez maior.” (Singer, 1977, p.85)

O modelo político econômico desenvolvimentista, teve ritmo mais acelerado no governo de Juscelino Kubitschek, ampliando o quadro da inflação e aumentando a migração rural-urbana, havendo registro de que no período compreendido pelo curto governo de Jânio Quadros e João Goulart, a implantação de medidas econômicas contribuíram em parte, para garantir atendimento maior às necessidades das classes trabalhadoras. Uma nova política salarial foi estabelecida, possibilitando melhorar o poder aquisitivo dos assalariados, reduzindo em parte também, o índice das pessoas mais pobres. Nesta época, alguns de nossos entrevistados conseguiram investir algumas economias na aquisição de terrenos e construção de suas casas. Um casal que participa do programa da UNATI, registrou as dificuldades por que passou para custear as despesas diárias e conseguir a casa que hoje mora:

“Eu trabalhava na fábrica e a mulher lavava roupa para fora; com o aumento do salário, o décimo terceiro e as horas extras dos serões na fábrica, nós conseguimos construir nossa casinha. Foi difícil, mas conseguimos. Por isso eu acho que o trabalho é uma benção na nossa vida.”

A partir da década de 80 a situação do contexto nacional apresenta modificações em decorrência das mudanças introduzidas pelo capitalismo internacional. É o processo decorrente da globalização, processo econômico político que afeta a todos. Há o jogo de forças em curso na vida das sociedades nacionais e mundiais. É uma grande revolução tecnológica produtiva, comercial e financeira a influenciar mudanças radicais.

Embasa esse processo de globalização, valores sócio culturais, condutas que passam a determinar o mercado da produção e reprodução de interações, interagindo nos modos de pensar, sentir e agir das pessoas. Em decorrência e junto com essa força global, acontecem outras transformações de caráter social as quais provocam conforme Ianni:

“uma espécie de revolução na vida de tribos, aldeias, colônias, países dependentes. Aí emergem os ingredientes de outras e novas transformações sociais: padrões e valores sócio-culturais de inspiração racional, pragmática, técnicas e procedimentos mercantis, interesses e expectativas organizados de modo societário ou propriamente contratual, grupos e classes sociais constituídas com base na propriedade da força de trabalho e dos meios de produção, códigos e instituições jurídico-políticas do tipo nacional ocidental.” (Ianni, 1996, p.38)

Presenciamos no plano individual/ social, os efeitos negativos dessa economia globalizada, sobre o mercado de trabalho, o meio ambiente, a educação, a própria vida familiar dos cidadãos.

Neste particular os avanços tecnológicos, a informática trouxeram insegurança para os idosos. Os que se encontravam trabalhando em serviços que foram introduzidas estas inovações tecnológicas gradativamente, foram se acostumando com elas. Porém, uma grande maioria resistiu às mudanças e está enfrentando dificuldades para aprendê-las e utilizá-las:

“acho que devia ter nascido em outra era, pois é humilhante essa história de não poder ir ao banco e continuar sacando meu dinheiro como eu fazia antes; agora tem um tal de cartão que está me dando trabalho para lidar com ele. Isso não podia ser feito deste jeito: obrigar a gente a usar uma coisa que a gente não entende...”

Além disto, devemos considerar que os trabalhadores hoje idosos, saíram ou estão saindo deste mercado de trabalho, em sua maioria, na condição de aposentados, vencidos pelo cansaço, decepções, frustrações pelo valor do salário da aposentadoria e, até, desanimados por adoção a novos projetos de vida, uma vez que inclusive financeiramente, seus vencimentos são irrisórios. Mesmo aqueles trabalhadores que recolheram a chamada poupança forçada, correspondente ao encargo social aposentadoria, vêem a transformação dessa poupança, em um valor insignificante para manutenção pessoal ou familiar que lhes possibilite uma despreocupação.

“como bancário, recolhi os encargos para a aposentadoria por um longo tempo; para você ter uma idéia, comecei a trabalhar aos 16 anos e hoje, estou com 68; comecei como estafeta no banco e passei por todos os cargos até gerente. Depois achei que poderia passar a recolher uma quantia maior para ter uma aposentadoria melhor. Com a produção do café na fazenda que administrava para o meu pai, cheguei recolher sobre 20 salários mínimos que era o teto máximo permitido. Hoje, estou relutando para entrar com os papéis pedindo a aposentadoria, porque num

primeiro cálculo feito, não vou receber mais que R\$ 1.000,00. É aviltante e desumano o tratamento que o governo dá ao cidadão nessa hora, principalmente com a não observância dos direitos adquiridos.”

Poucos tiveram oportunidade e ou possibilidade de conseguir reservar recursos para desfrutar de maior conforto na velhice. No dizer de um outro entrevistado:

“Ninguém consegue entender como foi que eu fiz meu pé de meia. Só Deus e eu sabemos os apertos que passei; trabalhava de sol a sol, sempre pensando que quando chegasse a velhice eu poderia viver sem maiores preocupações. Hoje estou com 82 anos e preciso controlar meu dinheirinho, controlar as despesas para não faltar o remédio que tomo todo dia...”

3.3. O Processo Educacional

Para falarmos sobre processo educacional, devemos lembrar que consideramos o homem como um ser livre para adotar atitudes e decisões frente aos condicionamentos sociais, os quais podem ajudar ou delimitar a sua conduta.

Os estudos de Ivan Pavlov fundamentam as explicações sobre a influência positiva ou negativa que podem influenciar nos condicionamentos que induzem o processo de formação da identidade do ser humano, permitindo-lhe organizar com maior ou menor facilidade, a manutenção do equilíbrio de sua vida, abrindo-lhe possibilidades de vir a ser o que caracteriza essa identidade.

Portanto, o homem está em busca constante de ser mais. Preocupados com este enfoque, pensamos em analisar o processo educacional vivenciado pelos idosos em sua infância e juventude, visando fundamentar respostas aos questionamentos que levantamos na proposta deste estudo.

Através da comunicação com o ambiente que o circunda, o homem realiza a sua aprendizagem sobre os conhecimentos extra escolares, os quais associados a estes, vão oferecer-lhe suporte para o seu pensar e agir. É portanto, no seu cotidiano que ele apreende e realiza a organização de valores, normas, conceitos, ou então, simplesmente reproduz o que vivenciou ou que lhe impuseram.

Os sujeitos desta pesquisa, na fase de sua vida infantil passaram por um processo formal e informal de educação caracterizado por um clima de submissão na família e na sociedade independente de aceitarem ou não esta situação de submissão. É sabido que nessa época, os educandos não eram chamados a refletir, questionar ou criticar os conhecimentos que lhes eram transmitidos. As exceções não são consideradas ponto de contradição que possam alterar este cenário.

Esta atitude educacional pode ter contribuído para limitar, reduzir ou cercear as manifestações do pensamento e ativar o nível das relações entre as pessoas, exercendo até mesmo um controle sutil do ponto de vista de garantir uma ideologia considerada necessária para a manutenção do poder das lideranças políticas da época histórica vivida.

A própria educação formal se constituiu num instrumento que contribuiu para a formação de opinião dos idosos de hoje, pela força que exerceu na engrenagem funcional das sociedades, principalmente considerando os momentos históricos em que esteve inserida. Sabemos que a escola, como educação formal, não consegue ser totalmente neutra aos fatos que ocorrem na sociedade, inclusive se analisarmos o aspecto de que enquanto instrumento de educação, seu compromisso é com a sociedade, com a formação do cidadão que nela irá atuar. Daí a imagem que temos de educação formal escolar vinculada ao contexto social, político, econômico e cultural.

Como vimos nos últimos 50 anos, o país atravessou um acelerado desenvolvimento econômico que o levou à projetar-se no cenário mundial, como um país com significativa economia capitalista, provocando um processo de acumulação de riquezas para uns e nefasta geração de miséria, empobrecimento

para a maioria da população e, portanto, sua exclusão dos setores majoritários da sociedade.

Sob influência ideológica e política, os programas oficiais de ensino estiveram sob controle. Aliás, esse controle esteve presente em todas as áreas viáveis de serem utilizadas como veículo para induzir o brasileiro à aceitação da opinião de acordo com a ideologia governamental, visando atingir seus planos desenvolvimentistas.

Um exemplo dessa realidade está na confirmação dos estudos feitos por Regina Leite Garcia, quando analisou os conteúdos conduzidos nos livros didáticos utilizados nas escolas da rede oficial de ensino público, entre 1940/ 70, período em que o sucesso da alfabetização estava no uso da melhor cartilha aprovada pelo Ministério da Educação. As Secretarias Estaduais de Educação se primavam por aprovar o uso de cartilhas que possibilitassem o controle absoluto do processo de aprendizagem de cada aluno.

De acordo com esta autora, as quatro cartilhas aprovadas e mais usadas nesta época foram: Caminho Suave, Pipoca, A Casinha Feliz e Sonho de Talita:

“As quatro cartilhas falam de um mundo maravilhoso, santuário da harmonia e da felicidade. Impossível identificar a que sociedade se referem, pois poderia se localizar em qualquer espaço geográfico e em qualquer tempo histórico...” (Garcia, 1987, p.52)

Com esta imagem, os conteúdos sobre a alfabetização não abriam espaço para estimular crítica ao saber, pelo contrário, submissão ao considerado ideal e satisfatório.

Um outro destaque a fazer foi a imagem moldada sobre o papel do homem na sociedade, cultuando sua posição de potência, de chefe. Neste mesmo estudo, Garcia evidencia que essa imagem era passada de forma a garantir sua

situação de domínio em contra posição à figura de submissão e docilidade feminina.

À inclusão destas observações são importantes por termos, levantado a hipótese de que os idosos do sexo masculino poderão deixar de buscar novos projetos de vida, influenciados pelas imagens de comando, de fortaleza e ocupar seu tempo livre com tais projetos e no seu imaginário é “coisa para mulher”, valores machistas passados pela cultura e presentes no saber popular.

II. O CAMPO DA PESQUISA

1. REPRESENTAÇÃO ESPACIAL E TEMPORAL DO UNIVERSO DA PESQUISA: aproximações

1.1. EMERGÊNCIA HISTÓRICA DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE – UNATI

1.2. O PERFIL DOS ALUNOS DA UNATI

2. O CONTEXTO METODOLÓGICO DA PESQUISA

“TU sabes SENHOR, que só constróem rugas no rosto, quem tem o privilégio de muito viver”

(Melo)

1. REPRESENTAÇÃO ESPACIAL E TEMPORAL DO UNIVERSO DA PESQUISA

Para situar a representação espacial e temporal do universo nesta pesquisa, apresentamos os dados que antecederam a nossa definição pelo enfoque específico do idoso do sexo masculino com o seu tema central.

Ao entendermos que a busca eficaz de uma política de envelhecimento consciente deve estar associada a interesses e necessidades dos cidadãos envolvidos, partimos para a conquista de espaço que possibilitasse reunir pessoas idosas para reflexões e preparação para um envelhecer mais saudável e por que não de realizações pessoais e sociais.

Para tanto apresentamos sintetizadamente a emergência histórica da UNIVERSIDADE ABERTA À III IDADE – UNATI na Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Câmpus de Franca, que constitui ponto antecessor e inicial deste estudo.

1.1. Emergência Histórica da UNATI – UNESP – Franca:

Para historiar a trajetória que culminou em 15 de Agosto de 1996, com a abertura oficial da UNATI – UNESP, temos que nos reportar ao funcionamento do Núcleo Regional de Idosos de Franca, unidade de serviço público ligada ao Conselho Estadual do Idoso de São Paulo.

Este Núcleo foi criado com a finalidade de articular ações, organizar programas regionais voltados para atender as necessidades dos idosos residentes nos 17 municípios que o compunham. Os representantes indicados e procedentes de cada município, se reuniam sistematicamente. Uma de suas propostas de trabalho se prendia a estimular a abertura da Universidade para a população da terceira idade, nos moldes de muitas outras Universidades que atuavam nesta área em todo o Brasil.

Apresentamos ao Conselho Estadual do Idoso-CEI, esta proposta com a finalidade de obter o apoio dessa organização. A resposta deste CEI veio

através de um ofício da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários – PROEX, da UNESP a qual solicitava a apresentação de um programa de extensão universitária, tendo como parceiro o Conselho Estadual. Nessa ocasião o projeto era chamado PROJETO SENIOR.

Para identificar os interesses dos idosos sobre o conteúdo programático da proposta a elaborar, realizamos um levantamento nos diversos grupos e organizações sociais de atendimento a esta população e com profissionais da área. Com base nesse estudo, elaboramos o programa da UNATI, propondo a sua implantação de forma gradativa, numa expectativa de que aos poucos, esta iniciativa se consolidasse no contexto social da Universidade.

Em atenção às três áreas que compõem o campo funcional da Universidade, o ensino, a pesquisa e a prestação de serviços à comunidade, o programa propunha: a realização de cursos de difusão cultural envolvendo temáticas sugeridas pelos próprios idosos com base no levantamento acima referido; abertura de vagas nas disciplinas dos cursos de graduação em funcionamento no Câmpus, ou seja, História, Direito e Serviço Social; oficinas para atender a recomendações geriátricas e gerontológicas; abertura de espaço para realização de pesquisa envolvendo questões ligadas a este segmento etário.

O processo foi montado e encaminhado à Reitoria. Enquanto isto, agilizamos procedimentos objetivando obter a devida aprovação dos órgãos competentes do Câmpus de Franca, para iniciar o trabalho. Durante o exercício de 1995, o referido processo tramitou pelos Departamentos da Unidade de Franca, até que em abril de 1996, foi aprovado pela Congregação da Faculdade.

Enquanto isso, realizamos integradamente com recursos da comunidade francana, seminários que objetivaram estimular e sensibilizar os interessados para participarem do programa, tão logo ela fosse aprovada. Tanto que após a sua aprovação pela Congregação, acertos e providências foram tomados, culminando com a aula inaugural da UNATI, em 15/08/96, com a

presença de pessoas idosas, profissionais da área, autoridades convidadas para participação.

Embora nossa expectativa fosse a de contar com um público mais numeroso, pudemos constatar com o tempo, que o grupo inicial dos 50 idosos, foi a mola propulsora para desencadear o processo de implantação da UNATI. A cada semestre as programações vêm sendo fortalecidas com novos cursos, oficinas, sempre fiéis ao princípio de contar com as sugestões e subsídios de alunos, profissionais e pessoas interessadas que dão sustentação a sua organização.

A idade de 45 anos foi estipulada como limite mínimo para participação nas oficinas e cursos de difusão cultural, por se tratar de uma alternativa de preparação da pessoa para o envelhecer. Com relação aos alunos idosos que se interessam em participar das aulas dos Cursos de Graduação da Faculdade, foram estabelecidos pré-requisitos como a idade mínima de 50 anos e comprovação de possuir escolaridade correspondente ao 2º grau completo, hoje fundamental e básico.

Cumpre-nos mencionar que a primeira turma de alunos da UNATI contava, apenas, com 3 homens. Hoje, 2º semestre de 2000, temos 245 alunos, e a presença de 29 homens.

Esta realidade foi mais um fator a pesar na deliberação de estudarmos o porque dos homens não se aproximarem deste programa como instrumento de auto preparação para o seu envelhecer.

1.2. O Perfil dos Alunos da UNATI/UNESP – Franca

O levantamento de dados que permitisse a identificação do perfil dos alunos da UNATI, se constituiu em fase exploratória de nosso estudo, com o objetivo de maior aproximação dos sujeitos numa dinâmica investigativa e interativa.

“O trabalho do campo, em síntese, é fruto de um momento relacional e prático: as inquietações que nos levam ao desenvolvimento de uma pesquisa, nascem no universo do cotidiano. O que atrai na produção de conhecimento é a existência de desconhecido... Essa produção por sua vez, requer sucessivas aproximações em direção ao que se quer conhecer.” (Minayo, 1994, p.64)

Nessa aproximação buscamos identificar dois momentos de ação: um ligado à percepções, exteriorizações de como os alunos em geral, estavam visualizando o funcionamento da UNATI. O outro, a coleta de dados que permitisse perceber a condução a ser dada a etapas posteriores da pesquisa, objetivando maior proximidade não só do seus sujeitos – os idosos do sexo masculino, como também, definirmos o instrumental a ser usado para construir os grupos temáticos que permitissem conhecer a visão dos mesmos, a respeito do seu envelhecer e a sua auto preparação ou não, para esta fase da vida.

Esta primeira coleta de dados se caracterizou por uma consulta aos 172 alunos que estavam freqüentando a UNATI no segundo semestre de 1999, no sentido de obter sua colaboração para este estudo, respondendo a um questionário contendo questões fechadas e abertas, em anexo.

Obtivemos a devolução de 107 questionários (62,2%) dos quais 16 (14.9%), estavam totalmente em branco e 4 foram respondidos por alunos com idade inferior a 45 anos. Como houvéssemos esclarecido aos alunos que a devolução dos mesmos, fosse feita ao professor da atividade a que estivessem ligados, evitando assim, dúvidas ou dispersão, não conseguimos detectar as razões do não preenchimento dos questionários.

O fato de contarmos com expressivo número de questionários respondidos, levou-nos a uma leitura qualitativa da realidade constatando diferentes níveis de conhecimentos oferecidos pelos informantes, dando sustentação a procedência fidedigna dos dados e, conseqüente, “**compreensão do**

fenômeno investigado no contexto de sua história e de seu processo”
(Rodrigues, 1998, p.60).

Assim sendo, agrupamos as perguntas em quatro grupos temáticos significativos: dados pessoais, familiares, sociais e a opinião dos alunos em relação ao funcionamento, avaliação e sua participação na UNATI. Solicitamos ainda sugestões de cursos e oficinas com vistas ao planejamento de novos programas.

Para efeito de análise com relação aos dados pessoais, reunimos as informações em tabelas que numeramos de 1 a 5, inserindo nas mesmas, a entrada de diferentes dados com a intenção de estabelecer uma leitura correlativa. Trata-se das chamadas Tabelas Complexas que permitem associar dados que isoladamente apresentados, teriam menor significado. Acrescentamos comentários analíticos que auxiliam o entendimento de variáveis contidas na sua apresentação.

A importância deste critério de apresentação está em evidenciar a diversidade de níveis culturais dos alunos, bem como de dados pessoais, unindo-os num objetivo comum, qual seja, o de todos estes alunos, estarem buscando na UNATI, um novo projeto de vida.

TABELA n.1: Os sujeitos de acordo com idade, sexo e estado civil

Estado civil	Solteiro		Casado		Viúvo		Desquitado ou Divorciado		Total	
	M	F	M	F	M	F	M	F		%
Idade										
40 – 45	–	1	1	2	–	–	–	–	04	4.6
46 – 50	–	–	–	4	–	–	–	–	04	4.6
51 – 55	–	–	–	6	–	4	–	1	11	12.7
56 – 60	1	3	1	6	–	1	–	–	12	13.8
61 – 65	1	–	2	5	1	1	–	4	14	16.0
66 – 70	–	1	3	13	–	8	–	–	25	28.8
71 – 75	–	–	3	4	–	5	–	–	12	13.8
76 – 80	1	–	–	–	1	3	–	–	05	5.7
Total	3	5	10	40	2	22	–	5	87	100
%	3.4	5.8	11.5	46.0	2.3	25.3	–	5.7	–	100

Dos 87 pesquisados constatamos que 17,2% são do sexo masculino, predominando entre as idades de 56 a 80 anos, enquanto as mulheres perfazem 82,8%, nesta apresentação.

Temos aqui uma vez mais evidenciada a questão da predominância diferencial por sexo entre os idosos o que é explicado por especialistas em demografia, pela própria diferença existente no Brasil, nos ritmos de crescimento da população idosa masculina e feminina.

Cabe aqui, uma análise em relação aos dados registrados quanto a presença masculina no primeiro ano de funcionamento da UNATI e a realidade atual. Esse aumento é significativo na medida em que a cada semestre, a procura pelo programa está aumentando em relação aos homens.

Destaque a merecer comentários refere-se ao percentual de 28,8% destes idosos homens, estarem na faixa etária entre 66 a 70 anos. Temos a referenciar que em 1980, quando iniciamos estudos mais científicos e profundos a respeito da pessoa idosa, as bibliografias que consultávamos, ofereciam dados mais esparsos, embora afirmativos, de que a expectativa média de vida girava em torno de 54.8 anos para os homens e 61.1 para as mulheres, havendo naturalmente, a considerar as desigualdades regionais no Brasil (Laurenti, 82, p.21). Como fatores fundantes desta média, eram citados: condições de trabalho, econômicas, hábitos de vida, de alimentação, lazer e padrões culturais.

Sérgio Márcio Pacheco Paschoal em seus estudos sobre Epidemiologia do Envelhecimento, comenta entre outros dados relativos à expectativa de vida, que a “mortalidade começa a se acelerar por volta dos 60 anos” (Paschoal, 1996, p.35). Contudo, ao mesmo tempo, tece considerações a respeito dos avanços tecnológicos na área da medicina, nas condições de saneamento básico, urbanização, higiene pessoal e ambiental e o próprio nível educacional têm contribuído para provocar mudanças neste quadro. Tanto que a expectativa média de vida superou a casa dos 60 anos e indicadores estatísticos da Fundação Estadual de Análise de Dados – SEADE, apontam para hoje, a superação dos 64 anos para os homens e 72

para as mulheres. Portanto, os alunos da UNATI estão acima destas projeções e aparentam estar em condições saudáveis.

Ainda um destaque a analisar nesta tabela volta-se para o aspecto da viuvez, cujos índices mostram diferenças marcantes: dos 87 entrevistados, encontramos dois viúvos e 22 viúvas, confirmando dados demográficos acerca da longevidade maior entre as mulheres.

Uma explicação baseada em dados empíricos procedentes de informações ligadas às crendices populares, refere-se à preocupação de que via de regra os homens deveriam ter mais cuidado com sua saúde entre os 40 a 50 anos, consideradas idades críticas. Este fato, sem fundamentação, está contido nas crenças populares que atribuíam a presença de considerável influência no modo de pensar dos homens. A fala de um dos alunos, confirma esta crença que hoje aparentemente parece estar superada:

“... quando eu fiz 40 anos, tinha uma preocupação terrível a me esquentar a cabeça: minha mãe dizia que eu tinha que aproveitar a vida e cuidar da saúde, porque tinha entrado numa idade perigosa. Fui ao médico, fiz uma porção de exames e fiquei de olho na minha saúde; mas não aconteceu nada. Hoje estou com 62 anos e parece que nem tenho essa idade.”

Ao incluirmos no conjunto de dados a serem pesquisados, perguntas relativas a escolaridade, preocupamo-nos em conhecer e buscar interrelações entre a idade, frequência escolar e, posteriormente, identificar as associações que os idosos homens pudessem fazer quanto a influência da escolaridade no envelhecer, nas atitudes e nos comportamentos das pessoas em relação a esse envelhecer.

TABELA n. 2: Os sujeitos de acordo com idade, sexo e escolaridade ¹

Escolaridade Sexo	1º Grau Incompleto		1º Grau Completo		2º Grau Incompleto		2º Grau Completo		Curso Superior		Sem Resp.		Total	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	%	
Idade														
40 – 45	–	–	–	–	–	–	1	2	–	2	–	–	5	5.7
46 – 50	–	–	–	–	–	–	–	1	–	2	–	–	3	3.4
51 – 55	–	–	–	–	–	–	–	3	–	8	–	–	11	12.7
56 – 60	–	3	–	1	–	1	–	1	1	5	–	–	13	15.0
61 – 65	–	2	1	2	–	1	2	2	–	4	–	–	14	16.0
66 – 70	1	6	1	5	–	6	–	3	1	1	1	–	25	28.8
71 – 75	–	–	1	2	–	3	1	2	2	1	–	–	12	13.8
76 - 80	1	1	–	1	–	–	–	1	–	–	–	–	4	4.6
Total	2	12	3	11	–	11	5	15	4	23	1	–	87	100
%	2.3	13.8	3.4	12.7	–	12.7	5.7	17.3	4.6	26.4	1.1	–	–	100

Estes dados permitiram-nos visualizar que a freqüência dos homens à escola esteve presente em suas vidas, variando com pequenas ressalvas, desde o primário incompleto até nível superior, registrando-se numa ordem decrescente, 5,7% com nível de escolaridade correspondente a 2º grau completo, seguido de 4,6% nível superior e 3,4%, 1º grau completo. Os demais em escala pequena.

A mesma realidade já não foi retratada pelas mulheres idosas deste grupo, que revelaram um percentual bem maior com relação a freqüência a cursos superiores, ou seja, 26,4% seguido de 17,3%, correspondendo ao 2º grau completo. Ressaltamos que os dados de escolaridade associados às mulheres, mostram a mudança de mentalidade dos pais ou responsáveis pelas mesmas, na fase de sua infância e juventude, quanto à imagem culturalmente introjetada sobre a presença da mulher nas escolas. Esta imagem que foi por nós vivida, mudou. A nossa experiência de vida e conhecimento dos padrões culturais, é de que às mulheres cabia o papel de dona de casa com dedicação exclusiva ao lar.

¹ Nesta tabela levamos em consideração a terminologia antiga e de maior conhecimento dos pesquisados. Hoje essa nomenclatura já foi mudada para o ensino fundamental abrangendo os oito primeiros anos do curso após o ensino infantil e ensino médio, correspondente ao colegial também chamado 2º grau.

Destaque a fazer em relação a classificação do nível de escolaridade no tocante à referência 1º grau completo e ou incompleto: os 87 alunos que responderam aos questionários, são remanescentes do antigo regime escolar em que o curso primário correspondia a 4 anos, ou seja, primeira até a quarta série do 1º grau. Por sua vez o curso ginásial compreendia da 5ª à 8ª série, constituindo outro turno. Após o término de cada etapa, os concluintes recebiam um diploma, numa solenidade especial. Ao registrarem estes dados, os alunos apontavam explicações relativas a atual sistemática adotada pela rede oficial de ensino em relação ao 1º grau.

Quanto aos dados pessoais, levamos também em consideração o aspecto da ocupação, da situação econômica e familiar dos alunos, esclarecendo que esta preocupação se prendeu ao fato de que os dados gerais sobre a renda mensal seriam relativos a satisfazer ou não o atendimento às necessidades básicas do cotidiano sem maiores apertos financeiros.

Na análise dos dados, constatamos que a maioria dos pesquisados, declarou ter atualmente uma situação que lhes permite cobrir as despesas básicas, mas controlando as despesas para evitar desequilíbrios orçamentários. Alguns alunos comentaram que não podem se descuidar com gastos extras, como por exemplo de presentear filhos, netos, pois a renda não permite.

A Tabela n. 3 ilustra alguns destes dados.

TABELA n. 3: Os sujeitos de acordo com sexo, ocupação e renda mensal

Sexo	Ocupação Atual		Renda mensal			total	
			satisfaz c/ limitação	Satisfaz	sem resposta		%
M	Do lar	1	6	9	-	15	17.2
	Aposentado	3					
	Curso programação	1					
	Sem resposta	10					
F	Aposentado	9	39	31	2	72	82.8
	Trabalhos manuais	1					
	Faz pesquisa	1					
	Sem resposta	53					
	Do lar	8					
Total		87	45	40	2	87	100
%			51.8	46.0	8.2	-	100

Constatamos que 72,4% deixou de declarar a sua ocupação atual, o que veladamente deixa transparecer um sentimento de auto desvalorização. O fato de mencionar que sua ocupação é ser “do lar”, tem sido motivo de desabafo. Por exemplo, as mulheres fazendo a matrícula na UNATI, ao preencher a ficha de inscrição, tecem comentários desta natureza:

“O que fazer, o serviço de casa não é levado em conta; não é considerado ocupação, por isso não adianta nem escrever isto aqui.”

Evidenciado ficou que a renda familiar dos alunos satisfaz as despesas de manutenção, havendo um relativo equilíbrio entre as informações oferecidas pelos homens e mulheres, confirmando a preocupação de controle dos gastos.

A expressão de sentimentos de uma aluna através de sua fala revela com clareza a compreensão sobre o quadro de economia vivenciado pela maioria dos brasileiros na atualidade:

“Acredito que no momento está difícil em geral, pois a transformação do país, mudou-se para pior. Não há mais sorriso no povão, como há anos atrás. E nem mesmo pessoa educada tem mais; não há muita compreensão, entendimento. Hoje, ninguém ouve ninguém.”

Embora com palavras sutis, esta pessoa está retratando a interrelação que parece existir entre contar com recursos econômicos reduzidos e vivenciar as dificuldades desta situação com outras pessoas sem perder a paciência. Os relacionamentos de harmonia e compreensão ficam abalados, prevalecendo a irritação e a agressão. A ausência de recursos financeiros influencia o humor das pessoas, retratada na falta de educação como foi acima mencionado.

Estes dados revelam concretamente que os alunos experimentam as seqüelas de uma realidade brasileira relativa aos rendimentos insuficientes para

manutenção de suas necessidades de seu bem-estar, confirmando o quadro de desigualdades sociais existentes no país, que se reflete duramente em seu cotidiano.

A instituição familiar é componente inseparável do processo vivencial dos idosos, razão pela qual incluímos nesta caracterização, dados do seu cotidiano que nos permitiram identificar aspectos significativos. Em função do objetivo maior deste levantamento de dados estar mais ligado a traçar um perfil dos alunos bem como a sua participação na UNATI, não aprofundamos em outras questões ligadas a interações familiares.

TABELA n. 4: Os sujeitos de acordo com sexo, moradia e partilha de problemas pessoais

Sexo	Com quem mora		Com quem conta para resolver problemas pessoais			
M	filho, genro, nora	1	6.7	Esposa	3	20.0
	esposa	7	46.6	esposa e filhos	6	40.0
	mora só	1	6.7	filhos	3	20.0
	esposa e filhos	3	20.0	amigos, familiares	1	6.7
	irmã e sobrinhos	1	6.7	sem resposta	2	13.3
	filho	2	13.3			
	Sub total	15	100	Sub total	15	100%
F	filho, genro, neto	3	4.2	esposo	13	18.0
	esposo	16	22.2	esposo e filhos	8	11.2
	mora só	22	30.5	filhos	19	26.4
	esposo e filhos	14	19.4	familiares	10	14.0
	tia	1	1.4	ninguém, sozinha	13	18.0
	irmãos	3	4.2	pessoa amiga	1	1.4
	mãe	3	4.2	fê em Deus e esperança sempre	2	2.7
	filho, cunhado	1	1.4	sem resposta	6	8.3
	sem resposta	9	12.5			
	Total	72	100%		72	100%
Total		87	100%		87	100%

Constatamos que em relação à moradia, as respostas ofereceram um quadro que vem se aproximando da modalidade hoje em dia encontrada na sociedade, ou seja, pessoas morando só. Dos 87 questionados, 26,4% declarou residir sozinho. Um confronto deste dado com a tabela 1, que indica 24 viúvos (2 homens e 22 mulheres), permite-nos afirmar que o hábito tradicional de após a

viuvez, a pessoa passa a morar com outros familiares, não está acontecendo com os alunos da UNATI. Interessante registrar que os laços familiares vêm sendo mantidos, pois, ao procurarmos a quem o idoso recorre para resolver seus problemas pessoais, a referência marcou a busca dos filhos, 25,8% e de familiares, 12,6%.

Numa sequência de dados significativos, encontramos 26,4% dos alunos residindo com esposo(a) e 16,0% com esposo(a) e filhos, seguido de dados que revelam arranjos que envolvem moradia com familiares, confirmando neste caso, um outro fator ligado à necessidade de manter o laço familiar através de residência no mesmo teto. A afetividade é outro elo fundamentador desta situação de arranjos de moradia.

Neste contexto, há um destaque a mais que julgamos importante fazer: apenas um aluno mora só, sendo que na busca de apoio para resolver problemas, a indicação foi a procura dos filhos, evidenciando que a família continua sendo considerada o refúgio para envolvimento e partilhas dos fatos da vida cotidiana.

Uma explicação mais científica para a questão, nos é dada por Peter L. Berger, em seus estudos sobre a construção social da realidade, quando afirma:

“o mundo da vida cotidiana não somente é tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprime as suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles.”
(Berger, 1985, p.36)

Nesse sentido, entendemos que os alunos sentem no aconchego do lar, da família, a segurança do real, do sentido de suas vidas.

Buscamos também, conhecer como os idosos vivenciam as relações sociais com outros grupos da comunidade, levantando dados a respeito de como ocupam o seu tempo livre.

Encontramos citações que nos levaram a agrupar as respostas, em dois grupos distintos:

- a) a realização de atividades diversas e conceituadas pelos alunos em termos de ocupação do tempo livre, porém desenvolvidas no ambiente doméstico, isto é, em casa;
- b) a realização de atividades diversas fora do lar, na comunidade.

TABELA n. 5: Os sujeitos de acordo com ocupação do tempo livre

Atividades diversas Ambiente Domésticos	Total %	Atividades diversas na comunidade	total %
Afazeres Domésticos	36 41.4	biodança, coral	7 8.0
Ajudar filhos, netos	8 9.2	bailes	29 33.4
Trabalhos manuais	19 21.8	igrejas, cultos	21 24.1
Música, leitura, TV	18 20.7	visitar amigos	4 4.6
Muito ocupado, não sobra tempo	4 4.6	grupos convivência	21 24.1
Fazer tricô, tricê e		prática de esportes	4 4.6
Flores para vender	2 2.3	viagens	1 1.2
Total:	87 100	Total:	87 100

Na realidade de vida destes idosos os afazeres domésticos (41,4%) e a execução de trabalhos manuais (21,8%), retrata um cotidiano organizado no desempenho de ocupações consideradas comuns a todas as pessoas e acessíveis a sua manipulação. Os demais itens contidos na tabela 5, indicam um conteúdo que deixa transparecer a interpretação de sua visão espacial e temporal de vida associada a ocupação mais próxima, diária e conhecida que lhes dá segurança no viver.

Mesmo ao indicarem a ocupação do tempo livre em atividades realizadas fora do ambiente doméstico, a percepção passada do seu cotidiano nesta fase de suas vidas, persiste ligada aos seus interesses mais próximos e imediatos. Por exemplo 33,4% ocupa seu tempo nos bailes, contudo, são bailes em que lhes propiciam a reunião com amigos ou conhecidos, num ambiente como eles próprios costumam afirmar “familiar”.

A frequência a igrejas, cultos e outros ritos religiosos, 24,1%, geralmente se realiza em horários de encontro com outros participantes também conhecidos ou amigos; isto para não falar dos grupos de convivência em que o

hábito é de novos associados serem apresentados por amigos, parentes e ou conhecidos, 24,1%.

As respostas à estas questões, expressam a subjetividade com que os alunos exteriorizaram a saída de casa para frequentar outros ambientes, resguardando a tônica de estarem em espaços que lhes oferece segurança afetiva, tranquilidade, deixando-os à vontade e com confiança:

“O ir a bailes é uma fonte de renovação da vida, do amor, da amizade e, principalmente, faz um bem interior a mim; creio que para os outros também.”

“Ir a bailes, à igreja, é sempre uma oportunidade para retorno ao convívio social, pois aposentados ficamos mais velhos e nos tornamos mais isolados.”

Com estas informações, registramos que os idosos buscam novos horizontes, conhecimentos e novo ritmo de vida:

“É um modo de sair do meu mundinho, casa, família, obrigações domésticas e ver quanta coisa boa temos para aprender e desfrutar.”

Implícito neste contexto encontramos referências a sentimentos e valores atribuídos aos relacionamentos sociais que fazem parte do ser gente, do buscar a complementação de carências que acabam tornando maior vulto, diferente do fato das pessoas permanecerem mais centradas na rotina do seu cotidiano doméstico.

Esta situação, nos levou a incluir nas questões a abertura de espaço para comentários sobre a imagem que faziam sobre a amizade na sua vida social, nas relações sociais. As respostas mostraram uma caracterização sobre como definem a amizade:

- relação com o outro que abre espaço para uma conversa franca, troca de problemas; confiança para contar com companhia nas horas necessárias, tanto de alegria como de dificuldades; não se sentir só; estar com outras pessoas que os compreendam.
- Por outro lado, 16,0% dos sujeitos, emitiram opiniões acerca da amizade como fator que exige facilidade pessoal para comunicar-se; e a dificuldade para chegar-se ao outro, foi traduzida como timidez. Alguns alunos declararam que o relacionamento entre as pessoas, às vezes é fácil, o difícil é o entender-se devido às diferentes maneiras de pensar, ver e analisar os fatos que podem criar situações conflitantes, de atritos o que algumas vezes, impede amizade franca e aberta.

“Não tenho amizade, pois amizade sincera, autêntica é raça em extinção.”

Quanto à manifestação sobre o funcionamento e avaliação da UNATI, constatamos pelos comentários tecidos, que a iniciativa de abertura deste espaço pedagógico e cultural constitui para todos, uma oportunidade para a dedicação de tempo a um novo projeto em suas vidas.

A proposta pedagógica cultural da UNATI se fundamenta na contribuição aos seus alunos para um repensar dos valores, de atitudes e comportamentos das pessoas idosas, oferecendo-lhes a oportunidade de desencadear processo de socialização que viabilize a participação social e a incorporação de nova interpretação ao sentido de suas vidas. O comentário abaixo, traduz a consecução do objetivo proposto:

“antes de participar da UNATI, pensava que era uma babaquice de assistente social, que pensa que velho é boneco para ser colocado em seus programas de lazer. Mas para não sair do coral, aceitei vir para a UNESP. Ao entrosar com a turma e observar os cursos e atividades oferecidas, percebi meu engano

e passei a ver a UNATI com outros olhos. Me senti ultrapassada e que deveria participar mais para estar por dentro dos acontecimentos da realidade.”

2. O CONTEXTO METODOLÓGICO DA PESQUISA

É na interação de aspectos, variáveis, nuances que o fenômeno a estudar pode vir a apresentar-se, assim como nas várias facetas que as diferentes correntes filosóficas, o apresentam e interpretam, que surgem as formas de visualizar e analisar o quadro teórico da pesquisa e estabelecer os procedimentos metodológicos para atingir os objetivos propostos.

Como aproximação ao tema apresentamos até agora, as ações que antecederam este estudo em termos de identificar na amplitude do tema velhice, envelhecer, o afunilamento para enfocar mais especificamente o idoso do sexo masculino como fator de relevância.

Para introduzir o contexto metodológico da pesquisa sentimos que alguns pontos precisam ser reforçados. Vimos por exemplo que as relações interpessoais, intergrupais no cotidiano levam as pessoas a entrarem em comunicação umas com as outras e estabelecerem relacionamentos condicionados até mesmo pelas motivações que as levam a eles. Para o pesquisador é de extrema importância entender a decodificação que possa ser feita em relação às motivações e os fatores que influenciam as percepções, os comportamentos dos pesquisados a fim de que possa realizar a análise e ou interpretação dos dados.

De acordo com o objetivo deste trabalho, optamos pelo uso da pesquisa qualitativa que nos permite além de conhecer tanto algumas circunstâncias da vida do homem idoso quanto a interpretação dos dados a respeito da sua experiência pessoal no contexto histórico que vivenciou até a presente data.

Antes porém, para estudarmos o contexto idoso e suas relações sociais, procuramos delimitar no universo da pesquisa, o que caracteriza o cotidiano. Segundo Maria do Carmo Brant de Carvalho:

“o cotidiano e a cotidianidade existem, penetram eternamente em todas as esferas da vida do homem... na vida cotidiana ele aprende as relações sociais e as reproduz enquanto instrumento de sobrevivência.” (Brant, 1966, p.24 e 26)

Deduzimos pois, que o cotidiano é o conjunto de ações e relações heterogêneas que acontecem no dia a dia das pessoas, e presente nos vários momentos da vida familiar, da relação com os amigos, com os grupos sociais, no lazer, no trabalho e outros. É no cotidiano desde os mais tenros dias de vida até a idade mais avançada, que o homem conforme vimos no quadro referencial teórico, apreende valores, normas de conduta, molda seu agir, seu temperamento e a sua personalidade.

Como princípio metodológico qualitativo, buscamos numa primeira aproximação, estabelecer uma relação com os sujeitos de nossa pesquisa, realizando o levantamento de dados que embasaram a formulação da caracterização ou perfil dos alunos da UNATI, numa dinâmica investigativa e interativa.

O conjunto de informações colhidas nesta fase, permitiu-nos identificar características específicas sobre o cotidiano dos alunos em geral, abrindo porém, espaço para conduzir o planejamento da segunda fase aproximativa, elencando especificamente, os alunos homens, cujo número atingia 29 idosos.

A partir do objeto de estudo, ou seja, a conduta do idoso do sexo masculino face ao seu processo de envelhecimento e tendo em vista o cuidado para não nos utilizarmos de procedimentos manipuladores na seleção dos sujeitos da pesquisa, decidimos por incluir no seu universo, dois grupos representativos de idosos, ou seja:

- a) pessoas idosas – homens, que participam da UNATI e com os quais tivemos possibilidade de contato direto e semanal;
- b) idosos igualmente homens, em número e idade acima de 50 anos, que não participam do programa UNATI e que em decorrência disto, foram entrevistados em seus domicílios, propiciando-nos condições para maior aproximação e conhecimento do seu cotidiano, circunstâncias processuais que configurariam o seu pensar e conduzir-se em relação ao seu envelhecer.

Com relação à idade, temos a esclarecer que a legislação brasileira mudou a sistemática em relação à aposentadoria, contudo, os sujeitos desta pesquisa são pessoas que começaram a trabalhar cedo, conseguindo desta forma aposentar-se até mesmo antes de chegar aos cinquenta anos de idade. A referência a identificar na comunidade, idosos com mais de cinquenta anos e aposentados, partiu do princípio de que possivelmente estivessem descompromissados com as obrigações de trabalho formal, portanto, com tempo livre sendo usado de alguma forma. Conhecer como usam esse tempo e se esse uso constitui ou não preparação para o envelhecer.

Na dimensão da pesquisa qualitativa levantamos também a hipótese de que as falas destes sujeitos teriam qualidade representativa por serem provenientes de vários grupos sociais com diferentes níveis econômicos e culturais além das próprias histórias vivenciadas no decorrer de suas existências. Segundo Maria Lúcia Rodrigues: **“o pensar livre e a ação diversificada orientam a formação de um eixo plural, perspectiva dominante de uma postura ético-democrática”** (Rodrigues, 1998, p.58).

Para entrarmos em contato com os idosos residentes na cidade de Franca, procuramos levantar alguns endereços para posterior consulta sobre a possibilidade de colaboração dos mesmos nesta pesquisa. Buscamos em organizações sociais da comunidade que têm contato direto com os idosos, assim como, consultamos pessoas que costumam freqüentar a “praça central” da cidade, local de encontro e presença dos idosos.

Em seguida tivemos o cuidado de realizar o pré teste que nos auxiliou a redimensionar algumas questões que norteariam a coleta de dados.

Assim, passamos à etapa das entrevistas. Em relação aos alunos da UNATI, os contatos foram realizados na UNESP. Com o roteiro em mãos, conversávamos com os alunos e, após explicar nossa proposta de estudo, efetuávamos a consulta sobre a disponibilidade em conceder-nos as entrevistas. Alguns se recusaram a serem entrevistados mas se dispuseram a levar o roteiro e responder em casa às questões. Com estes combinávamos então, um prazo para devolução dos roteiros. Os que freqüentam a UNATI, preferiram entregar na recepção da UNESP, o envelope contendo as respostas. Em relação aos demais, combinávamos horário para a entrevista. Em relação aos moradores na comunidade, procedemos igualmente a uma primeira abordagem pessoal. Aqueles que preferiram responder por escrito, devolveram as respostas entregando-as em nossa casa enquanto em relação a outros, voltamos a suas residências para buscá-las.

Para efetuarmos uma leitura analítica da realidade vivenciada pelos sujeitos de nossa pesquisa, optamos por um instrumental técnico científico que permitisse confiabilidade e fidedignidade na análise dos resultados, devidamente associado ao contexto global de nosso estudo. O critério do senso comum nos pareceu a melhor opção para interrelacionar o instrumento de análise a esse contexto pois o senso comum permite coincidir causa e intenção, ou seja, possibilidade de interpretar as trajetórias do estudo às experiências de vida dos sujeitos, de forma mais aproximada possível.

A probabilidade de interligação entre conhecimentos de ordem empírica e os de natureza científica, foi embasada na ordenação dos fundamentos contidos nos marcos teóricos das teorias sociais, na complexidade do envelhecimento, e nas interrelações do cotidiano dos idosos, correlacionando-os com o objetivo e objeto do presente estudo.

Desta forma, buscando concretizar a fala de Martinelli sobre “**a realidade do sujeito é conhecida a partir dos significados que por ele lhes são**

atribuídos” (Martinelli, 1994, p.14), adotamos o critério de grupos temáticos para a coleta dos dados e posterior análise. São eles:

- as relações sociais no cotidiano dos idosos;
- a questão do trabalho na vida dos idosos;
- o processo educacional vivenciado pelos idosos;
- o envelhecer na ótica do idoso;
- novos projetos de vida: a UNATI como alternativa.

Após realizarmos as entrevistas e recebermos os questionários respondidos, construímos a ordenação das respostas mais fechadas e, portanto, possíveis de agrupar em dados numéricos e elaboramos a composição das tabelas, enquanto que em relação às perguntas abertas, procedemos de acordo com o grupo temático ao seu agrupamento e, em seguida, passamos a nossa análise, interligando o conhecimento empírico manifestado pelo pesquisado, com o referencial teórico. Nossa preocupação maior se prendeu a identificar o significado das falas dos sujeitos em relação ao contexto dos grupos temáticos, o encadeamento das idéias e sentimentos com a temática abordada.

Com esta dinâmica buscamos construir a análise do conteúdo dos dados obtidos numa busca de possível integração de objetivos propostos, métodos e técnicas para atingir o conhecimento a alcançar.

III. O ENVELHECER NA FALA DOS SUJEITOS DA PESQUISA

1. AS RELAÇÕES SOCIAIS DOS IDOSOS FACE AO CONTEXTO VIVENCIAL NO SEU COTIDIANO
2. AS QUESTÕES DO TRABALHO NA VIDA DO IDOSO
3. O PROCESSO EDUCACIONAL VIVENCIADO PELOS IDOSOS
4. O ENVELHECER NA ÓTICA DO IDOSO
5. NOVOS PROJETOS DE VIDA: A UNATI COMO ALTERNATIVA

“A vida vale a pena ser vivida quando se dá sentido a cada etapa da caminhada”

(Melo)

O ENVELHECER NA FALA DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Com a construção do perfil dos alunos que vêm participando da Universidade Aberta à III Idade – UNATI, tivemos uma primeira aproximação com os idosos em geral, o que contribuiu para conhecimentos de aspectos do seu cotidiano. Esta iniciativa abriu-nos espaço para uma segunda fase aproximativa com os sujeitos desta pesquisa, ou seja, os idosos do sexo masculino, alunos ou não da UNATI.

Como é sabido, os idosos alunos da UNATI, eram 29 e com a preocupação de garantir a qualidade representativa da amostragem do universo deste estudo e conforme referência anterior, buscamos na comunidade, entrevistar igual número de pessoas idosas do sexo masculino.

Entretanto, efetivamente conseguimos a colaboração de 42 sujeitos: 21 alunos da UNATI e 21 não alunos.

Em relação ao grupo de alunos da UNATI já sabíamos sobre sua opção por novo projeto de vida pois se encontravam engajados em cursos ou oficinas oferecidos pela UNATI. Quanto ao grupo de idosos da comunidade esta opção de vida não estava presente.

A partir destas considerações, achamos oportuno apresentar o perfil dos sujeitos deste estudo, organizando a apresentação dos dados em tabelas em que os dois grupos são visualizados de modo a permitir uma leitura até mesmo comparativa e dinâmica.

TABELA n.6: Alunos e não alunos da UNATI segundo idade e estado civil

UNATI	ALUNOS						NÃO ALUNOS						Total	
	Estado civil													%
Idade	Solt.	Casado	Viúvo	Desq.	Sub total	%	Solt.	Casado	Viúvo	Desq. Divor.	Sub Total	%		
50 – 55	-	4	-	-	4	19.0	-	1	-	-	1	4.8	5	11.9
56 – 60	-	2	-	-	2	9.6	-	3	-	-	3	14.2	5	11.9
61 – 65	1	2	1	-	4	19.0	-	4	-	-	4	19.0	8	19.0
66 – 70	-	6	-	-	6	28.6	-	5	-	2	7	33.2	13	30.9
71 – 75	-	3	-	-	3	14.2	-	1	1	-	2	9.6	5	11.9
76 – 80	-	1	1	-	2	9.6	-	2	-	-	2	9.6	4	9.6
mais 80	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	2	9.6	2	4.8
Total	1	18	2	-	21	100	-	17	2	2	21	100	42	100
%	4.8	85.7	9.5	-	-	100	-	81.0	9.5	9.5	-	100		100

A tabela n. 6, nos mostra a distribuição dos alunos e não alunos de acordo com a idade e estado civil, permitindo uma leitura visível quanto à incidência de percentual maior recaindo entre as idades de 66 a 70 anos. Do total de entrevistados, 30,9% estão nessa faixa etária.

Um outro dado que achamos importante destacar, refere-se à situação conjugal: apenas 2 informaram estarem divorciados, enquanto 83,3% declaram ser casados. Este dado oferece um visual sobre a consolidação de laços familiares que parece predominar na vida destes idosos.

Ao analisarmos os dados coletados, um outro fator que chamou a atenção prendeu-se à idade com que os sujeitos desta pesquisa começaram a trabalhar, isto é, entre 7 a 12 anos, 52,3%. As suas falas retrataram um hábito comum entre as famílias da época em relação a colocar os filhos a trabalhar, não havendo a preocupação com a legalidade ou não desta iniciativa. Constatamos um exercício tradicional da chamada função econômica familiar, conforme menciona Beltrão em seus estudos sobre Família e Política Social. Esta função explica a preocupação das famílias em educar os filhos no hábito do trabalho e de auxiliar financeiramente o sustento do lar. A tabela n. 7, a seguir, permite uma projeção destes dados.

TABELA n. 7: Alunos e não alunos da UNATI segundo com faixa etária e a idade em que começaram a trabalhar

UNATI	ALUNOS						NÃO ALUNOS						Total	%
	Idade em que começaram a trabalhar						Idade em que começaram a trabalhar							
Idade	7-12	%	13-18	%	19-30	%	7-12	%	13-18	%	19-30	%		
50 – 55	4	19.9	-	-	-	-	1	4.8	-	-	-	-	5	12.0
56 – 60	2	9.6	-	-	-	-	2	9.6	1	4.8	-	-	5	12.0
61 – 65	3	14.1	1	4.8	-	-	3	14.1	-	-	1	4.8	8	19.0
66-70	1	4.8	3	14.1	2	9.6	2	9.6	5	23.5	-	-	13	31.0
71 – 75	1	4.8	1	4.8	1	4.8	1	4.8	1	4.8	-	-	5	12.0
76 – 80	-	-	-	-	1	4.8	-	-	2	9.6	-	-	3	7.0
Mais 80	1	4.8	-	-	-	-	1	4.8	-	-	1	4.8	3	7.0
Total	12	28.5	5	12.0	4	9.5	10	23.8	9	21.4	2	4.6	42	42/100

A situação de trabalho na infância é dado comum aos dois grupos de pesquisados ligada a processo educacional familiar.

As falas de nossos sujeitos evidenciam atitudes de submissão ao comando exercido pelos pais.

“Eu comecei a trabalhar com 7 anos na enxada, para ajudá meu pai. Para ele criança não tinha querer, precisava aprender a trabalhar para dar valor na vida. Meu pai era muito bravo e autoritário, por isso eu obedecia a ele e quando sobrava tempo, no domingo eu brincava um pouco.”

“Eu não tive muita escolha na hora de começar a trabalhar; meu pai decidiu porque precisava da minha ajuda em casa. Eu chegava da escola e a merenda já estava arrumada para eu levar na roça pro meu pai, meus irmão e meu tio. Enquanto eles comia meu pai me mandava pegar o rastelo e juntá as erva daninha que prejudicava as mudas do café crescerem.”

Associado à questão da iniciação no trabalho, apresentamos a tabela n. 8, que permite visualizar a distribuição dos sujeitos alunos e não alunos, segundo profissão e renda para sua manutenção.

TABELA n. 8: alunos e não alunos da UNATI segundo profissão e fonte de renda para automanutenção

UNATI		ALUNOS									NÃO ALUNOS									total
		RENDA PARA AUTOMANUTENÇÃO									RENDA PARA AUTOMANUTENÇÃO									
PROFISSÃO		SEM RENDA	Variável Suficiente	151,00 a 200,00	201,00 a 500,00	501,00 a 1.000,00	1.001,00 a 2.000,00	2.001,00 a 3.000,00	+ de 5.000,00	SEM RENDA	Variável suficiente	151,00 a 200,00	201,00 a 500,00	501,00 a 1.000,00	1.001,00 a 2.000,00	2.001,00 a 3.000,00	3.001,00 a 5.000,00	+ de 5.000,00		
Industrial	2	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	2	
Agropecuaria	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	
Professor	3	-	1	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	
Motorista	2	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	2	
Engenheiro	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
Agricultor	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
Representante comerc.	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
Ferreiro	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
Bancário	4	-	-	-	-	-	1	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	
Pedreiro	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
Diretor de Escola	2	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	
Contador	2	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	
Pespontador	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	
Comerciante	4	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	4	
Funcionário púb.	3	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	3	
Engenheiro-agrônomo	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
Mecânico torneiro	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	
Ferrovário	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	
Eletricista	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	
Serviços gerais	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	
Cirurgião dentista	2	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	1	-	-	2	
Advogado	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
Curtumeiro	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	
Chaveiro	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
Sapateiro	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	-	-	-	-	2	
Lavrador	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	
Total	42	-	1	-	1	4	9	3	2	1	1	8	4	1	2	3	1	-	1	42

A indicação na tabela sobre um advogado que declarou não possuir renda foi por ele esclarecida da seguinte forma:

“... não tenho renda própria, pois o fato de viver nesta casa que você está vendo, é confortável e estar sendo muito bem tratado com roupa lavada e passada, refeições de boa qualidade, me faz sentir até envergonhado. Devo isto a minha mãe que hoje está hospitalizada. Com 88 anos, ela não está bem, diabete alterado. Não fosse ela, teria que depender de minha irmã, pois sou divorciado. O meu processo de aposentadoria não deslancha... Procuro cuidar da fazenda numa intenção de retribuir o que minha mãe está fazendo por mim...”

Verificamos pelos dados apresentados na tabela 8, que o índice maior de renda com que os alunos da UNATI contam para a sua manutenção, recai na faixa entre R\$1.001,00 a R\$2.000,00. Já os não alunos da UNATI, apresentam uma renda variável e suficiente para atender as suas necessidades básicas. Essa tabela oferece indicadores que permitem verificar que na medida em que a profissão é qualificada em termos de maior escolaridade, a renda acompanha um valor mais elevado.

Em sentido inverso, a renda apresenta valores menores e a profissão indica dado de menor necessidade de escolaridade para o seu exercício. Por exemplo: lavrador, chaveiro, pedreiro, sapateiro, pespontador.

Para acompanhar esse perfil, a tabela n. 9 oferece uma posição sobre a idade dos sujeitos deste estudo, e grau de escolaridade, permitindo observar que apenas um entrevistado declarou não ter escolaridade:

“no meu tempo (82 anos) não havia escola na roça e só quando eu vim morar na cidade é que comecei a estudar por conta própria; via meus filhos estudar na cartilha e ficava por perto e fui aprendendo. Quando não entendia perguntava para eles. Fiz assim também com as contas. Sabia fazer contas de cabeça e ao

aprender a ler os números e como armava as contas no papel, tive maior facilidade. Fiz assim com os livros que eles estudava, por isso me considero auto didata...”

TABELA n. 9: Alunos e não alunos da UNATI, segundo idade e escolaridade

Escola- idade Idade	ALUNOS								NÃO ALUNOS								
	Semi alfab	1º Grau		2º Grau		Su- pe- rior.	subtotal		Semi alfab	1º Grau		2º Grau		Su- pe- rior.	Total		
		Inc.	C.	Inc.	C.			%		Inc.	C.	Inc.	C.		Sub	geral	%
50 – 55	-	-	-	-	-	4	4	19.0	-	-	-	-	1	-			12.0
56 – 60	-	-	-	-	2	-	2	9.6	-	1	1	-	-	1	3	5	12.0
61 – 65	-	1	-	-	1	2	4	19.0	-	2	2	-	-	-	4	8	19.0
66-70	-	1	-	-	-	5	6	28.5	-	2	2	1	-	2	7	13	30.9
71 – 75	-	1	1	-	-	1	3	14.3	-	-	1	-	1	-	2	5	12.0
76 – 80	-	1	-	-	-	1	2	9.6	-	1	-	-	-	-	1	3	7.14
Mais 80	-	-	-	-	-	-	0	0.0	1	1	-	-	-	1	3	3	7.14
Total	0	4	1	0	3	13	21	100	1	7	6	1	2	4	21	42	100
%	0	19.0	4.7	0	14.3	62.0		100	4.7	33.6	28.5	4.7	9.5	19.0			100

Nesta tabela os dados revelaram que os idosos não alunos da UNATI na sua maioria, ou seja, 62,1%, concluíram o ensino fundamental e médio, variando com pouca diferença entre aqueles que não conseguiram terminá-lo. Chama a nossa atenção a predominância de idosos que freqüentaram o curso superior: 40,4%.

1. As Relações Sociais dos Idosos face ao contexto vivencial do seu cotidiano

Ao estudarmos as relações sociais dos idosos em seu cotidiano, elencamos alguns aspectos que acreditamos, possibilitariam um visual mais conectado com o objetivo central deste estudo. Ao identificarmos nas relações sociais, dados sobre sua ocupação atual, estaríamos conhecendo o seu cotidiano, não só em termos da utilização do tempo disponível como do relacionamento

com outras pessoas, além dos familiares, indicando dessa forma, alternativas de adaptação adotadas para suprir sentimentos de vazio a novo modo de vida.

Através das interações embutidas nas relações recíprocas entre os indivíduos ou grupos, emergem os relacionamentos diversos, cujos dados postos nas tabelas 10 e 11, nos falam a respeito da atual vida ocupacional dos sujeitos. Associando estes dados à teoria social do ciclo da vida que incorpora a importância e benefício que trás às pessoas que envelhecem, a incorporação de novas ocupações e até desempenho de papéis.

TABELA n. 10: Os sujeitos – alunos e não alunos da UNATI, segundo atividades ocupacionais

UNATI	OCUPAÇÃO ATUAL				Total
	Aposentados	%	Trabalhando	%	
ALUNOS	17	81.0	4	19.0	21
NÃO ALUNOS	09	43.0	12	57.0	21

TABELA n. 11: Os sujeitos – alunos e não alunos da UNATI, segundo ocupação do tempo livre

UNATI	ATIVIDADES NO AMBIENTE DOMÉSTICO		%	ATIVIDADES FORA DO AMB. DOMÉSTICO		%
ALUNOS	- televisão	18	85.7	-bares, restaurantes	7	3.3
	- descansar, ler jornais, ouvir música	16	76.1	-clubes, grupos de amigos	15	71.4
	- cuidar jardim, sítio, chácara	3	14.2	-visitar familiares	2	9.5
	- fazer consertos em aparelhos domésticos	3	14.2	- frequência a cultos religiosos	15	71.4
				-assistir a shows artísticos	9	42.8
				-cinema, teatro	9	42.8
				-viagens	13	61.9
				-passeios	15	71.4
				-prática de esporte	2	9.5
NÃO ALUNOS	- televisão	21	100	- pesca	3	14.2
	- cuidar da roça, plantas	5	23.8	- passeios	21	100
	- construir brinquedos	1	4.7	- viagens	6	28.5
	- cuidar de pássaros	1	4.7	- nadar	1	4.7
	- ler jornais, descansar	7	33.3	- grupo de amigos, clubes	7	33.3
	- estar no aconchêgo do lar	2	9.5	- circo	2	9.5
	- consertos domésticos (fechaduras, móveis e utensílios elétricos)	1	4.7	- caminhadas	1	4.7
				- teatro	1	4.7
				- cinema	3	14.2

Observação: esta informação possibilitou aos sujeitos mais de uma indicação

Quanto aos dados contidos na tabela n. 10, cumpre-nos esclarecer que em relação a este universo pesquisado, conceituamos por atividade ocupacional produtiva a situação dos sujeitos que embora aposentados, continuam exercendo ou buscaram a realização de atividades que lhes proporcionem acrescentar renda mensal além da auferida através da aposentadoria.

Dos entrevistados alunos e não alunos, 61,0% encontram-se aposentados sem exercer qualquer atividade extra com possibilidade de aumento de renda. Destes 33,3% afirmaram que estão achando difícil acostumar-se à situação de levantar pela manhã e não terem aonde ir; o hábito de sair para o trabalho continua presente em seu cotidiano, como forma de ocupação do tempo e, muitas vezes, eles saem de casa, fazem caminhadas mas logo voltam pois não tem mais para aonde ir. Para ficar conversando na rua, sentem que estão perdendo tempo; ficam preocupados com que os outros vão pensar deles. Com a aposentadoria, ficaram sem objetivo, sem saber como ocupar o tempo antes totalmente dedicado ao trabalho. Ainda não conseguiram despertar para os momentos e a necessidade de pensar e planejar atividades e construir novos relacionamentos que possam vir a preencher este tempo vazio.

Importante destacarmos que englobamos as atividades desenvolvidas em relação ao uso de tempo livre, no conceito do lazer como ocupação não obrigatória e de livre escolha. No bojo deste conceito está a associação de valores benéficos ao ser humano visto que possibilitam o desenvolvimento pessoal, social e até mesmo, no dizer de Requixa: **“recuperação psicossomática, alcançável através da prática do lazer”** (Requixa, 1980, p.33).

Constatamos que os idosos consideraram ocupação do tempo livre as atividades que realizam no ambiente doméstico e fora dele, que lhes propiciem desconcentração, relaxamento de tensões, contato com os amigos e estabelecimento de novas amizades.

Destacamos na coleta dos dados contidos na Tabela n. 11, colocada a seguir, que as opiniões sobre dedicação de tempo livre à realização de múltiplas atividades nos foram transmitidas com aparente satisfação, deixando transparecer

sentimentos que atestavam essa alegria. Alguns referiram-se que hoje conseguem realizar atividades com os quais sonhavam ou aspiravam mas que com o comprometimento com os horários que o trabalho formal lhes impunha, ficavam impedidos.

“Uma das coisas que eu mais queria fazer era ir pra beira do rio com amigos e pescar; eu até sonhava com isto. Agora eu posso ir; só não vou mais vezes porque meus amigos andam meio adoentados e eu não gosto de ir sozinho.”

Uma outra fala mostrou-nos:

“logo que eu aposentei, fiquei desenganchado; levantava cedo, tomava o café correndo; aí eu lembrava que não precisava ir trabalhar, mas ficar em casa fazendo o que?! Aí eu saía pra rua; andava, andava, cumprimentava um, brincava com uma criança que passava e voltava pra casa. Foi então que eu comecei a pensar. Aqui perto de casa tem um parquinho e a criançada vai brincar lá; eu comecei a observar que alguns brinquedos eram perigosos; então, eu comecei a chamar os meninos para jogar bola de vidro. Eles não sabiam como eram as regras do jogo; eu ensinei. Hoje, o dia que eu não vou lá, eles vem aqui em casa me chamar. Eu me sinto agora tão bem que me dá até vontade de chorar.”

Assim é que a pescaria, cuidar de pássaros, do jardim, sítio, chácara, estar em contato com a natureza, fez renascer o que os idosos chamaram de tempo de criança, pois todos eles que citaram estas ocupações, nasceram e foram criados na roça.

Neste particular, não houve diferenças entre as falas dos alunos e não alunos da UNATI. A diferença se apresentou em relação a preferência por freqüentar teatro e shows artísticos, assistir a programas de televisão de cunho

cultural; músicas clássicas e documentários. A prática de esportes como voley, natação, basquete adaptado à idade bem como frequentar a academia de ginástica, atividades estas que retratam a vivência das pessoas com um nível econômico diferenciado dos demais. São as opções colocadas pelos alunos que participam da UNATI e que possuem um nível de instrução superior. Alguns entrevistados não alunos também mencionaram estas preferências e igualmente frequentaram uma faculdade.

As falas de nossos sujeitos nos permitiram apreender aspectos emocionais, como os sentimentos reprimidos, manifestados através de palavras de conformismo diante das situações econômicas precárias vivenciadas que impediram a realização de suas aspirações. Neste quadro, observamos:

“Bem que eu gosto de viajar; olhar no mapa e ver o nome de cidades que a gente ouve falar das maravilhas que elas têm; a vontade é ir visitá-las, mas com o salário que eu ganhava e pior, o que eu ganho agora, e as despesas para manutenção de casa, não dá nem para sonhar. Não consegui fazer um pé de meia para viver agora com mais fartura e poder viajar. Mas nem por isso, vou ficar chorando pelos cantos da casa. Isso não é coisa mais importante na vida.”

Em termos culturais, constatamos que 54,7% informou ter preferência por leituras e pelas atividades culturais citadas anteriormente. O dado fornecido por um dos entrevistados, chamou nossa atenção uma vez que embora tenha declarado ser advogado, sua predileção na ocupação de tempo livre se prende a:

“na minha vida, uma das coisas que eu mais gostava, era ir na Prefeitura e ver meu tio trabalhar; ele foi Prefeito e eu, criança, achava interessante como todas as pessoas queriam falar com ele. Mas na Prefeitura, nessa época, havia uns quadros nas

paredes que eu não me cansava de admirar e pensava um dia, eu ainda vou ser pintor. Hoje, meu passatempo predileto é pintura a óleo. Estes quadros que você está vendo, fui eu que fiz; eles têm defeitos, mas fui eu quem fiz.”

Outro entrevistado fez questão de que ouvíssemos um disco que um conjunto de serestas gravou. E no momento em que o solo de piano foi evidenciado, o entrevistado disse:

“essa música fui eu que compus e sou eu que toco. Hoje, parece que o povo não dá mais valor a este tipo de música, mas na realidade, são valores que não podiam cair no esquecimento, mas...”

As falas dos sujeitos deixam entrever uma realidade vivencial afirmada por Renato Requixa em seus estudos sobre o lazer na vida do ser humano. A dedicação do tempo para atividades de lazer, de cultura traz em sua essência contribuição para o pensar, o agir do ser humano. É uma forma de educação para a vida.

2. A questão do trabalho na vida do idoso

Ao identificarmos as falas de nossos sujeitos ligadas ao trabalho, registramos que tanto os alunos da UNATI, como os não alunos, exteriorizaram de uma maneira geral, entre outras qualificações, o trabalho como um bem; como meio de realização pessoal e social do ser humano, como algo dignificante para o homem.

“o trabalho foi tudo em minha vida. O trabalho é digno do ser humano, sem ele a pessoa se acaba, não tem estímulo para viver. Na verdade, dona, passei por momentos bons e ruins na minha vida. Com o fruto do meu trabalho cheguei a montar um ponto

comercial e fiquei bem na vida. Depois por vadiagem, farra e depois a doença, perdi tudo. Sacrifiquei a minha família. Voltei a trabalhar de empregado e foi aí que eu valorizei mais ainda o trabalho na minha vida.”

As desigualdades presentes na história social, política, econômica brasileira, estão refletidas no universo deste estudo. Dos 42 entrevistados, apenas 5 não se aposentaram, embora estejam preparando os documentos ou aguardando a resposta final; dois estão pensando em dar entrada nos papéis, mas receosos do retorno ser decepcionante. Destes, há um que é advogado e, exatamente por ser advogado, está movendo processo contra secretarias de Estado há quatro anos, pois se sente injustiçado com o que vêm fazendo com ele. Após 35 anos de trabalho não consegue das secretarias, a documentação sobre a contagem de seu tempo de serviço. A explicação é ter trabalhado em diversas secretarias e o processo tramita de forma burocrática retardando resposta concreta.

Da mesma forma identificamos que todos iniciaram ou “foram colocados para trabalhar” em atividades ligadas à lavoura. Seus familiares residiam em sítios ou fazendas, alguns como proprietários e outros, como lavradores. Iniciaram suas atividades na faixa etária compreendida entre 7 e 12 anos, 50,0%, e praticamente não tiveram infância, pois estudavam em um período do dia, no outro trabalhavam e a noite tinham “lição da escola” para preparar.

Na medida em que os pais passaram a morar na cidade, foram conseguindo empregos e ocupações em serviços diversificados, notando-se que o nível cultural e econômico dos familiares, influenciou e bastante, aqueles que continuaram a estudar.

Alguns vivenciaram a situação de má remuneração, porque sem qualificação profissional não conseguiam “tirar carteira profissional” e, conseqüentemente, serem registrados. A carteira era dificultada naquele momento histórico às pessoas sem qualificação profissional. Viviam até então na

roça, seu trabalho não era regulamentado nas categorias que a lei especificava, por isso eram enquadrados como trabalhadores de 2ª categoria. Os salários eram reduzidos e hoje, a renda da aposentadoria é quase irrisória. Esta realidade retrata o momento histórico vivenciado pelos entrevistados, no Brasil.

Esta fala apresentada a seguir nos mostra o trabalho visto como parte integrante de um processo educacional aprendido não só através da família, mas também, na própria experiência de vida:

“Desde os 8 anos, eu comecei a puxar enxada na roça junto com meu pai e meus irmãos; ia na escola até às 11 horas; depois, ia levar a merenda para meu pai e meus irmãos e o resto do dia, eu trabalhava. Mesmo depois de casado, continuei a trabalhar pro meu pai. Quando eu precisava de dinheiro, eu falava com ele: Oh pai, eu preciso de um terno, e meu pai me dava o dinheiro para ir ao alfaiate mandar fazer o terno. Depois eu ouvi falar que no Paraná, havia muito trabalho; aí eu resolvi ir pra lá trabalhar com o café porque todo mundo falava que assim a gente ganhava mais dinheiro. E eu fui; trabalhava o ano inteiro e quando colhia o café tinha dinheiro; quando o dinheiro acabava, aí só na outra colheita. Foi quando surgiu a oportunidade e eu entrei para a FEPASA. Isto foi em 67. Foi muito diferente; eu gostei mais ainda de trabalhar; sim porque o trabalho nunca me assustou. Em 1992 eu me aposentei mas me arrependi, porque o homem não pode ficar sem ocupação. De repente eu comecei a sentir que incomodava em casa. Os filhos ficava inquieto me vendo sem fazer nada. Então, eu saio e vou fazer caminhada, conversar com os amigos.”

Há uma evidência marcante nesta fala a respeito do sentimento de vazio e de inutilidade na vida deste senhor. Verificamos que esta pessoa não se preparou para esta fase de sua vida, embora no seu passado, tenha direcionado novas iniciativas para a questão do trabalho. Portanto, tem potencial para criar novos projetos de vida. Conseguiu superar suas frustrações e, percebemos que

lhe falta agora ser estimulado a despertar-se para um novo caminho, novo momento.

Um ponto negativo a prejudicar a melhor qualidade de nosso estudo, foi o acúmulo de atividades profissionais a desenvolver contribuindo para que não retornássemos aos sujeitos entrevistados como seria desejável, principalmente em relação àqueles que nos entregaram os roteiros respondidos. Estes procedimentos, abririam chances para ampliar as falas dos sujeitos e, portanto, aprofundar nossa pesquisa. As questões formuladas, constituíram estímulo à evocação de um passado distante. Ora, a teoria explica-nos que podem ocorrer dificuldades com o processo de lembranças de fatos passados, e um tempo maior propiciaria, talvez, resultados diferenciados, mais enriquecedores para este estudo. Eclea Boosi e Henri Bergson são autores que nos forneceram subsídios para fundamentar esta questão.

Eclea Bosí em seu livro *Memória e Sociedade* esclarece que, teoricamente, a estímulos iniciais, a memória chamada recente, reconhece ou recorda os fatos passados há poucos dias. Do ponto de vista de ações estimuladas e reações a obter, os estudos científicos realizados por Henri Bergson, relativos à natureza e funções da memória, recomendam levar em conta os aspectos tais como:

- os estímulos levam ao cérebro, comando maior de nosso corpo, a mensagem a ser trabalhada no intelecto à busca de uma resposta ou reação. Quando ocorre apenas a ida do estímulo até o cérebro e nele permanecendo sem contato posterior para ativar o retorno, ou seja, a resposta, ocorre o risco de não acontecer a articulação do tripé, chamado por Bosí: “**imagem, cérebro, representação.**” (Bosí, 1979, p.6);
- nesse mecanismo de funcionamento, há a considerar a questão da percepção que depende de um processo corporal que “vive sempre no momento atual, imediato, e se realimenta desse mesmo presente em que se move o corpo em sua relação com o ambiente”. (Bosí, 1979, p.7);

- nessa visão, a percepção surge como um espaço entre ações e reações e, neste estudo, interferindo ou influenciando as falas de nossos entrevistados, quando estimulamos as lembranças sobre as suas vivências cotidianas associadas aos trabalhos que desenvolveram ao longo de suas vidas, não tivemos tempo suficiente para retornar na busca das respostas aos estímulos e, inclusive, a complementação das informações, conforme mencionamos anteriormente.

Por outro lado, tendo em vista esta situação a considerar na evocação de lembranças, não nos preocupamos em deixar os roteiros com aqueles que assim o preferiram. Estes tiveram o tempo considerado hábil para apreender o estímulo através do convite para colaborar no estudo e espaço para buscar os dados que se transformaram em sua fala a respeito de cada enfoque temático.

A ilustração abaixo, está impregnada de uma experiência de vida e que enfrenta hoje, a considerada por ele, difícil decisão de entrar com pedido de aposentadoria face à burocracia existente e delimitadora em termos de atribuir um valor mais justo a quem já pagou a sua poupança prévia conforme as exigências nacionais:

“demorei muito para responder ao seu questionário porque queria colaborar de forma útil para o seu estudo. Para responder ao que eu preciso sobre o significado do trabalho em minha vida, preciso me reportar aos 16 anos, hoje tenho 68, quando comecei a tomar consciência de que devia me decidir por uma carreira profissional. Meu pai sempre lidou com fazendas de sua propriedade, situadas em São Paulo, Goiás, Mato Grosso. Eu até então, estudava, e nas férias unia-me aos meus quatro irmãos para trabalhar na roça. Aprendi a fazer de tudo: carpir, plantar, colher, armazenar o café, milho, arroz, etc. Laçar gado, vacinar, inseminar. Mas o que me impressionava e me fez decidir pela carreira de administrador, foi o meu irmão mais velho que era

economista e amava a sua profissão e sabia administrar com gabarito, as fazendas do papai. Como eu tinha facilidade com números e escritas contábeis, fiz o curso de Ciências Contábeis, de Administração de Empresas e depois Direito. Mas isso não vem ao caso. Na minha vida, aprendi que o trabalho é a baliza que o homem precisa e que deve servir de rampa para alcançar novos horizontes. Para isso, deve se dedicar totalmente ao que se está fazendo: com amor, dedicação, determinação, atenção e vibração e dando o melhor de si. Não importa a profissão, a função e o tipo de trabalho e, assim, continuar galgando os degraus da vida. Não se pode esquecer de que em todo trabalho a realizar, precisam estar presentes a honestidade e vontade de vencer; o companheirismo também. Foi com essa garra que eu consegui vencer na vida. Agora, acho que não vou aposentar não; o salário não compensa.”

Um outro aspecto a destacar e que foi encontrado em várias respostas e entrevistas, refere-se ao significado atribuído ao momento de parar de trabalhar. Para alguns, este momento vem sendo retardado, pois, apesar de aposentados, passaram a realizar outros tipos de serviços porque vêem o trabalho:

“como algo gratificante na vida; representa a própria vida, a integração, o sentir-se valorizado e útil; dá sentido á vida.”

Para outros, a ânsia do aposentar foi frustrante, porque o vazio da ausência do trabalho estava provocando depressão:

“por força da circunstância, precisei começar a trabalhar aos 13 anos, quando meu pai faleceu. Amigos da família avisaram que o Samelo aceitava eu trabalhar como aprendiz. Não tive como dizer não; assim saia da escola e ia para a fábrica. Quando fiz 14

anos, fui registrado; isso foi uma valorização muito grande para mim, pois via muito homem maduro trabalhar sem registro. No serviço fiz amizades; passei por todas as sessões de montagem do sapato; não quis ser chefe de sessão por dois motivos: um porque não iam me pagar diferença de salário e outro porque chefe perde a amizade dos colegas e eu não queria que acontecesse isso comigo. Após trabalhar 35 anos, sonhava com a aposentadoria e descansar. Mas um ano de aposentado, não agüentei mais levantar de manhã e não ter para onde ir; o que fazer? Sempre achei que ia morrer antes que minha mulher, e quando ela morreu foi pior. Aí é que eu decidi a aceitar o convite do Samelo e voltei a trabalhar mais seis anos e meio. Por motivo de doença, não posso mais me ocupar de trabalhos como os que eu fazia. Hoje, para não me sentir inútil, além de caminhadas e exercícios que preciso fazer, dedico-me a fazer pequenos consertos domésticos que me rendem um dinheirinho a mais e eu ocupo meu tempo.”

Constatamos, pois, que o assumir papéis ou atividades novas, é uma prática auto educativa que fortalece o sentido de utilidade e dignifica a vida, além dos benefícios que trazem para o ritmo de movimentação do corpo e da mente, estimulando a corrente sangüínea, a circulação, provocando maior bem-estar físico.

“eu trabalhei desde os 14 anos. Meus avós tinham fazenda aqui perto de Cristais, mas meus pais foram morar em São Paulo porque lá o salário era melhor. Por cartucho político, meu pai arrumou um bom emprego para mim. Quando me aposentei, em 1983, fiz de tudo para voltar a morar aqui em Franca. São Paulo não é mais lugar para se viver. Eu já estava ficando tão doente que quase toda semana precisava ir para o hospital por causa da falta de ar. Assim, num trato com meus irmãos, vim com minha mulher para cá e agora tomo conta do sítio que temos. Cuido das

galinhas, dos pássaros, da horta. Minha saúde é outra, graças a Deus.”

Por todo este contexto, acreditamos com Orfelina Vieira Melo que:

“O homem é um ser social, por isso, em todas as idades, precisa do convívio alegre e fraterno de seus semelhantes, compartilhando dos seus prazeres, das suas preocupações e vitórias” (Melo, 1993, p.74).

3. O processo educacional vivenciado pelos idosos

Os comentários a fundamentar a análise dos dados colhidos com os idosos, em relação a este grupo temático, se interrelacionam com as influências recebidas pelo ser humano ao longo de sua infância e juventude, e que contribuíram para o processo de formação de sua personalidade, permitindo a caracterização de condutas no seu cotidiano, integrando a sua identidade.

A educação tradicional pressupunha um período de vida das pessoas, durante o qual, as mesmas deviam ser preparadas para a fase adulta, para o seu futuro. Pais e professores partiam do princípio de que os filhos e alunos, chegariam a viver em sociedade, assumindo lideranças de suas próprias vidas e o desempenho de papéis para os quais precisavam seguir normas.

É a chamada educação informal que se efetua no meio familiar e ou nos grupos com os quais a pessoa convive. Já a educação formal está mais associada à escola.

Constatamos, por exemplo, que os idosos com mais de 60 anos, viveram em lares cuja educação era bem rigorosa. O comando da família pertencia ao pai que tinha a responsabilidade de tomar as decisões e manter a família sob sua submissão, ser respeitado e obedecido. À mulher, competia administrar a casa, educar os filhos, ser submissa ao marido e sem questionamentos.

“lembro que meu pai falava e todos nós obedecíamos, mesmo que não estivéssemos de acordo com as ordens dele. Minha mãe era meiga, obediente e para não vê-la triste, nós todos respeitávamos as decisões de meu pai. Com esta imagem, tentei passar para meus filhos esses ensinamentos, mas não é fácil. Hoje é tudo diferente. Eu tinha horário para chegar em casa; hoje os filhos começam a se arrumar para sair na hora que eu tinha que chegar e, não adianta falar com eles.”

As crianças eram tratadas de modo diferente; não participavam das conversas dos adultos e muito menos, eram chamados a opinar. Nesta fala identificamos valores educacionais aprendidos pelo entrevistado entrando em choque que a mente dos jovens de hoje.

“Meu pai era muito bravo e dizia que “filho meu, não tem vontade; eu sei o que é bom para ele”. Hoje eu acho que não é bem assim, mas naquele tempo, eu não sabia de nada da vida. Sentia que meu pai era exigente, mas no fundo ele se preocupava com a gente. Costumava a noite, reunir os filhos e conversar com a gente sobre como se conduzir na vida. Aconselhava e dava exemplos para a gente lidar com as brigas nas ruas. Com minha família, eu não consigo agir assim. Os meninos saem e voltam tarde e não há tempo para conversar. Hoje eu vejo as normas e os valores são diferentes.”

Verificamos que, inclusive sobre o aspecto de educação sexual, embora com muita restrição, alguns idosos falaram a respeito:

“Em casa, o papai é quem tinha a palavra final e ele era bem claro nos assuntos quando dizia: meus filhos, homem não abraça e nem beija outro homem. Beijar só as mulheres assim mesmo, não é qualquer uma. Ensinava a gente a dividir o tempo para

tudo que precisava ser feito; tempo para estudar, para trabalhar, para passear, para ir à igreja. E trabalhar sempre com honestidade e compromisso.”

Traço forte e marcante está registrado nesta fala, relativamente ao domínio exercido na família patriarcal, pelo chefe. Predominavam na época, valores que atribuíam ao homem poder decisório ao desempenho de papel familiar e no processo educacional.

A evidência de uma forte relação afetiva e de admiração, respeito familiar, está presente nestas falas. As lágrimas que presenciamos nos olhos de alguns entrevistados, nos levaram a associar este fato com as características do envelhecimento quando os psicólogos falam sobre o aumento da sensibilidade emocional.

Com relação aos idosos com menos de 60 anos, os dados retrataram situações mais diferenciadas na conduta educacional dos filhos evidenciando que com o evoluir das relações interpessoais, os valores, os conceitos vão sofrendo mudanças:

“Em casa, as decisões, orientações e conselhos que recebia dos meus pais, eu percebo hoje, que com meus filhos, tenho que ser diferente para conquistar sempre a sua confiança e amizade. Via que meus pais combinavam e pensavam igual. Mas mesmo assim, era com minha mãe que a gente conversava os assuntos da escola, mas os assuntos de trabalho eram com meu pai; parece que ele é quem entendia mais desses assuntos de homem. Mas hoje, vejo que meus filhos precisam aprender a divisão de responsabilidade igual para os homens e para as mulheres.”

“Fiquei em casa até 17 anos, quando minha mãe morreu e meu pai casou de novo. Não quis aceitar outra mulher no lugar de minha mãe. Meu pai ficou muito bravo e eu não obedeci; saí de

casa. Mas vejo que tudo o que meu pai me ensinou, valeu muito para a minha vida.”

Esta fala registra a atitude do entrevistado no tocante ao respeito e à dificuldade de diálogo com o pai.

No grupo familiar, efetiva-se, portanto, a história individual e social de cada pessoa. A forma de conduzir as relações familiares encontra respaldo na experiência vivida, embora a maioria tenha manifestado opinião de que hoje tudo está diferente. Há maior liberdade, não só nas conversas como nas condutas dos mais jovens. Esta abertura de visão entre os entrevistados mais jovens, retrata a mudança de valores e de dinâmicas nas interações familiares.

“Por mais que eu fale com meus meninos sobre respeitar, obedecer, não ser egoísta, ter responsabilidade, vejo que a conduta deles parece não responder ao que eu ensino.”

“Olha, tenho hora que eu acho que não valeu nada eu ensiná pros menino como agir na vida; de repente eu encontro pessoas que vem me elogia pelo jeito que eu educo meus filho. Aí eu fico feliz porque vejo que fui útil na vida deles.”

Neste contexto de influência educacional, procuramos levantar alguns dados ligados ao aprendizado, orientações transmitidas pela escola enquanto educação formal, relativamente à preparação para a vida e respectivo desempenho de papéis na sociedade. Embora no pré teste, tenhamos conseguido da parte dos entrevistados, a compreensão quanto ao conteúdo intencional das questões, na realização da pesquisa, observamos que a sua compreensão ficou mais ligada ao aspecto de desempenho do papel homem e mulher na sociedade, mas de ordem sexual, justificando-se boa parte de respostas com esta afirmação:

“No meu tempo não se falava dessas coisas na escola.”

Por outro lado, algumas falas retratam a linha condutora da educação transmitida através do programa oficial para a rede de ensino:

“Na escola tradicional, as que mantinham os chamados Cursos Primários, onde o regime era rígido; o ensino era ministrado separadamente: os meninos agrupados em classes masculinas e as classes femininas para as meninas. Através das chamadas “aulas de Moral”, os professores, então, ensinavam e orientavam seus alunos e alunas, como eles tinham que desempenhar os seus papéis de menino e menina tanto na escola, como em casa e na sociedade. Os professores ensinavam que as atribuições masculinas e femininas, eram bem definidas: os meninos tinham vida mais livre e sem tantas restrições. As meninas eram educadas com maior rigor, pois, mais tarde, seriam a rainha do lar e tinham que ser dóceis e educar seus filhos. O homem mantinha uma posição mais confortável; trabalhava e desempenhava o papel de mantenedor do lar, devendo arcar com as despesas e ser rígido na educação dos filhos, principalmente das meninas. Nessa época, ou seja, até o início da década de 60, era o homem que galgava todos os postos de chefia e comando na sociedade: havia uma discriminação muito grande entre o homem e a mulher. Hoje.... tudo é diferente...”

Esta fala, registra a presença de uma ideologia relativa aos distintos papéis desempenhados por homens e mulheres, reproduzidos através de uma rotina diária de anos de vida escolar. A imagem do homem como líder, chefe, nos postos de comando, esteve muito ligada à ideologia dos anos 40/60, em que a política educacional foi e deveria estar atrelada à política do desenvolvimento econômico. Ao homem competia produzir, sendo que em preocupação menor estavam as demais relações sociais, familiares.

O discurso governamental, veiculava a idéia de uma mentalidade associada à política de produtividade que contribuiria para propiciar o

desenvolvimento do país. No dizer que Miriam Limoeiro Cardoso, em seu estudo sobre a Ideologia do Desenvolvimento JK – JQ, a perspectiva governamental se prendia a:

“ampliar o sistema educacional do País e colocá-lo a serviço do desenvolvimento. Não se perde, porém, a estreita interdependência que os une, isto é, não se presume que a educação seja condição prévia para o desenvolvimento, nem vice-versa, mas se percebe que um depende do outro. Em nossos dias, a educação, a ciência e as atividades produtoras, constituem três faces de um mesmo problema, que só em conjunto pode ser resolvido. Por assim entender, é que o Governo vem dando passos decisivos, a fim de que, simultaneamente com a industrialização do País, se acelere o seu desenvolvimento cultural e científico.” (Limoeiro Cardoso, 1978, p.219).

Nesse sentido, os conteúdos programáticos das cartilhas de alfabetização, os livros de estudos sociais, de educação moral e cívica, traziam na essência dos valores conceituais neles existentes, a impregnação de uma preparação de cada cidadão e, de acordo com sua capacidade, suas potencialidades, indicadores para desempenho de tarefas que contribuiriam para o citado desenvolvimento qualificado pela ideologia, como útil, necessário e bom. No fundo, os homens deviam ocupar-se das atividades produtivas e não se envolverem com atividades secundárias como lazer, ou preparação para o seu amanhã. Às mulheres competia cuidar do bem estar dos homens para que eles pudessem produzir melhor.

Podemos articular essa inter-relação com o objeto de nosso estudo, numa perspectiva de compreensão da conduta masculina em não apresentar interesse por novos projetos alternativos como ocupação alternativa do seu tempo ocioso, opção esta que poderia ser interpretada como perda de tempo, perda da masculinidade.

4. O envelhecer na ótica do idoso

Para o enfoque sobre o envelhecer na fala dos nossos sujeitos, partimos da crença de que as diferenças individuais e sociais estão presentes nesse processo de envelhecimento, sendo que cada ser humano o retrata de acordo com a sua experiência vivida. Optamos em escolher o projeto UNATI, como alternativa adotada pelos idosos sujeitos deste estudo, para buscar novos conhecimentos, para ocupar seu tempo, preparando-se para um envelhecer mais consciente, mais saudável.

Nossa primeira preocupação foi associar que as pessoas que procuram na UNATI um novo projeto para a sua atual fase de vida, poderiam estar pensando diferente daqueles idosos do sexo masculino que estão vivendo na comunidade francana. Contudo, os dados colhidos nos mostram que as diferenças marcantes no modo de pensar o envelhecer se atem de modo particular, nas preocupações manifestadas por 76,1% dos entrevistados não alunos, relativamente a sua auto manutenção pessoal ou familiar.

“Nunca pensei que o envelhecer fosse desta maneira, ter que morar na casa de minha irmã, porque o que eu ganho da aposentadoria, não dá para eu ter a minha casa. Estou com 82 anos e acho que posso cuidar tranqüilamente de mim. Meus filhos dizem que eu não posso ficar sozinho, mas morar com eles eu também não quero, por causa que eles têm um jeito diferente do meu, para educar as crianças e vai dar briga. Mas mesmo tirando estas questões, eu acho que envelhecer é um fato natural na vida do ser humano. Com o progresso que está aí, eu queria estar nascendo hoje para aproveitar tudo.”

O processo de envelhecimento para este entrevistado, trouxe a possibilidade de lidar com diferentes situações, aprendendo a superar as perdas e a organizar sua nova condição de vida familiar. Também revela a consciência, que tem sobre os limites e possibilidades em relação a não interferir na vida dos

filhos sem romper contatos, relações afetivas, familiares. Por outro lado, apresenta a realidade de contar com reduzidos recursos advindos da aposentadoria, que é um fato concreto e que se constitui preocupação marcante nessa fase de vida, levando os idosos a experimentarem suas seqüelas desastrosas:

“O envelhecer em si, é um fato para todos os seres vivos. Tenho comigo, que envelhecer no seio da família, é ser feliz e se for com saúde, com amigos, melhor ainda. O que inquieta e trás preocupação é o tratamento desumano dos governantes contra os aposentados. É um desconsolo enfrentar filas sem qualquer atenção especial que as leis apregoam. Nos bancos, eu vejo os cartaz que fala “fila para idosos”, mas você vê na fila mulher, criança, gente nova – cadê o respeito? Outra coisa que revolta, é a gente se sujeita às consultas médicas marcadas com longa data de espera, quando a gente precisa, é na hora que vai procura o médico. Acho dona, que é difícil a pessoa que procura médico sem está precisando. Outra coisa que machuca a gente, é ver a discriminação que o Governo permite fazer com as desigualdades nos valores e condições para aposentadorias. A lei no Brasil, diz que todos os brasileiros são iguais, mas isso é só no papel.”

É evidentes que os governantes deveriam se sensibilizar no sentido de mudar este quadro tão hostil ao idoso. Ações precisam ser empreendidas no sentido de provocar mudanças, de envolver lideranças, os próprios idosos em movimentos que busquem alternativas para um novo cenário. No dizer de Salgado:

“o velho não pode ser condenado a velhar.” (Salgado, 1996, p.65)

Do ponto de vista do envelhecer físico, as falas dos sujeitos foram também marcadas por manifestações de não aceitação da realidade vivida, embora velada discretamente:

“o envelhecer é um processo natural, embora do ponto de vista físico seja desvantajoso, pois quero fazer as coisas, sei fazer, mas... o corpo não ajuda.”

Outras falas manifestaram apreensão, inaceitação do envelhecer, associado ao sentimento de solidão.

“No envelhecer, a gente vai desaparecendo devagarinho; a gente está com os familiares, mas ao mesmo tempo, sente que está sozinho. A solidão parece tomar conta do pensamento e isto me causa muito mal-estar. Estou fazendo tratamento, mas parece que não estou melhorando.”

Outros idosos também fizeram referência à presença da solidão em suas vidas. Com as pessoas com as quais pudemos conversar a respeito, nos foram colocadas as situações de dificuldades econômicas, de afastamento total do trabalho através da aposentadoria e da perda de contato com colegas do serviço que faziam. Estas pessoas não estão participando de outras atividades que pudessem estar contribuindo para a mudança deste quadro, necessitando de ajuda externa para tanto.

Por outro lado, há considerações que retratam o envelhecer como forma natural de vida com aspectos positivos a considerar:

“O envelhecer, além de ser um fato natural, é bom; é fruto de sabedoria que inclusive, ajuda a gente a cultivar as tradições, a cultura, a estar sabendo como lidar com as forças físicas e mentais, de acordo com as limitações que vão, aos poucos, emergindo. Na verdade, com o envelhecer, a gente acumula

experiências boas e ruins; viver bem na velhice será guardar as coisas boas e, esquecer as ruins, mesmo porque são fatos já ocorridos e que não dá para mudar.”

Esta fala vem de encontro à expectativa dos brasileiros à formulação de políticas sociais para atender às realidades sociais. A sabedoria acumulada pelos idosos, precisa ser reconhecida e utilizada para subsidiar a construção de novos momentos e novas oportunidades para as pessoas nesta faixa etária.

5. Novos projetos de vida: a UNATI como alternativa

As imagens que formamos a respeito do envelhecer nestes anos de estudos e que mencionamos no decorrer desta elaboração, se voltam para configurar que a vida vale a pena ser vivida quando se dá sentido a cada etapa de sua caminhada.

Na realidade, a ciência, a tecnologia, a própria modernização estão a evidenciar as perspectivas de mudança, levando em conta o homem em sua capacidade total, inclusive nesta momento de vida – a velhice.

Uma das formas para proporcionar e estimular a melhoria da vida dos idosos, em todos os sentidos, está ligada à criação de condições para a realização de um efetivo trabalho valorizador, no qual o grupo de idosos como um todo, seja objeto do ato educativo.

Diante da constatação das falas dos pesquisados sobre suas alegrias e decepções, sobre interesses e desinteresses, reforçamos nossa crença na necessidade de um procedimento metodológico que levasse a investigar, escutar e conhecer como os homens idosos pensam e se colocam na perspectiva de introduzir em suas vidas, novos projetos que possibilitem mudar o seu ritmo vivencial, enfrentando perdas e buscando novos horizontes de vida.

Prevalece nesta iniciativa de estudo, a certeza de que a velhice não significa rompimento com a vida, deixar-se ficar num canto, mas colocar o intelecto em ação. Contudo, este é o nosso pensar a respeito da questão e, os idosos, o que pensam e como estão agindo?

Assim sendo, inserimos nas questões dirigidas aos 42 sujeitos desta etapa de nosso estudo, dados sobre a iniciativa da UNATI como projeto alternativo, possibilitando abertura de espaço cultural para preenchimento útil do tempo livre e disponível.

Como espaço cultural, consideramos aqui uma prática de ocupação do tempo livre ou ocioso, que possa acrescentar algo construtivo na vida das pessoas.

Para os alunos da UNATI, as questões referiram-se a dois pontos básicos, quais sejam a visão que tem da UNATI e o motivo sobre o que poderia estar levando os homens idosos a não se aproximarem em maior número desta iniciativa. Por conhecerem a realidade oferecida pela Universidade, os sujeitos teriam maiores condições para emitir suas informações.

Pelas respostas, constatamos haver unanimidade na fala dos sujeitos no que diz respeito a afirmar que o projeto é bom; foi louvável a iniciativa, constituindo-se em suporte para as pessoas que estão sem opção de atividades a virem ocupar o tempo livre. Destacamos a seguir, algumas falas que retratam o pensamento de muitos:

“Foi uma iniciativa louvável, uma grande conquista e um meio de favorecer a vida dos idosos em todos os aspectos: físico, intelectual, psicológico.”

A expressão conquista permite analisar que a pessoa tem noção clara que uma iniciativa desta natureza, depende de várias circunstâncias para tornar-se realidade. Trata-se de investimentos que são feitos, os quais nem sempre estão muito disponíveis.

“o idoso precisa ter o seu espaço e ampliar seus conhecimentos, além de oportunidade para fazer novas amizades e ocupar o vazio que a aposentadoria traz na vida da pessoa.”

Este enfoque parece valorizar mais os aspectos intelectuais associados à afetividade, através do estabelecimento de amizades que constituem estímulos extrínsecos e benéficos ao ser humano. Saber que existe alguém interessado em atender a sua realidade, é positivo.

É sabido que o trabalhar, é um hábito enraizado no ser humano, sempre ligado à questão de sobrevivência. O trabalhar, no sentido de auto cuidar-se, parece ser algo novo na vida de algumas pessoas entrevistadas. Assim:

“É um caminho para as pessoas começarem a ver a vida de modo diferente, aprender novas coisas, refletir sobre o que está acontecendo no mundo; vejo isso no curso de cultura italiana que estou fazendo.”

Necessário se torna considerar que o ser humano adquire a maior parte de seus conhecimentos teóricos, através de vivência prática. Ao procurar um espaço desta natureza, está fazendo opção por um estudo mais direcionado a interesses pessoais e mais capaz de atender as suas necessidades; está introduzindo um rumo diferente ao seu cotidiano. Organiza sua vida, de modo a assumir um compromisso consigo mesmo, visto que metodizará seus novos horários, seus hábitos, incluirá um novo ritmo, uma nova dimensão a sua rotina e estabelecerá um novo elo de participação pessoal e voluntária compromissada com diferentes valores de satisfação.

As demais falas ou comentários tecidos pelos sujeitos, trazem alusão a significados da UNATI em suas vidas, confirmando as colocações acima: oportunidade para fazer novas amizades; esquecer as preocupações rotineiras e os “probleminhas” de saúde; ocupar seu tempo com alegria e satisfação, sentir-se valorizado; aprender novas coisas.

Interessante registrar o desenvolvimento de novas amizades, porém, ocorrendo de forma diferente das conversas mantidas nos clubes e grupos de amigos:

“Uma das melhores coisas que aconteceu na minha vida, depois de aposentado, foi aceitar o convite para matricular-me no curso de italiano. Achava que, como diretor de escola, eu não tinha mais nada para aprender. Me julgava um sujeito com cultura; mas aí que eu me enganei e comecei a ver quanta coisa eu já aprendi nestes seis meses de curso. Não há dinheiro no mundo que compense esse bem-estar, esta satisfação que venho sentindo. Até o problema de pressão alta que me preocupava tanto, está mais controlado.”

Quanto às motivações que expliquem a possível fundamentação da presença reduzida de homens idosos na UNATI, apuramos as indicações:

- “comodismo;
- falta de maior incentivo;
- desconhecimento; falta de divulgação;
- o tipo de programação não atrai o interesse masculino;
- o idoso acha que já não está mais em idade de voltar para banco de escola;
- depende do valor que o homem dá à cultura;
- outros interesses preenchem seu tempo;
- alguns ainda trabalham e não têm tempo;
- vergonha de ser chamado de velho;
- preferem a ociosidade.”

A fala que despertou maior atenção a respeito referiu-se a:

“A maioria dos homens se aposenta após ter uma vida inteira de serviço com responsabilidade de horário a cumprir e não

querer ter mais este tipo de obrigação. Para a maioria dos homens que conheço e já conversei a respeito da UNATI, sei que eles consideram uma bobagem, desnecessária uma vez que as opções constantes das programações oferecidas, não interessam a eles. A maior parte prefere ficar à toa do que participar da UNATI.”

Nestas afirmações, vemos que ao uso do tempo livre estão sendo atribuídos valores associados à necessidade sentida de não compromisso com a continuidade de seu crescimento pessoal, cultural, mas evitar novos horários a cumprir. Uma outra faceta poderia ser levada em consideração nestes posicionamentos, ou seja, o tempo de adaptação à nova situação de vida, de uso do tempo livre. Na vida ativa, agitada do trabalho, o tempo passa muito rapidamente e chega a angustiar as pessoas porque não sobra espaço para realizações pessoais, de lazer e outras. O mesmo não acontece com a pessoa descompromissada, com a rotina dos horários diários; o tempo parece não passar; o vazio começa a fazer parte dessa vida e com ele, as possíveis seqüelas negativas: inutilidade, ausência de como compensar as perdas, a auto desvalorização e outros.

“Com o envelhecer, os dias parecem ficar mais longos; por mais que eu busque o que fazer, sempre sobra tempo e o pior, o dinheiro que ganho não dá para pensar em viagens. Este é um jeito que eu acho, ajudaria a distrair. Mas também fico pensando: gasto o dinheiro com a viagem e depois, volto a ficar sem ter o que fazer. É, não sei não...”

Em relação ao grupo de sujeitos não alunos da UNATI, os questionários, a sondagem de opiniões se prendeu a verificar se tinham conhecimentos da UNATI como meio para ocupação do tempo livre. Apenas duas pessoas entrevistadas informaram haver ouvido falar alguma coisa, mas não se lembravam direito o que. Os demais teceram comentários até elogiosos à

iniciativa, embora a desconhecemos com mais detalhes do que o que procuramos informar para podermos efetuar as demais questões.

“A idéia é muito boa. O homem anda à procura do saber. É um complemento da cidadania e da modernidade.”

“em boa hora, acende-se mais uma luz que ditará rumos para o cidadão. Não sei se eu aceitaria participar. Acho que, talvez, com cautela. Dependerá do tipo de atividade ou curso.”

Nesta fala, observamos o espírito com que a iniciativa UNATI foi interpretada pelos sujeitos, quando afirma ser mais uma forma de serem “ditadas normas”, oferecendo a impressão de uma ação que não levará em conta, o construir coletivamente, excluindo portanto, a possibilidade de determinações.

“UNATI: uma preocupação nascente para estimular as pessoas idosas a manterem-se na busca do conhecimento, de forma a evitar o seu isolamento e com isso, resguardar o seu interesse pela vida enquanto ela existir.”

Dos 21 entrevistados, apenas três responderam mais espontaneamente, que aceitariam o convite para participar do novo projeto. Isto nos leva a ponderar alguns aspectos em torno mais especificamente da UNATI como novo projeto de vida. Jeanete Liasch Martins de Sá, idealizadora e coordenadora da Universidade Aberta à III Idade na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em pronunciamento que fez em evento organizado pelo Conselho Estadual do Idoso, afirma que essa participação nas universidades abertas, vai implicar numa situação de reordenamento da vida das pessoas idosas. Quanto maior for o tempo em que a pessoa estiver afastada do trabalho formal, maior será a necessidade de redispôr os compromissos do seu cotidiano para predispor-se a um novo projeto. Esta atitude, exige uma atitude diferente daquela que envolve participar de um passeio, de uma diversão de curta

duração. Poderia haver maior resistência em introduzir mudança em seus hábitos de vida diária.

Neste particular e inclusive baseadas em nossa experiência pessoal e profissional com idosos, temos consciência de que as alternativas a serem utilizadas para sensibilizar a pessoa idosa a decidir-se por novos projetos de vida, vão requerer argumentações diversificadas diretas e específicas para os homens. A presença de um psicopedagogo será indispensável, além da questão da persistência. Mudança de hábitos de vida não são conseguidos da noite para o dia. Exigem medidas ou ações prolongadas e inclusive, pedagogia da presença muito perspicaz.

Por outro lado, temos a ponderar que o não interesse por sair da rotina, do cotidiano pode ser explicado pelo sentimento de apego a tudo que foi significativo na vida da pessoa até então. Trabalhar este aspecto será mais um ponto de reflexão e argumentação a usar na sensibilização para trazer os homens idosos a um novo tempo de vida.

Prova disto está no euforismo com que os alunos masculinos da UNATI vivem o seu hoje. Comparecem com assiduidade e cada vez mais, querem participar de todos os cursos e oficinas que são oferecidos; lamentam nas férias escolares, o tempo de não poderem ir à Faculdade.

Na realidade, estes alunos já incorporaram em suas vidas, este novo ritmo de participação, comprovando as recomendações de gerontólogos e geriatras e outros especialistas da área, a respeito de que envelhecer não é sinônimo de decadência, de parar de aprender, de inutilidade, de “velhar”.

C O N S I D E R A Ç Õ E S F I N A I S

“O afastamento gradativo da vida profissional e social, talvez seja, hoje, o maior desafio para reintegrar o idoso na dinâmica familiar e comunitária.”

(Melo)

O ser humano é um todo como um todo foi considerado ao longo deste estudo, ou seja, em sua dimensão histórica; ser que possui necessidades básicas, físicas, sociais, culturais, psicológicas em busca de seu mais pleno desenvolvimento.

Relembramos que o objetivo deste trabalho foi analisar o significado do envelhecer para o homem que vivencia essa realidade, bem como conhecer sua preocupação ou não, em preparar-se para seu amanhã.

Consideramos inicialmente, haveremos atingido nossa proposta de estudo, a partir do registro efetivo dos sujeitos, a respeito das preocupações que apresentaram em suas falas sobre como vêm o envelhecer.

Foi sem dúvida alguma, no cotidiano que apreenderam grande parte dos conhecimentos que os nortearam na tomada de decisões e no desejo manifestado para adaptar-se às normas de vida em vigor, buscando nos seus relacionamentos, essa nova situação.

Os estudos teóricos que realizamos para fundamentar nossas reflexões, confirmam que há seqüelas no processo de envelhecimento que são reais e algumas inevitáveis. Os fatores econômicos, políticos, culturais continuam exercendo influência nas condições de vida dos seres humanos, sendo que na velhice, as dificuldades para superá-los são maiores. Por exemplo os prejuízos que uma baixa renda mensal trazem para as pessoas idosas, são consideráveis e as impedem até mesmo de se motivarem a introduzir novos projetos que mudem os rumos de suas vidas. Para os idosos homens, esta situação é carregada de sentimentos de inutilidade, desvalorização.

A realidade estudada, permitiu-nos ver perspectivas de intervenção que colocadas em prática, favoreceriam resultados eficazes como ações preventivas para tornar o envelhecer mais saudável e menos sofrido.

A participação de idosos homens e no projeto UNATI, comprova a sua eficácia, constatada através das mudanças, nos relacionamentos e na aparência física dos alunos, após algum tempo de frequência ao programa.

Há registro, inclusive, de melhoras física, mental de alguns idosos, propiciadas principalmente, pela participação nas oficinas oferecidas por este projeto.

Para a construção investigativa deste estudo e através da pesquisa qualitativa, utilizamo-nos da entrevista, envolvendo momentos de aproximação que se constituíram em oportunidades para aprofundar nosso relacionamento, que resultou no conhecimento dos sujeitos e de suas realidades vivenciais. O fato de residirmos em Franca e conhecermos alguns alunos e não alunos desde a nossa juventude, facilitou a abordagem a estes idosos.

Um outro fator positivo que viabilizou o estudo a alcançar resultados favoráveis, foi a adoção de grupos temáticos como pontos chaves para nortear a coleta de dados; os sujeitos se identificaram com os aspectos neles contidos, abrindo-se para conversação e possibilitando o maior conhecimento de sua realidade vivencial.

Uma variável que emergiu em nosso estudo, foi o aspecto das relações afetivas e a força dos laços familiares, fator de extrema importância, pois constituem-se no elo de apoio e de estímulo para a superação de inúmeras perdas. O aconchego do lar é realmente comprovado neste universo pesquisado, como sendo o sentido de suas vidas, o refúgio; aquele lugar que oferece segurança. Por não se constituir objeto de nosso estudo, não nos aprofundamos neste aspecto, contudo é temática que abre perspectivas para a possibilidade de estudos futuros e maiores reflexões.

O enfoque sobre o envelhecer, nos permitiu considerar que, independentemente da questão econômica, as pessoas consideram a velhice como fator natural da vida, acrescentando-lhe nuances positivas e vantajosas. Por outro lado, há sujeitos que não estão conseguindo superar as seqüelas negativas desse envelhecer.

O grupo de idosos alunos da UNATI, deixa transparecer que o fato de alguns desfrutarem de situação econômica estável lhes possibilita viver satisfatoriamente e com melhor disposição participativa. Mostram-se mais comunicativos e apresentam maior entusiasmo para viver, comprovando que a introdução de novos projetos nesta fase da vida, é salutar e benéfico ao idoso homem.

Por outro lado, já não acontece o mesmo com os sujeitos que vivem na comunidade – os não alunos – têm uma situação econômica estável e sentem-se insatisfeitos. Apresentam desânimo e pouco entusiasmo por novos planos de vida.

O inter-relacionamento entre a ocupação do tempo livre de hoje, com a longa vida de trabalho que vivenciaram, comprova a dificuldade em mudar seus hábitos de vida, para novas práticas. Embora a ocupação do tempo livre seja definida como oportunidade para maior desenvolvimento e crescimento humano em qualquer idade, em relação a estes dados, constatamos que os idosos não têm consciência, nem estão despertados para esta questão. Suas vidas estão impregnadas da sensação de que o “fazer” e o “trabalhar” é a base para atender às necessidades básicas do homem. Assim sendo, seu tempo somente pôde ser preenchido com atividades produtivas. O “nada por fazer” no sentido de auto satisfação, ainda está por ser assimilado e incorporado por eles como nova conduta nesta fase de vida.

Registramos que dos 42 entrevistados, cerca de 15% apresentou comentários evasivos a respeito das desigualdades sociais e econômicas brasileiras, invalidando a generalização do seu conteúdo para o universo pesquisado.

Ao optarmos pelo projeto de extensão universitária, como espaço para situar os sujeitos de nossa pesquisa, o fizemos, tendo em vista consolidar a proposta sócio-educativa associada ao próprio caráter ampliado da Universidade, através da proposta de extensão universitária a demandas e interesses da comunidade onde se localiza. Efetivamente, em termos de abrir espaço e conseguir atender a uma demanda, encontramos uma resposta positiva. Contudo, temos a reconhecer que ainda falta percorrer uma longa caminhada para a maior sensibilização, principalmente dos homens idosos na busca de um envelhecer com qualidade de vida.

Face a este contexto e nestas considerações finais, afirmamos que longe de esgotar as questões que envolvem a expressão italiana, chegamos à compreensão de que é possível entrever entre os limites e possibilidades inerentes à vida de cada ser humano, chance para despertar e transformar a

velhice, numa etapa efetivamente natural da vida, mais saudável. Por acreditarmos que isto é possível, colocamos aqui a fala de Anísio Baldessin, padre Camiliano capelão do Hospital das Clínicas, SP, sobre a questão da idade, do viver e do relacionamento na vida com os outros:

“Você é velho não tanto quando tem uma certa idade,
mas quando tem certos pensamentos.
Você é velho quando lembra as desgraças e ofensas
sofridas e esquece as alegrias e os dons
que a vida lhe ofereceu.
Você é velho quando se aborrece com as crianças
que correm, as meninas que conversam animadamente
os jovens que se beijam.
Você é velho quando continua a louvar os tempos
antigos e lamenta tanta novidade.
Você é velho quando não gosta mais do canto dos
pássaros, do sabor do pão, da frescura das águas,
da beleza das flores.
Você é velho quando continua a dizer
que precisa ter os pés no chão
e apaga da sua vida a fantasia,
o sonho, o riso, a poesia, a música.
Você é velho quando acha que terminou para você
a estação da esperança e do amor.
Você é velho quando pensa na morte
como descer ao túmulo ao invés de subir ao céu.
Se, ao contrário, você ama, espera, ri, então,
DEUS alegre a sua juventude mesmo que você
tenha 90 anos.”

(Baldessin, 1996, p.92)

Agora acreditamos e conseguimos entender que “La vecchiaia é bella ancora che brutta” – A velhice é bela ainda que sofrida.

B I B L I O G R A F I A

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Bernadete de Lourdes Figueiredo de. A construção de uma alternativa metodológica de pesquisa qualitativa em serviço social. In *Serviço Social & Sociedade*, n.34, Ano XI. SP. Cortez, 1990.
- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao Trabalho?* 3.ed. SP: Cortez, 1995 (Unicamp – Campinas. SP).
- ARNAUD, Yves Saint. *A Pessoa humana: introdução ao estudo da pessoa e das Relações Interpessoais*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1984.
- BALDESSIN, Anísio. *O Idoso: viver e morrer com dignidade*. In Gerontologia. São Paulo: Atheneu, 1996.
- BAPTISTA, Dulce Maria Tourinho. *O debate sobre o uso de técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa*. In: NEPI-PUCSP. 2.ed. São Paulo: Cortez: 1994.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice: realidade incômoda*. v.I. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1977.
- BELTRÃO, Pe. Pedro Calderan S.J. *Família e Política Social*. Rio de Janeiro: Agir, 1962.
- BERGER, Peter L. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BERQUÓ, Elza. Algumas considerações demográficas sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: *Anais do I Seminário Internacional: Envelhecimento Populacional – Uma Agenda para o Final do Século*. Brasília, MPAS. SAS, 1996.
- BORN, Tomiko. A dignidade humana na terceira idade. In: *Revista Tempo e Presença*, n. 264. São Paulo: CEDI, 1992.
- BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: Lembrança dos Velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor LTDA, 1979.
- CALDAS, Célia Pereira. *A Saúde do Idoso: a arte de cuidar* (org.) Rio de Janeiro: Ed. Verj, 1998.

- CANÔAS, Cilene Swain. *A condição humana do velho*. São Paulo: Cortez, 1983.
- CARDOSO, Miriam Limoeiro. *Ideologia do desenvolvimento – Brasil: JK – JQ*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2.ed., 1978.
- CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. *Cotidiano: conhecimento e crítica*. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- CHARBONNEAU, Paul Eugène. *Da teoria ao homem*. Ensaio sobre a teologia da libertação. São Paulo: Loyola, 1985.
- CIGNOLLI, Alberto. *O Estado e força do trabalho: Política Social no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CERVO, Amado Luiz e BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica: para uso de estudantes universitários*. 3.ed. São Paulo: McGraw do Brasil, 1983.
- DALLARI, Dalmo de Abreu. *O destino dos velhos em nossa sociedade*. São Paulo: SESC, 1980.
- DI GIANNI, Victalina Maria Pereira. *A Convivência Social do Idoso Francano. Franca*. UNESP. FHDSS, 1992.
- DONFUT, Athias Claudinei. *Lazer e aposentadoria: aspectos conceituais*. São Paulo: SESC, 1980.
- DUMAZIDIER, Joffre. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo: SESC-CODES, 1980.
- ERICKSON, Erik. *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- FACHIN, Odília. *Aspectos sociológicos da velhice*. São Paulo. Tese Doutorado – PUSCP-SP, 1975.
- FAUSTO NETO, Ana Maria Quiroga. *Produção Científica e Formação Profissional – Os Paradigmas do Conhecimento e seu reatamento no Cotidiano do Ensino, da Pesquisa e do Exercício Profissional*. In: *Cadernos ABESS* n.6 (Associação Brasileira de Ensino de Serviço Social). São Paulo: Cortez, 1998.
- FERNANDES, Florestan. *O desafio educacional*. São Paulo: Cortez, 1989.
- FERRARI, Maria Auxiliadores Cursino. *Oficinas de terapia da memória: conhecendo e preservando a memória na terceira idade*. In: *Revista A Terceira Idade* – ano XI, n. 19 – São Paulo: SESC, abril de 2000.

- FLINKLER, Pedro. *Qualidade de vida e plenitude humana*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 14.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- FREIRE, Paulo. *Política e educação*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo: *A ideologia da velhice*. São Paulo: Cortez, 1986.
- GARCIA, Regina Leite. Caminhos e descaminhos na alfabetização. In: *Revista Educação e Sociedade* n.28. São Paulo: Cortez, dezembro de 1987.
- GATTI, Bernadete. *O problema da metodologia da pesquisa das ciências humanas e sociais*. In: Cultivando a Pesquisa: Reflexões sobre a investigação em ciências sociais e humanas. Maria Lúcia Rodrigues e Noêmia Pereira Neves (orgs.) Franca-São Paulo: UNESP, 1998.
- GOLDMAN, Sara Nigri. Universidade para a Terceira Idade: Uma Lição de Cidadania. Tese de Doutorado – PUCSP, 1999.
- GUERRA, Iolanda. A ontologia do Serviço Social: bases para a formação profissional. In: *Serviço Social & Sociedade*, n. 54, Ano XVIII, São Paulo: Cortez, julho-1997.
- IANNI, Otávio. A Sociedade Global. 4.ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1996.
- JOSÉ FILHO, Pe. Mário (css). A Família como espaço privilegiado para a construção da cidadania. Tese Doutorado – UNESP - Franca, 1998.
- LAPASSADE, Georges. Grupos, organizações e instituições. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- LEME, Luiz Eugênio Garcez. A gerontologia e o problema do envelhecimento – visão histórica. In: Gerontologia (Matheus Papaleó Netto – org.). São Paulo: Atheneu, 1996.
- LESSA, Sérgio. A centralidade ontológica do trabalho em Lúkacs. In: *Serviço Social & Sociedade*, n. 51. Ano XVII. São Paulo: Cortez, dezembro 1996.
- LOPES, José Rogério. Da concepção dos sujeitos aos “modos de subjetivação”, noções e historicidade. In: *Serviço Social & Sociedade*, n. 51 – Ano XVII. São Paulo: Cortez, agosto 1996.

- LOPES, Ruth G. da Costa. As relações afetivas: família, amigos e comunidade. In: *Revista A Terceira Idade*, Ano X n. 17. São Paulo: SESC, agosto 1999.
- LUCHEST, Cipriano Carlos. *Fazer Universidade: uma proposta metodológica*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1986.
- MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. *A invenção social da velhice*. Rio de Janeiro: Papagaio, 1989.
- MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de Pesquisa*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. *Sociologia Geral*. 7.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- MARTINELLI, Maria Lúcia. *O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em Serviço Social*. In: NEPI-PUCSP. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- MARTINS, Edna Júlia Scombatti. *De volta à escola: investindo em uma proposta de universidade aberta à terceira idade*. Tese Doutorado – Unesp – Assis, 1997.
- MELO, Orfelina Vieira. *Aposentadoria? prêmio ou castigo*. Rio Grande do Sul: Editora e Gráfica Pe. Berthier, 1995.
- _____. *Espiritualidade na 3ª e melhor idade*. Rio Grande do Sul: Editora e Gráfica Pe. Berthier, 1993.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criticidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde*. 6.ed. São Paulo e Rio de Janeiro: HUCITEC ABRASCO, 1999.
- NETTO, Antônio Jordão. *A segregação do velho na sociedade*. São Paulo: Cortez, 1982.
- NOSELLA, Paolo, BUFFA, Ester, ARROYO, Miguel. *Educação e cidadania: quem educa o cidadão?* 6.ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- OLIVEIRA, Francisco. *Economia da dependência imperfeita*. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

- OLIVEIRA, Paulo de Salles. *Vidas compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo: HUCITEC: FABESP, 1999.
- PASCHOAL, Sérgio Márcio Pacheco. *Epidemiologia do envelhecimento*. In: Gerontologia. São Paulo: Atheneu, 1996.
- PAPALÉO NETTO, Matheus. *Gerontologia* (org). São Paulo: Atheneu, 1996.
- PAULITO, Maria Angela Dilveira. O poder das representações: M. Butterfly, a mulher perfeita. In *Serviço Social & Sociedade* n. 53, Ano XVIII. São Paulo: Cortez, março, 1997.
- PEREIRA, Dulce Maria (org.) *Idoso: encargo ou investimento? o envelhecer em São Paulo*. São Paulo: Proposta Editorial, 1992.
- PEREIRA, Iêda Lúcia Lima. *A terceira idade: guia para viver com saúde e sabedoria*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Carpe Diem, 1996.
- PETRUCCI, Maria das Graças R.M. Educação como instrumento de mudança. In: *Anais da III Semana do Serviço Social*. Franca: UNESP, 1984.
- PINO, Angel et alii. *A educação e os trabalhadores*. São Paulo: Co-ed. Desep/Dnte-CUT, 1992.
- PIVA, Pe. Sérgio Ibaner. Educação para um novo século. São Paulo: Ave Maria, 1992.
- REQUIXA, Renato. *Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer*. São Paulo: SESC, 1980.
- RODRIGUES, Maria Lúcia. *Cultivando a pesquisa: reflexões sobre a investigação em ciências sociais e humanas*; (co-autoria. Noêmia Pereira Neves (orgs.) FRANCA: Unesp, 1998.
- RUBIO, Afonso Garcia. Unidade na Pluralidade. São Paulo: Paulinas, 1989.
- SADER, Eder. Quando novos personagens entrarem em cena. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- SALGADO, Marcelo Antonio. *Gerontologia Social*. Rio de Janeiro: Doc. CBCISS n. 50 – Ano XII, 1979.
- _____. *Políticas sociais na perspectiva da sociedade civil: mecanismos de controle social, monitoramento e execução, parcerias e financiamento*. In

- Anais do I Seminário Internacional envelhecimento populacional: uma agenda para o final do século. Brasília: MPAS, 1996.
- _____. O Idoso Brasileiro no próximo século. In *Revista A Terceira Idade*, Ano X, n. 17. São Paulo: SESC, agosto, 1999.
- SETUBAL, Aglair Alencar. *Análise do conteúdo*: suas implicações nos estudos das comunicações. Nepi-PUCSP. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- SCHELER, Max. *Da reviravolta dos valores*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- SKIDMORE, Thomas. *Brasil de Getúlio Vargas a Castelo*. 10.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Brasil de Castelo a Tancredo*. 5.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- SINGER, Paul. *A Crise do milagre*. Interpretação crítica da economia brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- SOUZA, Irene Sales de. Identidade e construção da pessoa do educando. In: *Cadernos de Educação* n. 1. Franca: UNESP, 1994.
- TEIXEIRA, Anísio. *Educação no Brasil-atualidades pedagógicas*, 132. 2.ed. São Paulo: Ed. Nacional Brasília, INL, 1976.
- TORRES, Carlos Alberto. *A Praxis educativa de Paulo Freire*. São Paulo: Loyola, 1979.
- TUBINO, Manoel José Gomes. *Universidade, qualidade e avaliação*. Rio de Janeiro: Ed. Dunya, 1997.
- _____. *Universidade Cidadã*. In: Programa Nacional Temático de Fomento à Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Doc. Interno UNESP-SP, 1998.
- _____. Lei 8.842 de 04/01/94. Política Nacional do Idoso. Brasília. Imprensa Oficial, 1998.

A N E X O S

Roteiro para coleta de dados: 1ª aproximação

- Caracterização dos alunos da
UNIVERSIDADE ABERTA À III IDADE – UNATI
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – CÂMPUS DE
FRANCA

Roteiro para a pesquisa de campo: 2ª aproximação

- Instrumental relativo a:
a alunos da UNATI
a não alunos da UNATI

Índice de legendas

Prezado(a) Aluno(a)

A UNATI: UNIVERSIDADE ABERTA À III IDADE, está precisando de seu apoio e colaboração para dar continuidade ao seu funcionamento. Por isso, solicitamos a sua atenção no sentido de responder as questões do questionário abaixo, devolvendo-o devidamente preenchido na próxima aula, sem falta.

Lembre-se de sua colaboração poderemos organizar cada vez melhor, a programação do próximo semestre. Desde já muito agradecida.

Victalina Maria Pereira Di Gianni

QUESTIONÁRIO:

01. **DADOS PESSOAIS:** (preencher com um **X**, os espaços ():

Sexo: Masculino () Feminino () Idade:

Estado Civil: _____

Escolaridade: 1º Grau incompleto () Completo ()

2º Grau incompleto () Completo ()

Curso superior () Qual: _____

Ocupação: Atual: _____

Sua fonte de renda (para sua manutenção) tem permitido:

- a) viver com limitações ()
- b) viver atendendo as suas necessidades com satisfação ()
- c) gostaria de fazer algum comentário a respeito?

02. **DADOS FAMILIARES:**

Vive só ()

Divide moradia () Com quem? _____

Com quem você conta para resolver seus problemas sociais?

03. **DADOS SOCIAIS:**

Como você ocupa seu tempo livre?

Você participa de algum grupo?

Sim () Qual: _____

Não () Por que: _____

Gostaria de escrever algum comentário?

04. **EM RELAÇÃO À UNIVERSIDADE ABERTA À III IDADE:
UNATI/UNESP:**

O que é uma UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE para
você:

O que você pensou antes de entrar como aluno(a) para a UNATI?

Depois que entrou: o que pensa agora?

Como a sua família reagiu ao você entrar para a UNATI?

Escreva com suas palavras, o que você acha ou sente que mudou em sua vida ao começara a participar da UNATI:

Você teria sugestões sobre oferta de cursos, oficinas que a UNATI/UNESP poderia oferecer para o próximo semestre?

Gostaria de colocar neste espaço, alguma idéia ou observação que ache interessante estar fazendo?

Não precisa colocar seu nome neste questionário.

ROTEIRO PARA A PESQUISA DE CAMPO

OBJETIVO: Conhecer a visão masculina a respeito do envelhecer.

01. DADOS PESSOAIS (identificação)

Preenchido por:

Idade:

1.1. Estado civil (colocar apenas um **X**):

Solteiro() Casado() Viúvo() Separado (desquitado ou divorciado ()

1.2. Escolaridade:

Analfabeto () Semi-alfabetizado ()

Primeiro Grau: completo () incompleto ()

Segundo Grau: completo () incompleto ()

Superior: completo () incompleto ()

Curso que frequentou: _____

1.3. Renda para manutenção individual ou familiar:

sem renda: () Valor (opcional): _____

A renda é suficiente para as despesas: ()

A renda não é suficiente para as despesas: ()

Comentários:

1.4. Moradia:

Com quem mora: _____

1.5. Profissão: (qual)

- Ocupação atual: _____

02. RELAÇÕES SOCIAIS: VIDA SOCIAL/CULTURA/LAZER:

2.1. Quais atividades você costuma participar (indicar com **X** ou acrescentar):

() restaurantes, bares () cinema

() grupos de amigos, clubes () teatro

- () igrejas, cultos religiosos () televisão
 () shows artísticos () viagens
 () passeios: () a pé
 () de carro

Outros interesses: _____

2.2. O que você gosta de fazer no seu tempo livre:

03. VIDA E TRABALHO:

3.1. Com qual idade começou a trabalhar:

3.2. Como decidiu no que iria trabalhar:

3.3. O que levou a esta escolha:

3.4. Qual e como foi o seu primeiro trabalho: fale um pouco a respeito (remunerado, não remunerado, registrado em carteira, não, etc.):

(se precisar use o verso desta folha)

3.5. Você se aposentou? () sim

- () sim – há quanto tempo _____
- () não – quer falar a respeito?

3.6. Gostaria de falar sobre o significado do trabalho em sua vida?

3.7. Com o passar dos anos, você imaginou como seria a sua vida ao envelhecer?

3.8. Como você vê a questão do envelhecer; comente a respeito:

3.9. Para aposentados: a aposentadoria trouxe alguma mudança em sua vida? Você fez planos para esta fase da vida? Que preocupações afligem o aposentado:

04. **VIVÊNCIA EDUCACIONAL:**

4.1. Você se lembra como foi que seus pais ensinaram sobre preparação para a vida?

4.2. Na escola, como os professores ensinavam ou falavam sobre o papel do homem e da mulher na família, no trabalho, na sociedade? Fale um pouco a respeito:

**05. DADOS EM RELAÇÃO À UNIVERSIDADE ABERTA À III IDADE
– UNATI - Roteiro para Idosos não alunos da UNATI**

5.1. Você já ouviu falar a respeito da UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE?

() Sim; o que sabe sobre ela?

() Não

5.2. A UNATI oferece uma proposta de espaço cultural para ampliar os conhecimentos das pessoas que estão a caminho do envelhecer. O que você pensa a respeito desta proposta?

5.3. Se você fosse convidado a frequentar a UNATI, o que responderia?

**05. DADOS EM RELAÇÃO À UNIVERSIDADE ABERTA À III IDADE
– UNATI - Roteiro para Idosos alunos da UNATI**

5.1. O que o levou a decidir por participar da UNATI?

5.2. Como você vê a UNATI?

5.3. Gostaria de colocar observações a respeito da programação oferecida pela UNATI?

- 5.4. Na sua opinião, por que os homens não se aproximam em maior número para participar da UNATI?

Gostaria de acrescentar algum comentário?

Lembre-se da sua franqueza e resposta a todas as questões dependerá o maior êxito deste estudo. Obrigada,

Victalina

Í N D I C E D E L E G E N D A S

C.E.I.	- CONSELHO ESTADUAL DO IDOSO – São Paulo
I.B.G.E.	- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
I.A.P.s.	- INSTITUTO DE APOSENTADORIAS E PENSÕES
I.N.P.S.	- INSTITUTO NACIONAL DA PREVIDÊNCIA SOCIAL
M.P.S.S.	- MINISTÉRIO DA PREVIDENCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL
P.R.O.E.X.	- PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS
S.A.S.	- SECRETARIA DE ASSITÊNCIA SOCIAL
S.E.A.D.E.	- FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS
S.E.S.C.-SP	- SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SÃO PAULO
U.N.A.T.I.	- UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE
U.S.P.	- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
U.N.E.S.P.	- UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO”